

Alckmar Luiz dos Santos

# São Lourenço

RBL  
Editora  
2003

---

---

**São Lourenço** - Alckmar Luiz dos Santos

Copyright © **RBL Editora**

Todos os direitos de edição eletrônica estão reservados, em Língua Portuguesa, para a **RBL Editora**. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema “retrieval” ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização, por escrito, da **RBL Editora**.

Editor: **Luis Filipe Ribeiro**

**RBL Editora**

Rua Raja Gabaglia, 19/201 - Grajaú

20540-280 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Fone e fax: 00 55 21 25712176

E-mail: [editor@rbleditora.com](mailto:editor@rbleditora.com)

---

***São Lourenço*** © Alckmar Luiz dos Santos

---

***Para Solon, Venâncio de Carvalho,  
muita gente pruma só pessoa.***

---

**RBL Editora**

***O mal não é que a vida não nos dê as coisas; o mal é que ela sempre as dá, para, depois, tirá-las.***

Juan Carlos Onetti, citado de cor

***As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite.  
Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!***

João Guimarães Rosa, citado por algum personagem

Se me deixassem, eu voltaria a São Lourenço.

Não por saudosismo, claro, mas para saber exatamente o que teria ocorrido por lá, ou, mais precisamente, o que teria acontecido com este que aqui se insinua, envergonhado ainda de se expor à contundência das próprias artimanhas. Pois não é que você, leitor, com toda a sua desfaçatez ingênua, consegue sempre furtar-se, *in extremis*, ao golpe pesado da ficção, enquanto que eu tenho de encher-me de atavios e de recursos estilísticos que não conseguem, afinal de contas, nem mesmo disfarçar a platitude do misérrimo pronome com que me rotulo? E se fosse só eu, vá lá, um narrador sempre ganha algo com os personagens que pendura em sua conta, mas falta alguma coisa, exatamente isso que teria ocorrido em São Lourenço, há vinte anos atrás e que tem-me atormentado em sonhos, encontros, tropeços, reclames, buzinas, quizilas, nessas pequenas coisas com que nos envolvemos no dia-a-dia e

---

que nos obrigam a desviar nossos olhos quando as encaramos, de frente, sem querer, como uma poça d'água em que pisamos, desastrados, ao dobrar uma esquina que não conhecemos, ou quando esbarramos inadvertidamente com alguém, o que é quase sempre motivo de desagrado mútuo, de consternação recíproca, que não é porque se está em certo lugar indevido, todo cercado por coisas e pessoas e ocasiões e motivos de que nem mesmo se desconfia, que se deverá ser marcado a ferro em brasa e pagar culpas e penas que nunca chamou para si.

Mas há tempos venho pensando em São Lourenço, e no que lá teria ocorrido, tentando tudo resumir por meio de um artifício matemático. E talvez tudo tenha como ser explicado através do problema de Euler, esse que nos exige descobrir de que maneira andar com o cavalo, por todo o tabuleiro do xadrez, passando por cada casa apenas uma única vez. Mas, ainda assim, mesmo lançando mão dessa matemática de livrinhos de charada e adivinhas, ainda assim imprevisibilidade e impertinência vão continuar dando as cartas e o tom da dança, que nunca se saberá ao certo o que fazer da última casa, se ela deve ser mesmo a última por onde ainda não se passou ou se ela deve ser aquela

---

primeira de onde se saiu. Enfim, de todo modo, uma imagem desse jaez, labiríntica e adornada com o rigor sempre suspeito da matemática, pudesse talvez pôr termo a minha busca. Se ela bastasse, se ela pudesse, ao menos, deixar-me satisfeito com a falsa impressão de que uma boa e inesperada metáfora tivesse meios de substituir a verdadeira busca! Mas, como já disse, falto eu mesmo, e esta ausência deve me levar até o fim dos dias. E volto, com isso, aos incômodos, vários, sobretudo ao incômodo que você me causa, pois que o fim dos meus dias se constrói na exata medida em que me aproximo do término destas linhas. E pode até parecer estranho invocar tal situação numa narrativa que mal está começando, mas aí reside exatamente um dos grandes paradoxos em que nos é dado existir, que construímos nossos percursos exatamente para chegar ao cabo e ao fim, com a vantagem, para o seu lado, que você pode abreviar minha existência e deixar cair o livro ainda bem antes da metade, matar-me de desprezo, antes que eu o mate de tédio. Mas, suprema e, ao mesmo tempo, simplérrima vingança de que só posso me orgulhar, nesse caso você não saberia o que ocorreu em São Lourenço, assim como talvez não saiba nem mesmo onde fica São Lourenço. Não importa! O que vale, mesmo, neste momento, é que você já se deixou enredar por armadilha digna dos narradores mais medíocres e vai conceder-me

---

um pouco mais de sua paciência, ainda algumas linhas; talvez, sendo otimista, algumas páginas a mais. É só do que preciso.

Na realidade, vingo-me, não com piparotes ou palavrões, mas com palavras, dos incômodos e das perdas que se têm acumulado com obsessiva insistência nos últimos tempos. E das frustrações, claro, que ninguém fica incólume diante de si! A solução para o problema de Euler, que, para ser sincero, talvez nunca tenha encontrado, pode me dar a falsa sensação de que consegui dominar os senões dos personagens, os desvios dos leitores e os desvãos das palavras. E, como toda falsa solução — tão boa quanto qualquer frase de efeito — poderia até mesmo vir a agradar os incautos e deixar-me com o sabor de uma digestão bem feita, mas, diacho!, como fazer o maldito cavalo saltitar por entre as casas, sem tropeçar no imprevisto de uma repetição? Como dar a você umas pontadas de insinuação, sem que me perca nesse rol de nomes e gentes e objetos e fatos inventados? A lógica do teorema exigiria que eu produzisse capítulos e mais capítulos seguindo uma ordem preestabelecida e um rigor de falsa evidência que enganaria esse leitor não-especialista e não muito disposto a continuar seguindo minha

---

cantilena atordoante. Depois, poderia recheá-la com aconselhamentos barateados, tudo enfeitado pelas últimas descobertas da medicina niueige com rudimentos de Tai-chi-chuam e manifestações de apreço às minorias sexualmente transmissíveis!

Oras! Minhas atuais condições físicas não me permitem atrevimentos de grande monta. Tremores nas mãos têm-me impedido uma destreza maior no manejo da escrita; daí certa vacilação que se pode encontrar nesta dicção pesada e soturna. Uma escoliose renitente, capaz de resistir aos mais esotéricos esforços de toda essa malta de massoterapeutas e magnetizadores, adeptos dos cristais e do gim-sengue, impõe-me esforços freqüentes de contenção física. Por último, um reles, um maldito joanete, surgido nesses últimos dias, tem-me atormentado toda a existência, jogando um pouco de balanço nas minhas cada vez mais raras caminhadas. Alguém menos perspicaz poderia até confundir essa oscilação com a andadura habitual dos marinheiros e atribuir-me fumos de galanteria aventureira, enredos dignos de Conrad ou Maugham, com locações exóticas nos Mares do Sul. Mas não é com esse tipo de mentira que pretendo enganá-lo, caro leitor; a minha trama não seria tão baixa, tão

---

evidente! Não desperdiçaria meu tempo apenas para convencê-lo de que haveria alguma heróica explicação por trás da decadência física. Não por isso! Fique atento, pois a armadilha que estou preparando é bem mais sutil. Aliás, ela talvez nem esteja aqui, nesta nossa conversa, mas em tudo o que ocorreu em São Lourenço, há mais de vinte anos, agora. E, depois de todo esse tempo, não posso deixar de sentir que o problema de Euler ainda é o que de melhor pode resumir minhas peripécias, naquele Reveiom de 1979.

Com as exceções de praxe, sou o que de mais previsível se possa imaginar: sem nome, sem título, sem pretensões de constituir família ou fundar ordens beneméritas, sem carro, sem apólices ou pecúlio, dotado somente de algum rumo. Todavia, vou-me dar, aos poucos, o prazer de inventar tudo isso, se não para imenso gáudio deste escriba, ao menos para conforto de quem o segue, minimamente atento. Garantia de guardar ainda um pouco sua atenção. E, diga-se, o não ter posses ou pose, até hoje, garantiu-me certa independência, ao menos a possibilidade de manter-me carrancudo diante dos sorrisos alheios. E alegremente leve, ou evidentemente hostil, diante das pequenas misérias que

---

perderam o pudor de esconder-se. Certa feita, quando passeava pelo parque ao lado de casa, esbarrei com um garoto que brincava com um barquinho à vela, desses de miniatura, em um daqueles pequenos lagos que parecem diretamente tirados de algum filme da nuvele vague. Uma lufada mais forte afastou o barquinho da beira do lago e do alcance do garoto, que se pôs a chorar, incomodado pela perda cada vez mais provável do brinquedo, e apostando cada fibra de esforço muscular no incômodo que o choro causaria em algum adulto, eleito, então, salvador de todos os barcos do mundo. Sem me conter, atirei-me de encontro ao moleque e, fazendo uma espécie de mímica para convencer que estava animando-o, com o intuito de enganar eventuais curiosos, sacudi-o em repelões lentos e fortes, mostrando-lhe o estrago que causava em sua vida futura ao se fazer tão inepto, tão passivo, tão covarde, tão incapaz. Não sei se o choro parou pela minha dose alopática de racionalismo muscular, ou se o susto foi ainda maior do que a chantagem a que ele se havia entregado. O fato é que parou, e munido dessa evidência pragmática e insofismável, retomei a caminhada, não sem o cuidado de verificar se o garoto venceria o espanto e se poria a chorar novamente ou a dizer invencionices sobre minha intervenção. Aparentemente não! E, a partir daí, pude formular mais uma das certezas com que sacudo os

---

transtornos de lógica que, por vezes, se abatem sobre mim: quando não se sabe o que fazer, sacuda-se o tapete, não necessariamente para lançar fora toda a poeira, mas para mostrar quem tem o poder, de fato, para fazê-lo.

Há dias, em casa, tocou-me o telefone em hora imprópria e já me via fazendo esgares de desgosto por ter de aturar notícias pesadas ou alegres que me obrigariam a afetar ares e tons de voz de solidariedade mal digerida ou de contentamento fingido, conforme se apresentasse. Era um amigo, aliás, um dos raros que ainda restam e que apenas a distância e a pouca freqüência das conversas conseguiram manter fiel, perguntando: Paulo, como está? E eu, Paulo, revelado agora à sua insaciável curiosidade de leitor, tentando vencer a hesitação da surpresa e do incômodo, retorquindo: há quanto tempo, hem? Afetando falso interesse que nunca o enganou antes, mas que agora parecia ter efeito surpreendente. E ele, insistente: pois é, olhe que estou ligando mais para deixá-lo tranqüilo. Como se pudesse abalar-me com notícias não recebidas; e, quase tartamudeando, acrescentei apenas um: mas o que é que aconteceu? Pergunta que sempre quer dizer o oposto do que afirma e que já quase adivinha

---

a resposta: estive muito doente, sem saber bem o que era, no início, mas agora já tive resultados tranqüilizadores nos exames. Que bom; e aposto que ele até pensou que esse meu não perguntar pela nome da doença e a rapidez do comentário eram indícios de querer desligar, mas deve ter debitado tudo isso nas velhas contas que não mereciam mais ser abertas e substituiu-as pelo contentamento de ter algum ouvido onde despejar suas inquietações mais recentes: pois é, agora já posso respirar de novo... Não, não pense que é no pulmão, quis apenas dizer que estou mais relaxado, encarando a fase de tratamento com mais otimismo. Como se o otimismo pudesse funcionar como interferom ou esparadrapo e não fosse apenas um lenitivo que mal e mal nos mantém de pé, apenas para nos expor à hediondez da comiseração pública! Que bom; ia até dizer mais alguma coisa além desse *que bom*, dando alguma outra informação em troca dessa que me chegava imprevista, dizer que havia esbarrado com alguém na rua, há alguns dias, mas que ela não se havia dado conta de ter esbarrado em mim e que meu senso de pudor impedira-me de declarar-lhe de imediato a evidência do esbarro — e esbarro é exatamente a palavra, descrevendo bem o movimento dos corpos que se roçam de leve, deixando em um a impressão do accidental e, em outro, a vertigem do incidente —, mas não disse nada, apenas assenti

---

maquinalmente, tartamudeante, Ham! Ham!, a cada tentativa de esticar a conversa para além dos limites frios que nos impõem os fios telefônicos. Enfim, farto, certamente, de usar-me como anteparo para sua provisória tranqüilidade, o amigo despediu-se, secamente, quase tão ríspido como eu o lanço fora da narrativa, neste momento. Talvez ainda lhe conceda o favor de reintroduzi-lo, se ocasião propícia e interesse maior justificarem. Por ora, serviu-me, ao menos, para apresentar a você outra das casas desse xadrez miserável que tento recompor inutilmente e que me levará de volta, quem sabe, a esse Reveiom, ou melhor, a essa semana de Reveiom do ano da graça de 1979, em São Lourenço.

Não sei se já havia comentado ou esclarecido, mas há sempre alguém mais que espreita toda conversa, empoleirado nas dobras, nas linhas, nos dobres de sinos que parecem ressoar nesta, assim como em toda história, a trazer-lhe a cadência de algum domingo de manhã, perdido há mais de vinte de anos. E é bom que lhe diga que esse outro, entocaiado e silencioso, pode esbanjar qualidades e competências que você, caro leitor, nunca sonhou ter. E mais, em várias ocasiões, ele pode mesmo

---

possuir a chave que me faz falar incessantemente e faz de você um ouvinte, espero, ainda atento. Não é alguém que eu, nem mesmo eu, possa expulsar *ad liminam* da história! Aliás, eu até mesmo teria destinado a ele esta narração, se demonstrasse mais interesse do que simplesmente pôr-se à margem do contar, meter-se de lado apenas para perturbar o curso das coisas e o rumo que quero impor à voz. Em suma, não me sobra mais do que você e, se é o que se tem, nada mais do que isso, vamos à luta! Ature-me e terá, no final, a recompensa do segredinho de Polichinelo. Reconforta saber que não sobreviverei a sua curiosidade satisfeita?

Pois não é que, há coisa de dois meses, caminhava eu pela rua lá pelas oito da manhã, desviando dos montinhos de estrume canino (alguns ainda fumegantes devido à umidade fria do inverno que se aproximava), quando minha passagem foi subitamente perturbada pelo imprevisto de um corpo?! Não que algum corpo não o seja; mesmo o meu próprio, quando se deixa apropriar, relutantemente, pelo espelho onde se reflete e se expõe, sem querer, ao olhar enviesado que lhe endereço, mesmo meu corpo nunca me deixa esquecer essa sensação de que é um acidente, algo que não

---

teria como ocorrer, uma impossibilidade, um estorvo, em suma, mais um a debitar na conta dos dias e dos trabalhos com que me instalei na existência.

Mas o imprevisto estava lá, diante de mim e não havia como negá-lo, já que se tratava de uma evidência que se impunha autocraticamente a minhas sensações. Ou melhor, não havia como negá-LA, pois era uma mulher, uma jovem, para ser mais exato, dona de uma idade que, aos poucos, vamos aprendendo a ler como insultante. Nela, uma exuberância contida de juventude, exatamente por ser contida, resultava ainda mais injuriosa, talvez porque não fosse insinuante, mas como uma dessas rajadas de ar que vêm destruir a atmosfera pesada de fumo de uma sala de bilhar, tão penosamente construída ao longo do dia pela espessa contribuição de cada um dos indivíduos que deram seu fôlego e esforço para torná-la quase sólida. Pois essa minha rajada — que, naquele momento, ainda não era exatamente minha — não fez mais do que atrapalhar-me, até a raiz dos cabelos, exatamente pelo fato de nem mesmo ter-se dado conta do esbarrão. Ora, pretensamente dotada dessa folclórica intuição de mulher (e não havia dúvida alguma de que o era), o menos que se exigiria era uma percepção mais

---

acurada dos incômodos alheios, do arrepio quase que nervoso em que me encontrava, ao deixar-me tocar sem permissão. E mais, depois de perceber em que havia tocado, em quem havia esbarrado, não pude nem mesmo deixar de sentir-me molestado pelo fato de não haver planejado nada, como esses pobres devassos de ônibus urbanos, que se comprazem em esfregar partes e pontas pudendas de modo impudico e planejado nas mulheres que se lhes atravessam o caminho e, uma vez fora desse jaula de caça, tornam-se bichinhos de pelúcia amestrados, medrosos joguetes de famílias, patrões e patroas. Pois não houve rigorosamente nada de proposital, que a minha ação se havia resumido a estar em movimento no sentido, no local, no instante e na estação errada, deixando-me enredar por um toque, um comichão com que o destino comprazer-se-ia em nos incomodar, se destino houvesse e se, além de tudo isso, soubéssemos de que matéria é feita esse tempo de acasos e de encontrões que somente a nós atingem. Os outros, esses bem que passam, sempre, solenes e distantes, por uma chuva que nunca os molha! E esse, talvez, tenha sido o único lucro dessa manhã de perdas presentes e futuras, o de saber que é justamente a chuva dos outros que vem cair em nossas cabeças.

Mas creio que a irritação teria sido maior, teria continuado *ad nauseam*, se, por cima da juventude insultante e inconsciente que dela emanava, não se houvesse entremostrado um outro rosto, não o mesmo, claro, mas quase isso, um rosto que voltava do passado e redimia, com esse desvelar-se a mim, o achaque em que me encontrava. De alguma maneira, o tempo parecia-me pregar uma peça, ou talvez fosse a memória que começava a dar sinais de fadiga, ou talvez fosse a tosse provocada e fingida que me pus a emitir chamando a atenção para o incômodo em que me encontrava, ou talvez fosse o espanto — apenas isso — de surpreender esse fenômeno tão raro em que o universo se mostra resolutamente independente de nós e o tempo se dá até ao trabalho de enovelar-nos ainda mais nessas tramas que não conseguimos aceitar possam se produzir sem nossa anuência, burocraticamente talhada em três vias que representariam toda possibilidade de nos acostumar-mos a esse alarido sideral.

Não havia, porém, mais lugar para ceticismos. E o rosto visto que vinha habitar meus olhos e amoldar-se ao rosto visado e lembrado tirava-me da ordem habitual da cronologia diária, trazia-me, por de vez, a chance de recuperar uma tez, uma feição, um semblante, uma miragem, a ainda hoje

---

esvoaçante imagem de um rosto também feminino que, no passado tinha sido apenas vulto e que, agora, no presente, tornava-se visão quase direta, fazendo-me sentir, em pleno 1999, até o cheiro de vinte anos atrás de São Lourenço. E não apenas de São Lourenço, mas, sobretudo, esse odor outro, estranhamento íntimo, filtrado por detrás de uma janela de ônibus escorrendo um lodo branco que era mistura de suor, perdigoto, condensação da umidade da chuva do lado de fora, alguma tosse e muita respiração. O ônibus chegava à rodoviária de São Lourenço, depois de seis horas de viagem e, certamente, o cansaço contribuía para o impacto da imagem. Não se pode dizer que teria havido qualquer disponibilidade nos sentidos, nada fora planejado, nem o voltar o pescoço para o lado justo (nem certo, nem errado, apenas e precisamente o lado em que a visão se deu a mim), nem o abrir os olhos no momento exato, pois que eu vinha dormitando, entre penumbra e vigília, tomando o cuidado de não deixar o sacolejar da estrada levar-me a bater a fronte contra o vidro, nem recostar-me ousada e inconscientemente sobre o ombro da velhota que também dormia e, mais ainda, resfolegava vigorosamente a meu lado. Nada fora planejado e, sem que eu nem ao menos tomasse consciência, naquele mesmo momento, tudo já estava acontecendo, às minhas expensas, como se o mundo todo houvesse conspirado para que, chegado àquele

---

instante na história da espécie humana, eu fosse contemplado com a visão de um rosto feminino, aparentemente olhando para mim como se eu me tivesse tornado a coisa mais importante do universo, a encarnação do filho adorado de Odim, ou o avatar de alguma divindade indiana, ou simplesmente a quintessência dos quatro estados da manifestação nos cultos iniciáticos de Alexandria. Rosto que — eu deveria ter percebido, então! — já ultrapassava toda barreira de tempo ou de coerência espacial para olhar, agora diretamente, sem os borrões das gotas de chuvas no vidro da janela de um ônibus distorcendo a imagem, para dar-se a minha visão, a meio metro de distância, temperando a chuva (que eu não sabia mais se caía em São Lourenço ou aqui) com aquele sorriso evidente e que, há vinte anos atrás, se escondia por trás dos lábios.

E, ainda hoje, quando penso no nome que ela poderia ter tido, não posso esquecer que, por algumas linhas, caro ouvinte, escamoteei o meu próprio a sua insana curiosidade, a sua argúcia insistente. De fato, se o que andei escutando por aí é correto, “as pessoas existem, os nomes existem, os livros não existem. E, dito de outra maneira, sendo mais completo na asserção, as pessoas já existem,

---

os nomes estão existindo ao poucos, os livros ainda não existem e muitos estão deixando de existir. Mas, seja como for, eles — os livros, claro! — nos fazem acontecer dentro de nossa própria vontade, segundo o percurso que traçamos nós próprios. Depois deles, podemos até voltar à mediocridade cotidiana com que nos abastardamos. Todavia, a partir daí, um tremor pode vir a sacudir o universo, trazer para esse cotidiano em que nos refestelamos de tédio uma lógica que se entremostra, sutilmente, na vontade-de-ser, na ficção com que alimentamos essa não-vida acobertada, que trazemos como um resto de doce bom amassado e guardado no bolso da calça, para ocasião mais meritória e companhia mais propícia. E aí, bem pode ser que se produza um abalo, essa vertigem de conhecer o outro, e de reconhecer, nele, seu próprio rosto. Depois, nunca mais o universo será o mesmo, depois desse desvelamento dado por uma ciência que é apenas ver, nada mais, nada menos. E felizmente que isso se dá por poucos segundos, pois até nosso próprio brilho seria capaz de nos cegar em definitivo para a tepidez do dia-a-dia.” Ao menos, foi isso o que alguém, alguma pessoa sem nome, algum personagem encoberto, talvez, deve de ter-me soprado aos ouvidos. Eu, por mim, jamais teria sido capaz de enunciar algo de fatura tão poeticamente idealista e, aliás, tão incomodamente despropositada, teimando em retrair, com rara obsessão e

---

incompetência, todo o rumo que, como disse antes, é a única coisa de certo e meu que posso exibir a você. Ou você pensa que uma reles prosa de ficção teria esse poder de alterar divinamente a ordem das coisas do universo ou o tamanho do pé da esposa de Pepino, o Breve?!

Mas o fato é que se havia dado o encontro de um homem com uma mulher e, tirante nove fora nada o fato de que existia uma evidente distância de idade entre nós, nada levava a crer na possibilidade de esse encontro ter as conseqüências quase catastróficas que se revelarão na seqüência. O arguto leitor deve já se estar incomodando com mais essa astúcia de parque-de-diversões, com a intromissão indevida mas esperada de uma historiazinha de amor, caso pensado expressamente para conquistar a aquiescência e a estima dos débeis e dos fúteis, únicos pilares da opinião contemporânea que merecem apreço. De meu lado, havia-me sempre pautado pela mais estrita sobriedade, crendo nos enlacs amorosos como se crê numa charada ou num jogo de palavras, em que a aparência externa não basta ou não deve bastar para esconder a obviedade da interpretação. Em linhas gerais, tinha como solidamente estabelecida uma verdade — mais uma nesse colar de máximas com que você, caro leitor,

---

tira alguma paga de tão desgastante ofício, esse de ler-me, e, não fora tal proveito, é bem provável que essa narrativazinha miúda, essa trama rasteira de salão decadente houvesse já causado heróica desistência —, tinha, então por verdade algo que se pode enunciar assim: a insuportável irracionalidade da paixão leva à cumplicidade do amor, que leva à tolerância do convívio, que leva à hostilidade do cansaço, que leva à indiferença do conformismo que tornou, no final das contas, a paixão suportável. E mais não é preciso dizer, você tem certamente em sua própria conta exemplos e experiências que o farão concordar comigo ainda que a contragosto.

Mas o fato é que havia a evidência inegável do abalroamento, do corpo que se chocara contra o meu, da indiferença calculada e tossida com que exprimi meu desacordo com o universo e, último mas não menos importante elemento, a evidência para mim desastrosa de que minha cúmplice nesse evento não se havia ainda dado conta do incidente, o que me obrigava, evidentemente, a algum esforço adicional de assinalar-lhe o feito, ao menos para dar-me por quite com tão aziago acontecimento. E, não fora a lembrança daquele rosto distante vinte anos no tempo, talvez nunca tivesse tido a coragem do

---

toque, por trás, nas costas, hesitante, querendo tocar sem importunar, chamar sem me mostrar, esconder-me por detrás da ponta do dedo como quem faz apenas uma brincadeira, tocando a campainha de casa alheia só para incomodar uma rotina para nós desconhecida, temeroso e convencido de antemão de que essa importância astronômica se colocava apenas para mim, seguro de que era eu apenas a fazer uma encenação cósmica e megalomaniaca de uma banalidade qualquer. Não fora o sorriso cúmplice de agora, irmanado, biunívoco, replementar, vindo casar-se exatamente à expressão diria melancólica daquele rosto de São Lourenço, tudo teria continuado estável na gravitação universal! Mas algo não quis que fosse assim tão simples, e eis-me aqui prisioneiro de mais uma obsessão, como se já não fosse possuidor de duas dezenas delas, devidamente dispostas e catalogadas, prontas para uso em circunstâncias específicas e eventos apropriados para algum escândalo entre as famílias de escol.

Em tais momentos, cumpre seguir os costumes e mandamentos da boa narrativa e abalroar a exagerada precaução com linearidades, verossimilhanças e ditames de bom-senso. O encontro de um homem e de uma mulher é o que de mais ordinário se pode imaginar, o que de mais comum se vê

---

acontecer e estão aí nossas seis bilhões de pessoas para comprovar, todas resultantes de tal tipo de encontro, mesmo os casos provindos de geração científica *in vitro*, *ex ovo*, sendo produzidas, ainda assim, por algum encontro, mesmo que intermediado por aparelhos, aparatos, processos, ajudas externas, empurrões na ética e safanões no dogmatismo cristão.

Pois estou fazendo todos estes circunlóquios, estendendo-me em delongas e arriscando-me a provocar seu enfado, caro leitor, tão-somente para evocar encontro outro, de mesma fatura, mas de época diversa, encontro de que sou o resultado talvez menos feliz, porém apto a comprovar minha tese de que homem e mulher se relacionaram apenas uma vez e que, depois disso, toda ocasião em que se cruzam é motivo de que imitem a vez primeira e única em que verdadeiramente se encontraram. De onde se vê que estou a reescrever e até mesmo a comprovar a Bíblia com exatidão empírica inegável e, se não meti o Gênesis bem ao início, faço-o agora para dar as devidas circunspeção e seriedade a minha narrativa.

Desde o início, fui menino, se não de aparência estranha, ao menos de hábitos que levantavam sobrancelhas e despertavam uma atenção preocupada dos adultos. Não diria hábitos condenáveis, no sentido de serem dotados de violência ou imoralidade surpreendentes ou incontroláveis, mas que evocavam sempre uma agressividade contra os acasos, contra o inesperado, contra os imprevistos, como se me provocasse calafrios o estar permanentemente sujeito a injunções externas. Poderia até mesmo dizer que, desde então, já me preparava para esse desagrado que, anos depois, iria sentir ao ser tocado por uma certa jovem, em uma certa manhã fria, pouco antes do início do inverno, sem que tivesse podido fazer nada para evitar ou planejar esse evento. Ora, se tivessem uma consciência mais apta a compreender os fenômenos freqüentes da vida diária, meus pais poderiam associar tais características à maneira como haviam construído sua história matrimonial, entremeada de desinteresses comuns e muita distância recíproca. Haviam-se casado, como todos, crendo mais firmemente na ilusão de um amor duradouro do que nas encenações litúrgicas e nos preceitos de bons cristãos com que engalanaram a cerimônia religiosa. Depois disso, o plano inclinado: essa máquina inapelável que faz as coisas e as gentes saltarem de um ponto para outro, sem o bom-senso de seguirem um caminho planejado com

---

rigor, que as levasse sempre a situações diferentes, evitando tanto o ardor das discórdias quanto a monotonia do já visto. Mas o imprevisto, como se podia notar até nas fotonovelas, impede sempre a emoção da descoberta e o dia-a-dia que foram encontrando pela frente deu a um o ar taciturno e, ao outro, a melancolia silenciosa, sendo que, a cada dia, revezavam-se, tomando de um a disposição do outro, o taciturno arrancando do melancólico a gravidade aborrecida, este tomando de empréstimo àquele o tom combalido com que evitar toda refrega com a humanidade. E, durante algum tempo, esse exercício de intercâmbios teve a virtude de dar certo dinamismo ao casamento e evitar que percebessem a monotonia corrosiva da situação, mesmo sentindo não ser coisa de que se possa desviar o tempo todo!

Foi assim que, em um Natal de 1970, quando ainda morávamos em S..., recebemos a visita de um tio, irmão de papai, com quem ele não tinha contato já há vários anos. Não se sabia exatamente de onde ele vinha, nem o que andava fazendo para ganhar a vida, mas o andar gingado, como se acompanhasse o balanço de um navio, com que atravessou as ruas entre o ponto do ônibus e nossa casa, pôs fogo na imaginação das mulheres todas da cidade e inquietação na cabeça dos homens, todos. Pelo

---

que me lembro, ele devia ter com as crianças esse mesmo encanto que fazia suspirar as mulheres e que, com o tempo, habituaram-me a considerar perigoso. Mas, infelizmente, só posso confiar, agora, na memória, pois que, após sua partida, nunca mais se quis falar explicitamente nem dele, nem de sua visita e, sobretudo, jamais desse andar sestroso de navio. O máximo que se permitia, em casa, quando a conversa se aproximava perigosamente de tios ou de visitas natalinas, eram insinuações veladas, reprimendas indiretas, adereços e atavios em que minha avó, mãe de mamãe, era mestra diplomada com rara competência. Mas não foi isso que me despertou o interesse no tio, pois já bem antes, quando ele ainda morava conosco, ou, para ser mais preciso, no exato momento em que ele surgiu diante de mim, aquele homenzarrão de mais de metro e oitenta, mal cabendo no meu campo visual de criança de uma dezena de anos, fui dominado por seu charme.

O tio se chamava Alan Ladeira, mesmo sobrenome de papai, mas, com nome de americano, colorido que vinha emprestar ainda mais encanto a esse caçula da família, que não teve o azar de nascer de gravidez problemática em dia de Santo de devoção, como meu pai. De fato, minha avó paterna,

---

católica por falta de interesse em mudanças bruscas na ordem do universo, com a fé em si própria estremecida por sangramentos inesperados “lá em baixo” — como ela dizia —, buscou na crença em outros planos da existência um lenitivo para seus sofrimentos e jurou, com toda a pompa e circunstância de lei, dar ao filho o nome do santo do dia, desde que, daí em diante, fosse sua gravidez a mais plácida das caminhadas e o parto um calmo convescote de normalistas, como as que ela sempre invejou ser, sem nunca ter conseguido. Isso não quer dizer que a fé interesseira que animou vovó tenha passado pelo sangue e pelo nome para papai, que, nesses casos, o que resta é apenas o interesse, a fé revertendo em alguma coisa próxima da mesquinharia. Já meu tio tinha tido o beneplácito de deixar-se nomear pelo pai, entusiasta eterno dos banguê-banguês americanos, que pespegou-lhe esse “Alan” como homenagem a uma estrela de filmes de farueste, um caubói baixinho — presença constante nas reportagens das revistas de mexericos cinematográficos —, mas que se agigantava nos filmes devido a estar quase sempre montado em algum cavalo ou por causa da generosidade dos ângulos de filmagem.

E, em poucos dias, aprendemos, todos, a aceitar essa visita que se esticava mais do que o

---

habitual, mais do que os caixeiros-viajantes que, algumas vezes, pernoitavam em casa, sob os olhares admirados das crianças, desconfiados mas comercialmente tranquilos de papai e neurastênicos de minha avó. Aliás, em pouco tempo, tio Alan tornou-se tão necessário à rotina da família quanto o café da manhã, o cheiro de suor que se escapava dos lençóis recém-dormidos, os barulhos costumeiros que iam num crescendo orquestral, denunciando a limpeza no sussurro do espanador sobre os móveis, no cantochão rascante das vassouras de piaçava sobre o chão do quintal, na voz seca dos tapetes estalando de poeira, na sonoridade roufenha do rádio convidado a esse baile de barulhos e batidas, no chiado cheiroso da panela de pressão trazendo prenúncios de uma fome ainda não manifesta mas já saciada em promessa, nessa seqüência bem organizada de sons e odores, que, aparentemente, soube aceitar mais uma voz diferente, mais esse cheiro de fumo-de-rolô não queimado e sempre trazido no bolso, mais esse corpo imenso, dotado da capacidade formidável de fazer pular os copos da cristaleira sempre que passava pela sala, como se fingisse não ser dele a habilidade de transtornar o eixo do universo como quem amarrava, para nós, com nó quase górdio, um pequeno anzol na ponta da linha da vara-de-pescar. E, depois de ter-se passado tudo o que se passou, quantas vezes não me peguei andando pela sala,

---

tentando imitar o mesmo gingado atraente, batendo forte os pés no chão para dar novamente aos cristais uma vida que haviam ganhado e perdido em questão de poucos meses, tentando inutilmente ressuscitar uma presença que se havia esvaído quase que em sangue e ódio?!

Pois meu tio Alan foi ficando e, por ficar, foi feito ajudante-geral-adjunto no armazém que papai mantinha ao lado de casa. Não que ele não fosse necessário; o posto que assumiu e que tentei resumir acima pode dar a você a falsa impressão de que ele fora agregado à família por algum motivo mais comezinho, mas não é demais lembrar que sempre se vê a necessidade por um lado que nunca é o do outro: papai planejava faturamentos e coordenava gastos, com a mão sempre temerosa de abrir demais e deixar escapar o que já amealhara e, de outro lado, receoso de mantê-la por demais fechada e, assim, não conseguir tomar aquilo que se lhe apresentava como possibilidade de conquista comercial; meu tio, pessoa de feitio outro e viés diverso, via no movimento de entradas e saídas apenas o pretexto de pensar a vida como um grande e divertido imprevisto de que se participa meio às cegas, rodopiando aqui e ali, impulsionado pelo inesperado e vendo lucro tão-somente nesse comichão de ganhar e perder,

---

ou melhor, nesse colocar-se à disposição, de corpo e alma, aos impulsos inesperados do acaso. Era grande jogador, meu tio, desses que vêm nas estratégias refinadas e nas preparações cuidadosas uma sensaboria que diminui o jogador e amesquinha o jogo, pois que seu sentido estaria sobretudo na capacidade de lançar os dados para a frente, no talento de deixar seu próprio ritmo amoldar-se e conjumar-se às oscilações da sorte, ao vai-e-vem dos lances, às acelerações e acalmias do coração batendo nas têmperas.

Pessoa única, esse meu tio! E jogo, para ele, era tudo e mais alguma coisa. Via emoção nas coisinhas mais miudamente corriqueiras, apostava até consigo mesmo e em silêncio quantas vezes um cuitelinho fazia marcha à ré e marcha adiante na tentativa de sopesar o dulçor provável de certa flor pretensamente carregada de néctar, antes de tocá-la decididamente com seu biquinho reto-recurvo. Apostava ruidosamente com os vendedores que, entre os próximos dez cavalos que passassem diante da venda, estaria pelo menos um de raríssima mistura de pelagem pedrês em cima com o toque das patas quattralvas em baixo, desafiava quantos o ouvissem a pronunciar por cinco vezes seguidas e de

---

afogadilho toda sorte de tranca-língua de que tivesse notícia ou que pudesse inventar, distribuindo gostosas gargalhadas quando ele mesmo se enroscava ainda na primeira enunciação dessa ladainha pagã que impunha dizer, sem tropeços, algo como *toco preto, porco crespo*. Perdia muitas vezes, claro, nem sempre dinheiro, mas nunca deixava de ganhar o sorriso aberto de quantos o vissem e ouvissem e, mais do que tudo, ganhava o meio-sorriso cúmplice e admirativo, tímido, do sobrinho que o seguia sempre à distância de dois metros, tentando aprender com ele até mesmo a respiração propositalmente desleixada, o bamboleio chamativo das pernas que se deslocavam como se o planisfério tivesse por única função pôr-se a sua disposição para segurar os passos e os pés com que se deslocava de um amigo a outro, de uma assunto a outro, de uma vida a outra.

Enfim, uma vez incorporado ao dia-a-dia da venda, não demorou nem um átimo para torcer a mesmice das pessoas, dos livros-caixa, dos hábitos e das idiossincrasias dos compradores, da charlatanice calculada dos vendedores, esses prestidigitadores de ternos tingidos e cotovelos puídos, já que, com ele, as coisas adquiriam péssimo hábito de perder a aparência fingida de eternidade que a elas

---

damos e com que nos comprazemos em nos enganar. Na verdade, todos sabiam que titio não fazia mais do que representar, mas o fazia com tal ingênua evidência que o fingimento adquiria ares de mentira impossível, como um ator que não representa necessariamente bem, mas de maneira tão óbvia que termina convencendo a todos, colocando em cena exatamente aquilo que queremos e acreditamos estar vendo, aquilo que desejaríamos fazer sem a coragem de levar a cabo. Foi isso, aliás, causa e consequência da primeira desventura que me foi dada testemunhar, na conveniente distância de menino que não deveria ter noção desse gênero de coisas.

Nessa altura, passadas algumas semanas da chegada e instalação desse alvoroço cósmico que era sua presença, ouvi, uma tarde, ainda meio modorrento pelo calor do verão e pelo peso da galinha com mandioca do almoço, acompanhada, na saída, por um temporão prato de canjica quentinha, ouvi mamãe afirmar com um tom que, hoje, não hesitaria em classificar como inegavelmente louvaminheiro, que titio tinha uns olhos azuis que lembravam os de Tyrone Power. E foram exatamente esses olhos de Tyrone Power que vieram pousar, primeiro no decote, depois nos ombros, redesenhando, nesse

---

caminho, todo o arco de circunferência do quadril, a redondez entremostrada das coxas, as curvas brancas dos pés meio saídos das sandálias, o outro arco de circunferência da bunda saliente, as linhas arfantes (e cada vez mais arfantes) das costas descobertas em abertura semi-ousada e, finalmente, por enquanto, as cores do rosto que oscilavam de um vermelho de ingenuidade incômoda a um escarlate de desejo mal acobertado de Dona S... É claro que você deve estar, mais uma vez, acusando-me de tergiversar gratuitamente, sem plano narrativo que não seja o de cortar caminho a qualquer seqüência lógica. Pode até ser, emérito ledor, mas a especificação de um nome qualquer não mudaria nada à história, pois que, nas semanas que se seguiram ao fato que tento narrar — saltando por cima das dúvidas depreciativas que posso adivinhar em seu rosto e que começam a desconfiar de minha intenção ou capacidade de levar adiante esta história com mínimo interesse —, nas semanas seguintes, outras mulheres tombaram nessa promessa azul de águas marinhas e distantes que vinham à baila por meios dos olhos de meu tio, nesse olhar de Frank Sinatra que nem necessidade tinha de voz quentamente melancólica. E, passados vários anos desses eventos, sem o apoio dos olhos azuis, sem nem mesmo sua ousadia de comediante de teatrinho de circo ou o consolo de ser ainda criança, eis que me vi defrontado

---

com outra mulher, mais uma a se somar à lista inaugurada por titio, uma visão semelhante, não na essência, claro, que isso é coisa de padres sem religião, mas tão-somente na forma e na maneira como um corpo, às vezes, se dá, ao mesmo tempo displicente e profundamente, de uma vez por todas, ao olhar atônito e assustado de um adulto, imprevistamente acordado em São Lourenço e que não tem como se defender de uma presença insistente que se dá a vislumbrar primeiro através de uma janela de ônibus, e, agora, vista desde a janela alta, quase três metros do chão, da casa do Jamil, andando na frente de uma sombra que era a dela própria, criada por um Sol nascente que insistia em perturbar a visão completa do corpo e do movimento do andar que adivinhava elegante e que, à força de não ter os detalhes completos, eram completados pelo que meu tio devia de ter visto e sentido, em poucos segundos de contemplação experiente diante da presença física de S...

De fato, havia certa incapacidade de experimentar eu próprio o peso da coincidência que punha diante de mim — como vai acontecer vinte anos mais tarde, na ponta do passeio matinal que me levou da cama, bem desperto de uma noite muito mal dormida, a essa perturbadora presença —, que, mais

---

uma vez (aliás, a segunda em São Lourenço), punha diante de mim essa espécie de enigma feminino numa visão que me falava ao tato na ponta de uma sombra e que, mesmo de costas, era eloqüente nos trejeitos, na maneira como andava e fazia provocar a sensação de conhecê-la desde a primeira cena bíblica do Gênesis fazendo luz e já inventando suas respectivas sombras. Pois lá estava eu, ainda estremunhando, despreparado para esse gênero de confronto com o universo, aprendendo talvez que as miragens matinais são as mais perigosas por ainda virem embebidas do torpor dos sonhos e da ousadia íntima que, exposta ao Sol — ou à chuva; na verdade, as condições meteorológicas pouco têm a dizer, nesses casos, como, aliás, sói acontecer com qualquer mortal deste planeta ou de outros quaisquer que possa inventar a estupidez humana —, a ousadia íntima que, então, desfaz-se ao primeiro piparote do senso comum. E aí deixei de aprender lição que me seria de grande paga anos mais tarde, essa que ensina que os sonhos mal dormidos são os piores conselheiros, por nos incomodarem a cabeça, sem nos darem um travesseiro irreal onde repousá-la da fadiga do sonhar.

Mas eu via, uns dez metros adiante, aquele mesmo corpo de mulher que já podia resumir nuns

---

olhos e num olhar, antes colocados por detrás de uma janela de ônibus, agora levados à frente pelo mais belo dorso que conseguia imaginar. Dentro da casa do Jamil, mesmo sendo ainda cedo, algo por volta de 8 horas da manhã, as vozes das irmãs já nos chamavam para o café forte, preto, antecipando, em sua quentura inevitável, um diálogo que se faria o dia todo com o calor desse dezembro já quase Verão. E eu tinha de me fazer surdo, deixar-me levar pela estupidez de uma visão repetitiva, apoiando-me na reminiscência quase perdida de um tio que saberia o lugar certo onde colocar o desejo e, mais do que tudo, como fazer-se forte e certo na esteira desse andar que avançava para a frente e que deslizava para trás, chamativa, forçando minha atenção em uma pessoa que, sem ser presença completa, já se fazia confundir com a viagem de férias, para o Reveiom em São Lourenço, que já se misturava às demais paixões e se impunha totalmente às lembranças que podia guardar delas todas juntas. A mulher avançava e, forçado a bater em retirada pelos apelos cada vez mais insistentes que vinham da mesa do café, não pude deixar de experimentar a fraqueza de desejar, das profundezas de meu espanto, que as coincidências tornassem a acontecer e que houvesse algum sentido nesses encontros que me estavam deixando atônito, que houvesse alguma promessa de razão ou de lógica na maneira insensata

---

como as coisas e essa pessoa estavam alinhavando fatos e percursos sem meu consentimento, mas com minha aceitação tácita e, posso dizer, cada vez mais, com meu desejo de mapear nessa aventura um sentido que o universo havia perdido desde o esquartejamento de Dionísio pelas bacantes em fúria.

Daí a falta dos velhos olhos azuis, daquela calma teimosa com que meu tio enfrentava a inesperada costura de olhares carregados de vida e dissimulação, insinuações às vezes nem um pouco veladas, compromissos arrancados de lábios sem medo e bocas sem palavra, levantar de ombros e abaixar de cabeças, numa sinfonia de movimentos que se levantava da surdina exuberante dessas presenças femininas que lhe davam, a ele, ocasião e oportunidade de exercer seu ofício de sempre, esse pôr-se à disposição do acaso e tirar disso nem sempre o melhor proveito, mas seguramente o maior prazer. No meu caso, desprovido de todo esse arsenal, não sabendo nem mesmo fazer-me defensivo diante da invasão de privacidade e da exuberância incômoda das mulheres, não fazia senão acompanhar o movimento do mundo, crendo-o cada vez mais próximo dos estertores de um gozo final sempre em promessa, sempre em gestação mas nunca realizado. Assim, aprendi, desde aquele Reveiom

---

em São Lourenço, ou, para ser mais explícito, desde aquela manhã em que o café foi engolido rapidamente para evitar que o balançar das ancas de uma figura feminina viesse derramá-lo na roupa limpa recém-vestida, desde aquele momento aprendi a transferir para as coisas o que não podia ou não sabia tirar das pessoas. Ora, caríssimo, o que quero dizer com isso é que o mundo, essa paisagem movimentada por autidores coloridos e jingous rapidamente assimiláveis, adquiriu foros de feminilidade até então insuspeita: o que meu tio descobria ou confirmava nas mulheres, acabei vislumbrando nas coisas do mundo, o que fazia a certeza de ser o hipotético deus criador uma alma mais para mulher do que poderia fazer supor toda a iconografia que a tradição judaico-cristã nos habituou a imaginar: desde essa visão das costas de uma mulher recortando-se contra a luz já forte do Sol nascente, subindo uma rua em São Lourenço, fazendo menção de afastar-se, mas dando a nítida sensação de aproximar-se cada vez mais pelo efeito perverso de ser o mundo redondo e a imaginação uma propriedade sem freios, desde aquele momento habituei-me a ver as paisagens e coisas do dia-a-dia como uma estranha sinfonia, cuja linha melódica conseguia intuir, mas cujo arranjo escapava à qualquer tentativa de sistematização: conseguia suspeitar em tudo os mesmos ângulos de visão em que

---

a vida se dissimulava e, paradoxalmente, ao mesmo tempo, se mostrava, toda espevitada; os mesmos esgares, então, insinuando e velando um compromisso comigo que tinha de ser arrancado de calçadas silenciosas, de casas atônitas, de mobílias tácitas, de alamedas intemeratas; os mesmos movimentos de levantar e abaixar dos carros e carroças nos buracos e nos quebra-molas, das pessoas dobrando-se ou rebelando-se (o que dá no mesmo, no final das contas) contra os altos e baixos da vida, como quem se equilibra a custo, de pé, num ônibus apinhado de gente diferente mas tão igual em suas pequenas rotinas de merda!

E tudo isso por causa de uma visão de mulher pelas costas! Mas é claro, caro leitor, que não foi só por isso — e, se você pensa assim, é melhor mesmo tachar-me de pretensioso e falido e abandonar-me, antes que mais ainda seja exigido de sua capacidade de abstração, como o foi há pouco pelo vernáculo de baixo calão pouco apropriado ao nível destas páginas —, é preciso também acrescentar que o sentido de um caso ou de uma visão não se dá no momento em que ela se joga, mas pode vir depois, anos depois, subitamente iluminado por algum fato ou fator determinante. Essa visão de

---

mulher pelas costas, em São Lourenço, por exemplo, só revelou sua extraordinária significação quando, após quase vinte anos, vi-me abalroado de frente pela jovem de que já lhe falei e cujo efeito foi suficiente para transtornar toda a série histórica que me empenho em recosturar, o menos estropiadamente possível, para seu gáudio e passatempo.

Volto, então, a esse primeiro dos encontros que você teve a gentileza de me permitir narrar, primeiro apenas na ordem atual de importância, já que mais próximo das susceptibilidades com que ando encarando coisas e pessoas, atormentado pelos achaques, perrenguices e tremores dos quarenta anos, indeciso entre versão e fato, exposto às ruas como um dente aberto se concentra na dor fria do próprio nervo e não sabe ou não quer parar esse tormento que é incômodo mas que não deixa de trazer, por isso mesmo, a sensação de estar vivo, pois que dolorido. *Dói, logo existe. Dôo, logo insisto*, e a posteridade cartesiana tem aí mais uma paráfrase a que se mostrar indiferente ou mesmo superior à simplificação desse gênero de brincadeira pseudofilosófica com que disfarçamos a indignação com que somos todos obrigados a achacar emoções a golpes de erudição de carnaval. *Magister dixit!*

---

De fato, após a colisão entrei em rotas nunca antes navegadas, mas sem perceber, pelo menos sem querer aceitar a novidade incerta que os dias passariam a ganhar a partir daí. O ser abalroado por alguém mais jovem e, sobretudo, por uma mulher fazendo uso dessa incrível capacidade de dissimular que a possível desatenção se traduzia em extremas gentileza e mesura, o ser abalroado dessa maneira desconcerta para sempre o prumo que ainda se pode vislumbrar no mundo e até refresca as cores com que a chuva vai pingando a paisagem nesse quase inverno meio úmido. Na verdade — e você pode estar certo de que medi bastante bem o alcance desse termo *verdade* —, na verdade, esse primeiro encontro casual deu motivo e pretexto, já nos minutos seguintes, para toda uma série de divagações: o esbarrão, usado à guisa de senha, abriu campo à troca de não mais do que dez palavras, mas que insinuavam toda uma conferência sobre os efeitos das perversões climatológicas na vida das cidades modernas e na paciência de seus habitantes, assim como tergiversações acerca do humor das bolsas de valores e de como o peso do câmbio interfere nas orquestrações da miudalha política. Mas foi sobretudo o sorriso que selou minha sorte, aquele sorriso *in dubito* que condena e permite construir lembranças que talvez nem

---

tenham acontecido, imagens vagas de vinte anos antes e que já haviam perdido senso e sentido nessa esteira de coisas que vão ficando para trás e ampliando esse buraco que trazemos na alma e que nos consola de nossa própria morte certa e futura — fatura certa! —. Ela sorriu e seu nome ficou sendo sorriso, nem importava que, a partir do dia seguinte, mais uma obsessão, entre tantas já, viesse dividir comigo casa e refeições, essa ânsia de conhecer seu registro de batismo, assuntar local e data de nascimento, a provável origem europeia do sul de seus olhos meio claros, meio escuros, dando uma visão esverdeada que, de perto, era castanho escuro fingindo ademanos outros, do cabelo farto, liso, forte, escuro, bem distante das plagas de Inhaúma e mais para aristocracias quatrocentonas de Campos ou Campinas, uma boca farta de promessas (ou eram novamente os olhos a se intrometer com ares de possibilidade latente nos absconsos dos desejos sempre mal-resolvidos) mas que se furtava a introspecções mais voluntariosas, dessas que aos poucos não mais conhecem medida nem sensatez, essa boca que transportava levemente, como se não o fosse, esse sorriso — fardo pesado que lá fora se traduzia numa chavinha miúda e obsessiva —.

Em certo sentido, eu estava retomando antigo hábito, realinhavava usos de muito tempo atrás, quando me tomava por pretense rei das ruas e, somente de mim mesmo conhecido, ao mesmo tempo soberano e súdito, entronizado mestre e escravo por pessoal decisão aos outros disfarçada, encontrava roteiros de cinema e de histórias-em-quadrinhos nos percursos costumeiros com que costurava o cotidiano de estudante adolescente, sem que nenhum outro ser humano se apercebesse minimamente como se arriscava ao passar casualmente por mim, indo de casa à escola, da escola a casa, entremeando tudo isso por fins-de-semana a fio, isolado no quarto, assistindo a alguma televisão, infenso à novidade do aparelho, mas magnetizado pela possível transmutação do colorido imprestável da paisagem no ainda preto-e-branco vertiginoso do tubo de raios catódicos. Nessa época, fazia-me useiro e vezeiro em descobrir nas coxas das mulheres que se sentavam a meu lado insuspeitadas promessas de paixões físicas saciadas ali mesmo ou logo adiante, dentro de minutos, como se fosse naturalmente meu aquele magnetismo de um Steve McQueen temperado pelo apelo frio de um Rock Hudson ainda não corroído pelo escândalo e pela Sida. Por isso não foi novidade o terem-se transformado as dez inofensivas palavras trocadas com essa mulher em toda uma catadupa de enredos, intenções, desejos, apreensões,

---

possibilidades, anseios, vontades, esperanças, tudo isso admiravelmente — tenho de admitir, minha capacidade de dissimulação é acima do normal, como você pode perceber pelo modo como já se deixa enredar por essa prosa miúda de barbearia elegante, cheirando a uma mistura de *Juvênia – petróleo quinado* com *Acqua Velva* derramada no chão —, tudo isso admiravelmente disfarçado sob a máscara do mais absoluto distanciamento, como se a indiferença do Hudson às mulheres viesse temperar a segurança máscula do McQueen.

Mas houve a inegável troca de palavras, mesmo se o termo troca não se ajuste totalmente ao aparato defensivo com que me escudei do metafísico esbarrão que havia sacudido todos os vidros de todas as cristaleiras dessa parte do mundo e, quiçá, do universo todo inteiro. Ora, as palavras sempre foram, para mim, artifício, enfeite ou disfarce, nada disso a que chamamos vulgarmente comunicação, ou confissão, ou criação, e sempre foram colocadas diante de mim como se põem pedras ou sacos de areia na eventualidade de uma cheia ou de uma invasão de tártaros vindos não se sabe bem de onde do deserto. Até esse dia! Até que essas dez palavras se tenham multiplicado em pães, peixes, climas, dias,

---

chuvas e casos, ecoando coisas e imagens numa profusão atordoante e, repito, incômoda, como se eu devesse entoar todo um dicionário organizando-o não mais alfabeticamente mas dotando-o de uma ordem totalmente estranha à que até então regera minhas palavras e omissões. E tudo por causa de um esbarrão! Ou teria sido pelo sorriso?

Aliás, nesse momento, não tenho como não alterar ainda que pouco o diálogo travado entre nós. Não que com isso venha a faltar com a verdade, pois, nessas dez palavras, todas as outras milhares estavam já espreitando! De modo que todo acréscimo que possa ter imposto à troca de palavras ainda ficará aquém do realmente ocorrido: desculpa! E com tão gasta expressão tentava adjudicar para mim o motivo causador da leve trombada, dando ensejo a que ela pudesse dizer: Não foi nada, eu é que não estava olhando onde devia. Frase que veio acompanhada do já famoso e recorrente sorriso e não pude deixar de pensar: se esse sorriso não foi nada, os eleatas têm razão e todo o devir e movimento deste mundo vem a ser a mais absoluta ilusão. Esbarrões acontecem, acrescentei, imaginando ainda que pudesse comentar algo mais filosófico como: andar sem esse risco seria como falar sem ser ouvido, pois

---

que até o monólogo pressupõe que nos dividamos entre falar e escutar, entre dizer e ser mal compreendido, ou seria como viver desacompanhado, pois que nunca houve ser humano sobre este planeta que conseguisse livrar-se do fardo dos outros e mesmo os virtuais habitantes de desertas ilhas têm sempre sobre seus ombros as sombras de pessoas que lhes assaltam os sonhos, a voz, a expectativa de um dia virem a ser encontrados. Mas fui eu a desajeitada, e continuou a andar vagarosamente num convite a que a acompanhasse ainda alguns metros mais, somente mais alguns metros como, eu sim!, um desajeitado Aquiles inutilmente ao encalço de uma tartaruga impossível, ou como faço eu, ainda, exatamente neste momento, colocando um indez que possa conservar sua atenção de leitor volúvel. E continuando: prefiro andar pela manhã, mesmo com esse ar frio que anunciaram pela tevê, há menos gente e, parece, mais ar, e me sinto menos incomodada. E cada palavra era como um estranho atrator a fisgar-me para a frente, acompanhando-a sem aquela horrorosa sensação de estar em excesso, podendo até dizer: ah! Também escolho esses horários em que não esbarro com muita gente... Desculpe-me, não pretendi dizer que fui incomodado por você, antes, ao contrário... De toda maneira, sempre é agradável conversar um pouco, e dizia isso como se anunciasse em altos brados que somente a

---

possibilidade da companhia dá algum sentido à solidão, assim como o esbarrão confere algum fundamento ao desejo de manter-se distante das pessoas, ou como se todos os equívocos e desajustes pudessem sustentar a mera intenção de escrever um romance.

Mas o fato é que esse diálogo durou horas, mesmo se a burrice dos cronômetros possa tê-lo cronometrado em não mais do que os poucos minutos que todas as poucas testemunhas não hesitarão em apontar em futura pesquisa ou investigação que possa ainda vir a ser realizada acerca dos desencontros urbanos nesse final de século ainda vinte. Mas o fato é que todas essas horas serviram-me, ao menos, para ir preparando o espírito, respirando lentamente e absorvendo, junto com o ar fresco e ainda pouco habitado da manhã, cautelas e ousadias que havia presenciado ao longo da vida, sobretudo aquelas que imprimiram em mim a lembrança de Tio Alan.

Aliás, antes de me desviar, várias linhas atrás — e quase perder o fio da meada —, eu contava a você como os olhos de Tyrone Power de meu tio, imbuídos desse poder que não vinha apenas da cor

---

azul, haviam-se fixado atentamente no corpo de D. S... Para a minha pouca idade de menino, ainda tinha dificuldade em compreender os motivos daquela fascinação, daquele ritual que fazia com que os olhares se convertessem em calores e movimentos invisíveis aos olhos mas dados à evidência mesmo das sensibilidades mais grosseiras. Porém, já conseguia captar toda a dança de alusões, interesses e insinuações, palavras veladas, gestos envergonhados, sorrisos levemente estabelecidos em caras solidamente sérias, dotando essa aparência de respeitabilidade social que todos somos obrigados a carregar de uma leveza irônica e sutil de carnaval veneziano. Não sei se havia especificado, mas eu havia sido, entre tantos outros, testemunha direta e fidedigna do acontecimento. Havia estado lá e pude comprovar e acompanhar todo o caminho descrito pelos olhos de meu tio, como quem lambe descuidadamente um sorvete de novo sabor que lhe era oferecido e, mais ainda, como se o provar o sorvete fosse um favor para o outro, caso em que a disponibilidade se torna mais importante que a própria oferta. Anos mais tarde, pude compreender todo o alcance desse gesto: quantas vezes, não há mais valor no colocar-se diante do outro do que no próprio favor que possamos eventualmente prestar-lhe? Porém, naquele momento, só fiz seguir a linha de desejo, o fio de tensão que meu tio desenhava em

---

torno de D. S... e com o qual enredava não só a todas aquelas pessoas envolvidas, mas todos os acontecimentos posteriores que derivarão desse primeiro. Em certo sentido, eu poderia, dali a alguns meses, afirmar que toda a culpa pelos conflitos todos estava já inscrita em D. S..., no corpo que ela habilmente havia exposto à evidência e à visitação do olhar de meu tio, abandonando-o a esse ser habitado pela voz cortejadora, cúmplice inevitável dos velhos olhos azuis.

Neste momento, poderia haver mais alguém aqui dizendo que esse evento não tem nada de extraordinário, que ele é, na verdade, extremamente corriqueiro e apenas dá conta das frustrações de uma somadas às galanterias falastronas de outro, tudo isso distorcido, revisto e ampliado pelas lentes de uma criança, invocada anos mais tarde pelo tom pernóstico de um arauto decadente, no caso, claro, este criado que fala diretamente a você! E mais ainda diz, mesmo se você não pode ouvi-lo diretamente, ou, pior, mesmo se nada ou ninguém lhe solicita a fala: toda aventura extraconjugal — que não deixa de ser esperada e até previsível — repousa na ânsia de nos furtarmos à inclemência do tempo, pois que queremos submeter a inevitabilidade da decrepitude às variações dos corpos, como se o contato nem

---

sempre suave com outras peles e pessoas fosse capaz de dar algum novo tom ou destino outro ao fim com que todos deparamos; fossem outros os homens e o tempo, o mesmo — pois que este não admite mudanças ou tergiversações —, talvez essa ditadura do desejo e do esconso não se tornasse moeda corrente, talvez essas transações não passassem de exceção. Talvez!

Mas você, naturalmente, não deveria estar aqui a prestar atenção a discurso outro. Não que me importe que você se deixe seduzir pela lógica banal com que algum encantador de serpentes ou mágico de circo de cavalinhos joga sua lábia! A cada um, o seu devido quinhão na partilha dos bens e das palavras, e se você destina sua atenção e sensibilidade a esse gênero de diatribes, vire-se com o que a cama, o travesseiro e a insônia irão lhe soprar aos ouvidos, que os sonhos lhe serão, ao mesmo tempo, pesados e impossíveis de serem recordados. Eu, por mim, diria que há volúpia, sempre, até em nossa sofreguidão de bebês, quando nos entregamos até à farta ao seio de quem nos amamenta, e não se pode dizer que seja a sexualidade explícita e futura do adulto que se anuncia sob os cobertores da fome em busca de saciedade, mas, ao contrário, é essa fome desmesurada de uma vida que, mal iniciada, já se

---

vai acabando, que se repete na excitação volátil e pesada com que nos entretemos até pouco antes do leito de morte. E foi essa volúpia, foi justamente essa fome que moveu as peças todas e ordenou os lances na seqüência em que ocorreram, essa seqüência que vai se dar a conhecer àqueles que estão de fora, e a sofrer àqueles que estiveram por dentro. Ao menos, neste momento, posso divertir-me em colocar um pé em cada estribo e impedir que o vivido venha a afundar demasiadamente as cores do narrado. Como pode ver, preocupo-me ostensivamente com seu conforto de leitor, premiando-o pela obstinação com que vem enfrentando galhardamente esse alinhavo de principiante.

Na verdade, limito-me apenas a especular sobre o sentido de ter meu tio estado disponível e ocioso, justo no momento em que, inadvertidamente, carregando toda essa inocência ingênua, superficial e pecaminosa que, nos anos seguintes, as feministas se empenharão em destruir, D. S... entrou na venda de meu pai, trazendo, nas mãos, um pequeno cesto de compras e, nas ancas, todo um anúncio de volúpia futura, prometida, ameaçada, mas exclusiva de quem soubesse a jogada certa, a casa exata onde apostar mesmo as poucas fichas que sempre sobram para os grandes jogadores. E titio

---

jogou, como sempre fazia, e, como acontecia freqüentemente, sobretudo nesse gênero de empreitada, levou o prêmio no primeiro lance. O olhar intrometidamente contido, levemente respeitoso com que se apresentava às mulheres, como um cartão de visitas que ele colocasse descuidadamente no decote entreaberto e arfante, sempre arranjava as coisas e os fatos, preparando-os para as aventuras que ele previa e para as atribulações que ele nunca pressentia. Não foi diferente com D. S..., apenas, posso dizer — se minha memória não está entontecida com esse esforço de recuperar um pouco do que foi e muito do que fui —, apenas pelo fato de que esse caso foi um primeiro e ligeiro tremor anunciando a grande explosão. Curiosamente, tudo estava se passando como se fossem os estertores antecipados de uma desordem escatológica, como se o Cracatoa primeiro insinuasse a explosão, para depois dedicar-se à destruição maciça de suas ilhas e de suas gentes.

Mas, naquele momento, nenhum de nós soube ler essa lógica na seqüência com que as coisas se mostravam, e todos — e eu me incluo nesse grupo passivamente cúmplice das observações à meia-voz, sempre admirados da desfaçatez ousada de um e da disponibilidade afetada da outra —, todos se

---

limitavam a fazer a narração comentada e admirada dos encontros teoricamente furtivos, dos olhares de boneca cobiçada e lânguida colocando-se à disposição do acaso — que era, como sempre, desejo apenas — e do olhar perscrutador, afetando leve indiferença apenas para aguçar o interesse e permitir que as horas de separação fossem vividas como expectativa e certeza de próximo encontro. Havia até mesmo uma trilha sonora que todos se compraziam em fazer ecoar: suspiros audaciosos, pequenos gritos de tragédia mentida, arfares exagerados pela comoção do proibido, toda uma legião de sons e de ruídos, temperada por suores e arrastares de lençóis e mexeres de colchões, tudo isso habilmente inserido nos intervalos em que titio invocava algum pretexto impossível para se afastar sob os trejeitos maliciosos de todos e, mais importante, logo que o marido de D. S... — cúmplice sem o qual nada dessa história teria o menor sentido — se afastava para o dever diário do trabalho. Ganhamos, aqui, aliás, outra lição que, se não nos resolve os problemas do diário da vida, ao menos fornece alguma explicação para seus desatinos: há sempre uma inocência a garantir a existência do crime, com o que aquela, então, se torna inapelavelmente cúmplice deste. E o mais incrível é que esse marido nunca desconfiou ou mostrou desconfiar de nada. E nada ou quase nada vem a ser o atributo que ganha de mim: seu nome

---

nem é Paulo, nem Alan, nem coisa alguma, fica ele aqui apenas registrado como alguém, uma vez que apenas a sua convivência passiva foi útil para o que se conta e não basta para dar-lhe nome, situação e algumas linhas de interesse miúdo que resgatem sua pretensa humanidade. Basta-nos sua inocência útil e cúmplice, e toque-se o barco!

No caso, seria inevitável que a história escusa acabasse chegando, como chegou, a todo recanto da cidade. E acabasse chegando, como chegou, aos ouvidos de mamãe. E que ela afetasse, como seria de seu natural, uma meia indiferença tingida de ligeira indignação moral que talvez nem mesmo disfarçasse certa curiosidade. O fato é que até mesmo ela acabou enlaçada por essa volúpia e, se, à época, justifiquei-a pela atração irresistível e inocente que eu própria também sentia por titio, hoje justifico-a pela volúpia e pela fome, que nada vai além disso e nada vem de lá sem que paguemos todos o mesmo preço que é o de expormos sempre, inapelavelmente, essa privação que é marca de nossas vidas de todos nós. Diria até que tudo se passou como se mamãe tivesse sido colocada ou se tivesse colocado ela mesma dentro de um velho barco resfolegante descendo algum rio acidentado no coração

---

da África e aí não poderia mesmo ter-lhe bastado a pose de freira ligeiramente ofendida, sobrando apenas como último recurso, inevitavelmente, um ombro masculino até então desconhecido, sombra e anteparo de uma paisagem que, do lado de fora do barco, mostrava-se cada vez menos familiar, cada vez mais estranha e propensa a desacertos, desequilíbrios e tropeços de toda monta. E aí — creio eu, hoje, depois de refletir e rebelar-me durante anos quanto ao grau de autonomia das escolhas que fazemos —, aí, não há nem mesmo necessidade de falas explícitas e claras, de gestos diretos, de intenções evidentes. Basta aproveitar os sacolejos do barco, os acidentes e as intempéries do percurso, para, a bordo de um belo olhar de fraqueza calculada, colocar-se sob o abrigo da vontade e do charme do timoneiro experiente, marujo de água doce mas especialista em todo tipo de destroço, sejam os troncos que vêm boiando rio abaixo, sejam as vontades que vão subindo corpo acima, que uns e outras são mesma e única coisa, quando se trata de perturbar a ordem do universo, o repouso dos lares ou o navegar dos barcos. Anos mais tarde, talvez até dissesse, em tom cavernoso e sorumbático, calculadamente cínico: “O horror! O horror!” Já disporia então de suficiente dose de distanciamento, com o que poderia ver meu tio como mais um personagem que alguma ficção de noite solitária permitiu-

---

me criar à revelia das pessoas, encastrando-o à força numa cidade que sempre existiu sem ele ou que talvez nunca tenha existido exatamente por estar sem ele; poderia ver mamãe como uma dessas imagens em retrato oval, em preto e branco, moldura marrom, bem espetado na parede e exposto ao olhar público, para, assim, afastá-lo do mais fundo do pensamento e impedir que essa invenção inventada, essa ficção ficcionalizada mostrasse seu revés de verdade e inegável evidência.

Mas nada não foi assim tão imediato ou rápido, como a minha narração desajeitada até poderia fazer crer. Pois não é que, comigo e com aqueles que gravitam em torno de minhas coisas, com aqueles chamados a habitar estas minhas histórias, os objetos e os fatos sempre escolhem o mais acidentado dos caminhos, o mais longo dos percursos, mesmo se o resultado é invariavelmente o mesmo?! E no caso de mamãe, melhor descrição não há para seus descaminhos do que esses percursos fluviais sujeitos a borrascas e acasos, forçando escolhas e impondo rumos de que nunca se ouviu nem mesmo o menor rumor, percursos mal escolhidos ou aceitos com boa dose de ataraxia estóica (talvez epicurista fosse melhor escolha, pois que a aceitação racional das desordens do universo diferencia-se radicalmente da

---

busca pelo prazer com que podemos disfarçar o imprevisto mal ajambrado, a obrigação de lançar os dados sem qualquer garantia de sucesso ou de retorno).

E mamãe mudou, como não podia mudar a rotina da casa: de um dia para o outro, aquele crescendo doméstico de sons e de alterações, aquela azáfama que se fazia matinal, vespertina, crepuscular e noturna, sempre assim, sem nunca perder essa seqüência comodamente familiar, aquela azáfama ganhou ares de novidade, trouxe para dentro um frescor e um ritmo que só encontrávamos disponível em dias muito especiais, quando algum fim de setembro mais atrevido trazia sons inauditos, fúrias olfativas e imprevistos primaveris para cada cômodo da casa, transtornando, por algumas horas, às vezes por alguns dias, uma rotina duramente construída ao longo de anos, ao custo de algumas gerações de denodado esforço.

Aliás, no início, poucos suspeitaram dessa mudança: apenas eu, ela e titio, cúmplices na descoberta desses novos sentidos que vinham habitar a mesma casa, os mesmos corpos, a mesma

---

disposição habitual que impunha liturgias conhecidas, ordens já sabidas e quase sempre antecipadas, distúrbios costumeiros, sempre nas mesmas ocasiões e, portanto, extremamente familiares, imprevistos longamente preparados. Apenas eu, ela e titio, participantes de uma história sem necessidade de que falássemos dela uns aos outros, adquirimos essa evidência que nos fazia ao mesmo tempo parceiros e testemunhas — como se pudéssemos (como se pudéssemos!) estar ao mesmo tempo dentro e fora dos acontecimentos —, como dizia, parceiros e testemunhas do que ocorria, naquele momento, e sem que soubéssemos ou mesmo desconfiássemos do que ainda viria a ocorrer. E muito ainda viria a ocorrer, menos pela imprevidência dos lances que maquinalmente despejávamos sobre a mesa de jogo e mais pela essência malévola dos acontecimentos que é a de dispor de pessoas e de eventos como se fossem apenas peões sem vontade sobre um tabuleiro idem. Mesma sensação, aliás, que reencontro no esbarrão da manhã com a moça ainda sem nome e cujo nome pode estar por trás dos reencontros imprevistamente planejados com aquele rosto feminino de São Lourenço.

Calma! Não queira ver um mesmo dedo — o meu, claro! — por trás dessas coincidências. É

---

totalmente ilusório, coisa que só esse alinhavo de ficção mal amarrado e inventado ainda pior pode produzir. Aliás, se há algo que mereça sua louvação, caro leitor, é essa sem-cerimônia com que exponha minhas incompetências a sua alta sabedoria, esperando que tal sinceridade interessada sirva ao menos para distraí-lo do dever de despedir-me *ex-officio* antes cedo do que tarde, para entregar-se a prazeres mais refinados do que esse de seguir uma história sem fim (não que não vá acabar algum dia, que isso é destino fatal de homens e deuses, uns substituindo os outros, o tempo dando cabo de todos, mas é um fim que parece estar amarrado e insinuado em cada desvão desta história, mas sempre se furtando a ser reencontrado).

Ora, somente a história da mudança do comportamento de mamãe já daria bem, certamente, um outro livro, que essas recordações da infância, temperadas pelo sempre duvidoso imprevisto que se inventa para dar emoção ao que fingimos não saber, essas recordações de infância, como dizia, nunca se desenrolam impunemente. Elas atormentam, de leve, atordoam, confundem, levantam novas hipóteses acerca de velhas disputas, enchem a casa de um novo pó e trazem ao coração o travo amargo

---

de velhas histórias, tudo misturado à emoção de reencontrar o que foi e o que fomos, sem que tenhamos de nos comprometer diretamente, ainda uma vez mais, com os fatos e as gentes. Vantagem, única talvez, que se leva sobre o tempo e que faz resmungar quem quer que acompanhe nossos passos nessa história claudicante. Mas não é por um resmungo ou soluço que vamos perturbar a seqüência da narração! Há coisa de maior monta e que são justamente essas hesitações que levam a aparência da inabilidade, mas que representam a derradeira vingança deste escriba — última tentativa de recompor e reordenar o que passou —.

Assim é que todas essas histórias com meu tio levaram-me, anos mais tarde, sem que me desse conta no exato momento em que tudo transcorria, a reencenar semelhante situação, só que, agora, sem o escudo protetor daqueles velhos olhos azuis, o que quer dizer sem a mínima sabedoria, sem a menor noção de como proteger-me das tempestades e das esperanças, que as duas, ambas, são mesma e única coisa quando se trata de perturbar pazes tão duramente arrancadas, após décadas de sobre-humano esforço para amofinar o espírito. Pois não é que, no dia seguinte ao já famoso esbarrão, pus-me de pé

---

na mesma hora e minuto, talvez ainda um pouco mais cedo — o que me levou a demorar mais do que o habitual a concertar o cabelo com o restante do rosto —, e retomei exatamente, ou o mais próximo disso, todo o périplo do dia anterior?! E mais, tentava repetir passo a passo, quase centímetro por centímetro, a caminhada da véspera, querendo ganhar em previsibilidade o que perdia em confiança à medida que avançava e a paisagem deserta somente me devolvia pessoas e coisas sem importância, esgares de seres, vertigens de gentes sem o mínimo interesse, pedaços de cenas e restos de barulhos que não aquietavam a intempérie e a esperança que tentava não trazer por dentro e que, como já afirmei acima — e esta narração começa a ficar por demais monótona, mesmo para mim! —, como afirmei acima, são uma só e única coisa.

Mas o fato é que depois de ultrapassar em uma boa meia-hora meu horário habitual de voltar a casa, buscando pretextos para ficar um pouco mais, crendo ainda na hipotética possibilidade de que a moça sem nome pudesse ter-se desviado seu tanto do caminho de sempre e estaria apenas ligeiramente atrasada para um reencontro que não havia combinado, depois, enfim, de muito especular

---

com os pés e os passos, decidi um retorno angustiado e furioso, angustiado pela espera em vão e furioso com essa debilidade de caráter que me levava a esperar que as coincidências pudessem ocorrer a nosso favor exatamente quando e porque sentimos que elas poderão ser favoráveis. E, com isso, ganho ao menos mais uma pérola a colocar na conta sempre deficitária desse nosso livro-caixa de sabedorias: os pés nunca são bons conselheiros, sobretudo quando nos levam a enfrentar as tempestades e a enfeitar as esperanças (ou vice-versa, o que dá no mesmo)!

E, em se tratando de mulheres, até concederia a alguma voz impertinente e indrumista que se intrometesse desde os bastidores — como se teatro fosse essa vida tecida tão-somente de ficção e vontade —, um pouco espaço onde pudesse exercer seus ofícios de voz dissonante e dizer: que, na verdade, angústia e fúria são os preâmbulos do amor, e a resistência a ele, como se vê em toda parte do mundo, em todas as línguas que nem mesmo Babel foi capaz de enunciar aos ventos, em qualquer situação de fascínio e enlace, a resistência ao amor, então, dá a exata medida do sentimento e da emoção, se é que se pode falar em exatidão nessas longitudes, e o que de melhor se faz, em tais casos e

---

situações, é aceitar o jogo, o quanto antes, sob pena de ser jogado à margem, sem o menor interesse por si, sem o mínimo adereço com que se adornar diante do outro; em certo sentido, como no xadrez, esse é jogo em que, de dois, constrói-se o infinito: a partir do preto e do branco do tabuleiro, acrescidos de algumas restrições e poucas regras, constrói-se o infinito de possibilidades, e, no caso da relação homem-mulher, bastam as várias restrições e alguma regra de mesura para se chegar a um infinito circunscrito ao espaço apertado de dois corpos jogados numa mesma emoção de vida, projetados um contra o outro, até que transtornos e sonhos de outro feitio venham, talvez, separar para sempre o que deveria ter sido feito para ser inseparável.

Se você não percebeu, abro-lhe os olhos de leitor desatento para esse meu pretenso acesso de democracia ficcional: o dar vez a alguma voz outra não significa aceitar-lhe os trejeitos ou as intenções, mas simplesmente arrogar mais e mais argumentos para o acerto de minhas posições e idéias, pois o dar fala a alguém pode muito bem ser a melhor estratégia para calá-lo em definitivo (o que vale mais uma máxima com que você poderá se divertir — ao menos com isso! — até o final do livro). Eu, por mim,

---

mantenho-me fiel ao juízo, já enunciado várias páginas atrás, de que esta ou essa é sempre a mesma história, não importando o quanto investimos de cuidados e planos: há sempre uma mesma tragédia, sempre retecida e reelaborada, quando se aproximam homem e mulher, e não é a vestimenta ou os ademanes que alteram a substância da coisa. Aliás, essa conversa de que angústia e fúria seriam *os prolegômenos de uma demonstração teórica visando à teleologia do amor* parece, na melhor das hipóteses, demonstração de mesa de botequim, indigna de quem se acoberta e se cobre de toda sorte de auto-estima e alta consideração. E, francamente, depois de todos esses anos ouvindo entusiásticos elogios à perfeição e ao equilíbrio do jogo de xadrez, nunca consegui entender por que os jogadores, depois de comerem a rainha, tendo atingido, enfim, o ápice e o objetivo a que almejavam, ainda teimam em continuar jogando!

Enfim, depois de alguns dias que nem ousou contar quantos foram, em outra manhã nem pior, nem melhor do que aquela primeira, apenas diferente — mas sem que tal diferença se pronunciasse excessivamente —, um outro esbarrão se produziu. Mas, dessa vez, acutelado com o quase soçobrar de

---

antes, consegui permanecer a distância, observando o novo esbarrão e o sacudir de mãos com que ela me acenava de longe, como um desses terremotos secundários, pequenos, mas não menos inquietantes, que se seguem a todo sismo mais violento. De fato, entre a mão que acenava e meu corpo que se enovelava todo, disfarçadamente sempre, algo se produzia, como que uma ligação imediata, uma cumplicidade ainda anterior à vontade e aos instintos, contemporânea das Parcas e genitora dos Titãs. Como que... Se há algo que me irrita é esta contaminação de palavras: pois não é que fui eu apenas admitir a hipótese de dar rédea e azo a alguma voz impertinente, acobertada pela covardia de pretensão anonimato, e veja só que minhas próprias palavras começam a se ressentir desse clima de idealismo ginasiano?!

No entanto, há algo que nem mesmo eu posso negar e, à parte toda falta de sinceridade que sempre tenho confessado espontaneamente a você, não há como esconder de todos nós esse sacolejão. E essa espera! Havia uma espera, nesse momento, instalada no tremor que se desenhava entre a mão saudando e sacudindo num mesmo golpe toda uma cesta de certezas tão arduamente recolhidas de mim

---

mesmo e guardadas protegidas da vista do público, uma espera, como disse, instalada no tremor desenhado entre a mão dela que saudava e meu corpo que sacudia, todo trêmulo e traduzido na ponta do olhar através do qual eu depositava uma tentativa canhestra de meio-sorriso bem na palma da mão dela que me sacudia e fazia de mim, agora, parte de um mundo em que ela habitava. Isso se tornava claro para mim, e não fossem as contorções violentas desse terremoto que eu sentia passear dos pés à cabeça, trazendo cores e zúpidos e intenções e idéias e projetos nunca antes pressentidos, num périplo entontecedor que associava ao gesto dela — as mãos balouçantes — os tremores do corpo e a ansiedade até então insuspeita que molhava as palmas das mãos e deixava arfantes os pulmões, se não fossem as contorções desse terremoto, eu poderia sempre afetar alguma tranqüilidade e manter-me distante, sempre, seguro pela prudência e pela covardia do isolamento. Mas não é que todas aquelas intenções e idéias e projetos começaram a se concentrar em um único, o de conhecer-lhe o nome?!

Em certo sentido, o que buscava era reatar os laços com outra empreitada que havia iniciado anos antes, sem nunca ter tido a garantia de havê-la terminado dentro das condições de contorno

---

preestabelecidas, justamente na véspera ou no dia desse já famoso, insistente, obsessivo e nunca chegado Reveiom em São Lourenço. Na verdade, é extremamente fácil mapear ou enumerar os dias, bastando, para isso, dispor de um calendário e alguma habilidade na leitura e na contagem, não mais, mas nomear as pessoas ou dar sentido aos dias é já tarefa que exige desprendimento, pede a disponibilidade toda de uma vida e nem assim se tem garantia de chegar ao cabo da tarefa. E, em São Lourenço, naquela ocasião, como recentemente, tratava-se de encontrar o nome de alguém, ou de nomear surpresas, sustos, espantos, emoções, feito fosse labor de mulheres ou crianças — como se diz nos textos alquímicos — esse projeto de reencontrar a ordem perdida das coisas e dos fatos sob os escombros de uma escolha batismal ou cartorária, debaixo das ruínas que nome e sobrenome inauguram a cada segundo e a cada instante desfazem, jogam ao pó, desmancham como se ninguém nunca houvesse existido e fossem as lápides e os atestados de óbitos óbvias falsificações que assuntamos e com que nos assustamos inutilmente.

Assim, essa ânsia de conhecer o nome, como se fosse ele segredo que daria acesso e poder aos

---

mais recônditos desvãos da alma — e já não posso dizer, sinceramente, de qual alma se tratava, se a minha própria ou a de outra pessoa —, essa ânsia de conhecer o nome era já velha conhecida, ao menos não surgia como absoluta surpresa, trazia apenas certo peso a que os anos e a falta de hábito de usá-la mais amiúde davam ar de novidade envergonhada. De certo modo, esse segundo vislumbre, esse que instalou a ânsia e o projeto da busca — circunstância em que projeto e ânsia não se distinguem mais, absolutamente, e dão um tom obsessivo a cada gesto, como se se inaugurasse uma nova possibilidade de vida —, assim, esse segundo vislumbre da mulher trouxe-me à lembrança um terceiro encontro, também de longe, também fortuito, roubado ao calor da tarde e à confusão de pessoas, caras, roupas e movimentos de corpos que se interpunham entre minha surpresa de ver e uma figura feminina que se recortava contra a paisagem e a resumia toda inteira, deixando caber em uns poucos quilos de matéria orgânica toda a pretensa criação divina, buraco negro para onde refulgiam todas as luzes e todo o interesse de São Lourenço, vale dizer, do mundo. Aliás, não fosse por ela, poderia me tomar por um deus, capaz de surpreender no instante inaugural a festa de criação do universo. Não fosse a figura feminina, convergindo para si todos os sons e cores que surgiram na face da terra desde que Heráclito

---

descobriu o fogo que nos anima, não fosse por ela...

Estávamos no Parque das Águas de São Lourenço, fazendo hora — como se algum de nós fosse afeito a essa tarefa de construir o que, não apenas no fim, mas desde sempre, nos destrói! —, estávamos, então, passeando um pouco, antes de dar início à maratona de bebidas da noite, estávamos eu, Jamil e mais uma legião de amigos que eu não conhecia e que aqui são designados amigos tão-somente pela relação de amizade de cada um deles com o próprio Jamil. Éramos, então, Paulo, Jamil e mais uma legião, concentrados em descobrir e classificar as bizarrices de toda aquela turba de aposentados, pequenos funcionários, idosos adoentados ou fingindo sê-lo, mocinhas frustradas acompanhando pais amadurecidos sem sucessos e maiores transtornos, crianças barulhentas fazendo o que de melhor e de único podem fazer que é irritar a tirania de pais e tios respeitosamente ansiosos por um descanso que somente ocorreria no retorno a suas cidades de origem, senhoras de meia-idade exibindo a evidência de uma solidão fruto de divórcio ou celibato e que compartilhavam raivosamente frustrações fingidas com amigas tão solitárias quanto, em resumo, toda uma multidão de sonhos

---

amassados ao custo de vestimentas vistosamente sem vincos, exibindo uma prosperidade viscosa tão fictícia quanto os sorrisos de condescendência com que suportavam reciprocamente os próprios achaques, reclamos, pisões nos pés, disputas por bancos ou cadeiras, lugares ao sol ou nos restaurantes, garrafas dos variados tipos da inigualável Água Mineral São Lourenço e que nós cobiçaríamos apenas na manhã seguinte, ao acordar com a boca seca e pronta a engolir qualquer líquido que não fosse alcoólico e pudesse pôr termo àquela sede de mares e oceanos, temperada, sempre, pela promessa de nunca mais na vida voltar a ingerir qualquer bebida que tivesse mais de meio grau de teor de álcool, promessa que manteríamos, claro, até mais ou menos as seis horas da tarde do mesmo dia.

Mas a visão da mulher também acabou servindo-me de embriaguez, mais grave, aliás, do que qualquer outra que tivera ou que ainda viria a ter, pois que, passados vinte anos, ela retorna como se fosse efeito de exageros da noite anterior, já provocando certa tontura sem ter ainda descambado para a dor de cabeça que, se bem conheço a espécie humana e as características genéticas dos vertebrados, é consequência certa e garantida daquela tontura etílica que ganha sempre a precedência do corpo e

---

vem, certamente, antes de suas conseqüências. De todo modo, naquele e nesse momento, nem podia pensar em dores de cabeça, incômodos estomacais, desarranjos intestinos, em suma, em qualquer tipo de sofrimento antecipado e, portanto, fictício (como as vertigens masculinas ou as tepeemes feministas), pois que estava inebriado — acho que já posso dizer inebriado, sem exagero! — inebriado, então, por essa imagem de uma mulher dotada de tanto movimento que terminava por reduzir tudo a uma câmara lenta que quase rodasse para trás o filme de nossas vidas, deslizando sutilmente com os pés pousando suaves em cada acorde da *Primavera* de Vivaldi, rescendendo o ar com cheiros finos de sabonetes de almíscar ou benjoim (como se eu alguma vez houvesse sentido tais odores!), levando a pensar quase gritando contra a paisagem: Meu reino por essa mulher de sabonete de São Lourenço!, como se paisagem e pensamento pudessem, de alguma maneira, irmanar-se apenas pelo efeito da vontade de tê-la aquém de meus olhos. Pois seus olhos como que afastavam o restante da paisagem e deixavam aberta uma passagem que saía direto de onde eu me encontrava, ganhava velocidade, superava corpos e obstáculos de toda monta e fazia pousar os meus olhos na fixidez ao mesmo tempo calma e esfuziante dos seus, fixidez irônica e senhora de si, com que ela se comprazia em perturbar a

---

ordem do universo como se fosse minha a culpa! Surpresas e pasmos de um terceiro encontro que reencontrei num segundo, mais ou menos vinte anos depois, como se algum desvão ou dobra se manifestasse anunciando não haver nada entre um evento e outro, nem um mísero minuto, apenas o embuste desse menino-tempo que joga com pedrinhas e se diz rei das vidas e, claro!, das coisas, mentor desse estranho jogo feito justamente para que não atinemos nunca com o modo de nos divertirmos com ele, provando, por A mais B e com todo o CQD a que se tem direito, que nos limitamos a ganhar tempo, já que não nos é dado ganhar do tempo!

Aliás, nada diferente, em essência, nada distinto do que pudemos conversar, eu e Jamil, nos interstícios dos ruídos, entre um cotovelaço e outro desferido em algum passante mais afoito que se interpunha entre nós e uma pretensa destinação colocada no final de um trajeto que iria de nossa posição até um outro ponto que nem sabíamos ainda onde seria naquela calçada do Parque das Águas atulhada de gentes e crianças, entre uma espera quase ansiosa por resposta e a subsequente tentativa de reatar os fios de um sentido que queria se esvair e se perder a cada palavra acrescentada à conversa

---

e que eu tento recosturar aqui, imperfeitamente, claro, apostando em significações que, talvez, sejam apenas minhas, acrescentando atavios de toda ordem para enfeitar as imperfeições da lembrança, realçando com toda sorte de figuras o que nunca existiu na intenção e na boca do outro, colocando na narração essa mentira desleixada que se traveste em apuro de estilo para melhor enganar: Dizia Jamil, sem ter percebido ainda esses meus olhares e encontros fortuitos com uma mulher, essa mulher, a mulher: Hoje, definitivamente, não estou no melhor dos dias. Ao que eu retorqui ironicamente: E quando se pode dispor do melhor dos dias, se estamos todos sempre *naqueles dias*? E reforcei bastante a entonação de *naqueles dias*, completando: Se a gente está sempre na iminência de uma menstruação mental, de uma derrama do cérebro pelo corpo abaixo? A resposta veio imediata: Não sei com você; aliás, nunca sei bem o que se passa com você, parece sempre distante de tudo, alheio a tudo, indiferente às coisas, às pessoas. Com o que Jamil parecia expressar irritação e esse ciúme suburbano dos habitantes locais que não suportam os sucessos dos estrangeiros. Perguntei: Jamil, você já está com ciúmes do meu futuro e garantido sucesso logo mais à noite? Perguntei por perguntar, não querendo nem ouvir a resposta, que a conhecia já de antemão, podia prevê-la, conhecia Jamil o suficiente para

---

saber que ele não tinha essa estreiteza de espírito: Claro que não, mesmo porque qualquer mulher disponível a que você se acoste hoje, é só lembrar que ela não está disponível a partir de hoje, mas vem exercendo sua disponibilidade há tempos e tempo é o que eu tenho de São Lourenço, pelo menos vinte anos, não esqueça!

E tempo é algo que nunca esqueci, que não podia nem poderia esquecer, que não vou nunca esquecer, pois ele está sempre ao lado, aliás, em todos os lados, com sua cortesia fingida, cheio de medidas e rapapés, mas, de fato, espreitando o menor deslize ou distração para arrancar de nós partes, planos e provimentos. A tudo se atreve o tempo e, se nem mesmo bastam as vigas de ferro que trazemos ao coração, como enfrentá-lo com nosso ânimo de cera?

Mas, naquele momento em São Lourenço, eu pensava ter algum ânimo e ignorava gostosamente o ser ele de cera, com o que podia me sentir bem preparado para aquela noite, mas não apenas, para milhares de noites que seguiriam a ela, em suma, para toda uma vida que, no final das

---

contas, nunca ocorreria, nunca seria minha, nunca teria de verdade, como podemos dizer possuir uma pedra que trazemos à mão enquanto não a atiramos fora, ou como mostramos ter uma peça firmemente segura pelos dedos antes de lançá-la novamente ao tabuleiro. É claro que, naquele momento eu não havia pensado em nada disso: essa sofisticação de que você, caro leitor, é testemunha privilegiada, não surgiu de um momento para o outro, é resultado dessa disposição de contar o que se passou e que não se chegou a viver verdadeiramente. No frigar dos ovos, paga-se com vantagens um pelo outro, troca-se o não-vivido pelo narrado e, se há sobras, sempre se há de debitá-las à conta de uma nossa pretensa genialidade, sem fazer menção ao acaso ou à necessidade que as originou. Com o que produzimos mais uma máxima sem a qual a humanidade não saberia sobreviver à próxima glaciação: mais vale inventar uma anedota de própria lavra do que servir de motivo à piada alheia.

Mas eu havia deixado a conversa no ponto em que discutíamos o sentido profundo — em todos os sentidos — da disponibilidade feminina. Dizia então Jamil que: Tudo é apenas uma questão de não se mostrar em demasia, de nunca deixar-se à evidência do olhar, de sempre furtar-se à previsibilidade,

---

como eu mesmo faço, morando fora, nunca vindo a São Lourenço em dois fins-de-semana sucessivos, nunca freqüentando os mesmos bares, sempre variando os assuntos e as histórias grosseiras, mudando de opinião como quem vai usando vários pedaços de papel higiênico para limpar a mesma porcaria. Ao que eu não pude evitar a emenda: Mas que comparação é essa? E ele, impávido, já antecipando a embriaguez de logo mais à noite, afirmava: Mas você vê alguma diferença entre o que se produz nos intestinos e o resultado de nossas especulações mentais? Não sei se você percebeu, reles mortal, mas estou citando Nietzsche...

E a referência a um nome como esse, assim tão alemão, portanto, incompreensível — aliás, poderia até ter sido outro, Ademir de Menezes, João Cândido ou São Carlos Borromeu, que não faria qualquer diferença —, a referência ao nome foi, então, bastante para dar alguns minutos de trégua à conversa, o que nos permitiu uns bons metros de caminhada silenciosa, mais livres, agora, do incômodo dos turistas que se colocavam à nossa frente como pedintes de rodoviária quase impedindo o acesso aos pontos de embarque. E, naquele caso, o ponto de embarque estava além, para ser mais preciso, bem

---

além da Serra da Mantiqueira ou de qualquer outra que ainda azule no horizonte. E essa caminhada em silêncio cúmplice, apoiada numa companhia que se dava tácita, sem a necessidade de ir além do acordo verbal já tramado na conversa precedente, era quase como o ensaio de uma corrida de carro: olhos fixos na estrada, falando cada um consigo próprio, fazendo feição de ignorar a companhia que se deixava avizinhar exteriormente ao lado, como se estivesse, de fato, sozinho, emprestando todo o seu ser à música pesada saindo do auto-rádio, também cúmplice mas dotado dessa loquacidade que não poderíamos mais ter, pois que a havia emprestado à exterioridade célere com que se amolda o carro a uma estrada deserta apenas povoada talvez de policiais corruptos alimentados de violência, como dizia, olhos fixos na estrada buscando distinguir um ponto de fuga, O Ponto, uma solução de continuidade e de convergência na paisagem, imperceptível a olhos habituados ao comodismo das sensaborias insípidas com que todos esperam mas não buscam a morte, esse ponto de dissolvência que, no final, poderá nos transportar para uma outra margem — e só isso! — quando, finalmente, jogar-se o carro contra duas motoniveladores *Patrol* estrategicamente dispostas sobre a pista, em ângulo exato de 45 graus, fechando em definitivo o plano e o caminho.

---

E o Jamil, como se adivinhasse exatamente em que eu estava pensando, soltou o veredicto: Mas você pensa mesmo que isso aqui é a Rota 66?! É claro que eu não estava em Rota 66 nenhuma, mas esse desembarque abrupto das divagações só podia mesmo ter-me devolvido ao cinismo com que havia iniciado a conversa e acrescentei: Muito bem, Jerônimo, quer dizer que ainda estou incomodando sua augusta pessoa com minha presença marcante e fadada ao sucesso dos reclames de cigarro?, Com o que reinstalava talvez não o cinismo acima mencionado — que, às vezes, atento leitor, essa minha exagerada sinceridade acaba por confundir o que conto e a intenção de ser sempre verdadeiro transborda para outra coisa, mais interessante, claro, mas menos fiel à exatidão dos acontecimentos e das palavras —, então, dizia eu, retomei não o cinismo, mas certo tom irônico que a adolescência nos dá e só a morte nos tira, ao que fui confrontado com outro tom, esse agora sério, exagerada e propositalmente sério, com que o Jamil se contrapunha a minhas derrisões: Fadado ao sucesso!... Como se o fado fosse facilmente manipulado e tornado afeito ao que pretendemos dele, como se uma pretensão qualquer substituísse toda uma trama incoseqüente que é o destino. Colocando, o Jamil, nas palavras

---

Fado, Trama e Destino um peso que elas têm sempre, mas para quê evitamos olhar, como se me dissesse que não haveria nunca fim nessa agonia de meditar muito sobre o lance seguinte, bem planejar a estratégia de abordagem e a seqüência das jogadas até a infinitésima, prever todas as possibilidades de contra-ataque e de distração, para, sempre — e nunca no final, mas justo no meio da partida —, sempre ser surpreendido por um ousado, improvável, imprudente gambito da rainha, ao que respondi não sem alguma hesitação — o que já insinuava que o Jamil estava se saindo vencedor de mais uma refrega filosófica —, ao que lhe disse, então, de forma resumida e covarde, ainda tentando respirar um pouco e ganhar tempo nessa contenda com que tentávamos matar o tempo antes de nos entregarmos à noite: O que você quer dizer com *trama inconseqüente do destino*? Repetindo eu suas palavras enquanto tentava pensar numa melhor resposta, mas o Jamil não me deu nem o tempo de respirar, dizendo de supetão: Há um caso, uma história, a história, talvez, que sirva para dar a explicação definitiva para essa dúvida, ao menos para mim sempre funcionou dessa maneira...

E o Jamil contou; como nunca havia feito antes, armou-se ao extremo dessa precariedade séria

---

que têm todos os contadores de mesa de bar, já vencendo o descrédito da platéia com algo tão evidentemente inventado que acaba escapando à ficção, como esses comediantes de circo a tal ponto canastrões que supomos impossível ser mentirosa a sua atuação, tão evidente é a falsidade com que encena: Suponha um sujeito aprisionado — não sei se a palavra é bem essa, mas vá lá, à falta de melhor termo, fica servindo —, que descobre algo óbvio, um ovo de Colombo, uma maneira de escapar a sua própria Europa, continente que não só o contém, mas o retém enclausurado em cotidianos de ferro e horizontes de bruma, suponha um sujeito assim, exatamente dessa maneira, sonhando com uma precariedade, mesmo que seja ameaçadora, que o tire do espaço conhecido e fechado e lhe dê ao menos a chance de buscar outros espaços, desconhecidos e abertos dessa vez. Dê-lhe um nome qualquer, qualquer um, pode ser Colombo até, ponho-o nesse rumo e, vencida a viagem — que todo percurso, quando acaba, torna-se imediatamente curto, toda rota é rápida depois de concluída —, instale-o numa ilha tão ou mais fechada quanto sua antiga Europa, cerque-o de toda ordem de desatinos e de contrariedades, na extensão exata mas no sentido oposto ao que havia tomado quando da partida, faça tudo isso e observe seu rosto, cheire o ar cansado, o tom abatido, a expressão vencida que começam a

---

emanar de sua pele apenas um pouco mais crestada pelo sol dos meses embarcado, tire-o, em suma, de uma prisão para colocá-lo em outra e tente imaginar o que começa ele a pensar, que chegou ao fim, que não há sentido algum, que o sentido estava apenas em dar continuidade à busca do sentido — miragem com que apenas se adia a tomada de consciência do absurdo —... Pois é mais ou menos isso — e estou resumindo para não cansar muito a você — que estou tentando contar, a história de um sujeito tão alucinadamente lúcido que tenta escapar de um mundo fechado e louco inventando-se maluco, pondo-se a dizer asneiras e bobagens — que o mundo deve ser redondo ou igual ou livre, ou, em suma, o que dá no mesmo, que o mundo tem de ser constantemente inventado e novo — para ser enviado a outro lugar, saindo de uma prisão para um manicômio em que, no final, estava tão aprisionado quanto antes. Imagine esse sujeito ao perceber que, ao término da jornada, sua perdição, sua submissão, a passividade que lhe impõem, o respeito forçado às regras e às normas do bom comportamento, o silêncio com que é obrigado a sonhar — *você é capaz de perceber o terrível fardo que é o sonhar em silêncio, sem palavras que aliviem o peso da vida representada bem diante de nós?* —, todo esse processo de lobotomização foi o resumo da opereta que o deixaram encenar, foi tudo que pôde tirar como saldo da

---

vida! Você é capaz de imaginar que, para ele, é impossível conceber que, no final, algo escapa de sua trajetória, não para ele, claro, pois que é tarde demais para que se possa resgatá-la com um sentido qualquer e definitivo, que alguma coisa se desprende da força com que o sufocam?! Você consegue perceber que, ao final, um índio, um desses habitantes do novo mundo em que ele se aprisionou, ainda grande e dotado dessa altura que, talvez, aos poucos, outra submissão de mesmo tipo irá também apequenar, poderá usar esse aparente fracasso para ir além, aonde esse Colombo não conseguiu chegar, quebrando cadeias e cadeiras e janelas e cercas para romper o nascer-do-sol com uma escapada em direção a um ponto de fuga que desenhe finalmente no horizonte não a bruma de antes, nem os ferros de pouco antes, mas a construção de uma possibilidade, a arquitetura do provável, a invenção de um novo mundo?! Já imaginou?! E já imaginou que tudo isso só pôde acontecer pelo imponderável do inesperado e casual encontro desse Colombo com esse índio, numa ilha cercada de água, cela aprisionando pessoas e sonhos?! Já imaginou que foi o acaso que pôde gerar o eventual sentido dessa fuga, sentido de um novo percurso que se inaugurou no fracasso do primeiro, já pensou que a perdição de um, sem que se pudesse saber, sem que nada ou ninguém pudesse ou soubesse tramar por sua livre

---

e soberana vontade, foi ocasião e ensejo para a fuga verdadeira do outro?! E que, nada de vontade ou livre-arbítrio, não foi nada mais do que o acaso que determinou ao índio estar ali naquele momento, naquele local, o que o levou, ainda, por alta comiseração e sentimento humanitário, a fazer frente à dura tarefa de libertar o outro dessa nova prisão, sufocando-o com esse excesso de ar que o sono nos traz, e que apenas a coincidência de estarem ambos participando de um mesmo entremez pôde salvar o interesse para a peça principal, que se encena sempre depois de um ato introdutório qualquer?!

Mas, naquele momento, acreditando estar firmemente ancorado no passeio do Parque das Águas, em São Lourenço, eu não estava ainda apto a compreender o alcance de tudo aquilo que o Jamil me passava e que eu aqui transcrevo inexatamente, acrescentando, claro, uma ou outra pitada de meu próprio embornal de figuras e enfeites, mas, naquele momento, não pude entender todo o efeito que suas palavras prenunciavam e, mesmo passados vários anos, uns vinte, durante todo esse tempo, nunca atinei com esse sentido, embora me lembrasse freqüentemente daquele momento, daquelas palavras — mais ou menos!, que as palavras, quando recordadas, passam a ser nossas e perdem o certificado de

---

posse, a fisionomia e a intenção precípua de quem as emitiu —, embora trouxesse aquelas palavras de quando em quando à lembrança, não conseguia atinar com a importância que poderiam ter para mim, mesmo sentindo vagamente que deviam de ter alguma, e só agora, quando tento não desorganizar em demasia toda essa história que vou amarrando imperfeitamente para apresentar a você com alguma dignidade e interesse, somente agora, neste momento, creio dar com algum sentido e importância para essas e estas palavras, mesmo não sabendo mais quanto restou do que realmente o próprio Jamil disse, mesmo não podendo precisar quanto, nesses anos todos, fui deixando infiltrar de minha própria história e de minhas próprias palavras nas do Jamil, como esses sais que se intrometem na vegetalidade dos troncos mortos e nos fazem classificá-los impropriamente de árvores fósseis, quando, na verdade, não são mais do que pedras que tomaram a aparência e o lugar de uma árvore que esteve mas não está mais ali. Por isso — e nosso estimado leitor há de perdoar-me a hesitação —, ainda não posso indicar para quem ou o quê elas apontam, essas palavras jogadas como se fossem meros acasos, seqüências provindas casualmente de um dicionário que nos cai ao colo. Talvez mais para o fim. Talvez mais para o fim, eu consiga desvencilhar alguma explicação para esse sentido que mal começo a perceber, ou, quem

---

sabe, desfira apenas alguma outra máxima, uma dessas de consumo rápido e efeito imediato, concebida para alívio dos fumos de fidalguia e da consciência algo pesada que sempre trazemos todos ao alcance da vista. Pelo momento, não me atrevo a ir além desse esforço canhestro de retramar a conversa com o Jamil, entabulada no Parque das Águas de São Lourenço, lá se vão vinte anos. E toque-se o bonde!

Eu dizia: retomar a conversa com o Jamil, mas não é que parece vir intrometer-se, ainda uma vez mais e sempre!, alguma figura de carnaval veneziano que se põe a marcar a cadência de minha fala com as intromissões da sua própria, despossuindo-me de um território que me seria de direito e fato, não houvesse sua presença insistente e semostradeira?! Mas, vá lá!, aproveite-se a bonomia com que sempre encaro percalços e possibilidades — que, no fundo, são uma só e única coisa —, tire-se proveito de certo cansaço que começo já a sentir de tanto andar à roda do que não alcanço nunca, dispondo palavras como ornamento de um fenda ainda fechada à minha própria introspecção, vá lá!, deixe-se a ribalta para um desses inábeis manipuladores de teatro de sombras. Ao menos, sempre me sobra o consolo da comparação, pois você, estimado leitor, saberá bem sopesar o alcance e o efeito de um e de

---

outro e, ao final, não deixará de conceder-me a primazia, já que me concede a atenção desde o início e não é agora, quase na metade do livro, que se vai desvencilhar de mim num acesso de impaciência!

Parece dizer ele, com toda a empáfia que já aprendemos, eu e você, a reconhecer, pois que a trazemos todos, sempre, conosco: Mas não há acaso, nem coincidência, que tudo é fruto do muito evidente fato de que sentidos e pessoas se dispõem ao longo de uma mesma linha. E nenhuma história acaba no ponto final, esse sim!, arbitrário que lhe mete um narrador qualquer, mas dá sempre margem e azo a uma continuidade, uma seqüência que acaba resgatando, em sua perfeição, a imperfeita incompreensão que se tem dela no momento em que está ocorrendo. Salvo pequenas alterações de cor e de nomes, o índio, ao fugir, não fecha história alguma, mas inaugura uma outra, em que provavelmente — dando os devidos descontos a todas as distinções e analogias que apenas escondem a reproduzibilidade da vida —, saindo do manicômio, também acabará em uma prisão e, pouco mais tarde, terá de ser morto por um branco para que este possa fugir e inaugurar outro belo nascer-do-sol, com o que o Colombo do início da história se terá tornado eterno, repetindo-se na morte e renascendo

---

na fuga constantemente reencenadas, numa eternidade que, de fato, só a nós diz respeito e só a nós afeta, pois que só nós a vemos e testemunhamos, que para ele não é de proveito algum o repetir-se como algoz de seu próprio algoz, uma vez que já passou desta para melhor e não pode ler nesse percurso o sentido de uma imortalidade sua mas que só a nós é dado ler e usufruir.

É claro que não somos obrigados a dar ouvidos a esse gênero de diatribe, sobretudo quando se exhibe assim tão arrogante, capaz de perseguir e expor o fio condutor de toda a história do universo, amarrando, em uma mesma coerência, uma topada que eventualmente demos na perna da cadeira à fuga de Átila, o huno, diante da cruz atrás da qual se escondia uma cristandade temerosa, mostrando-se, ele — não o Huno, mas esse pretenso personagem encoberto, essa voz externa e atra —, digno desse autor dos muitos volumes da ambiciosa e superficialmente séria *História Universal*, escritos em proveito de ginasianos compenetrados e colocados em respeitadas estantes, entre o *Tesouro da Juventude* e os condensados do *Reader's Digest*. Mas não posso deixar de reconhecer que talvez haja algum sentido em parte dessa história universal, ao menos em um pedaço dessa porção do universo que

---

nos interessa e afeta, e posso, então, passar do *Tesouro da Juventude* a algum romance adulto condensado — para melhor comodidade de leitura, que esses bestisséleres trazem melhor estratégia do que eu próprio poderia jamais ter, mesmo à custa de anos de treinamento intenso na arte de amainar o caminho dos leitores —, poderia eu então passar de um ponto a outro nesta minha trajetória e descobrir amarras entre uma visão e outra, entre aquela mulher dos acasos insistentes em São Lourenço e essa jovem que me leva à obstinação de buscar um nome, substituto possível para outra busca que não me atrevo a encetar, já que me falta coragem ou atrevimento para tanto.

Aliás, você já deve ter-se dado conta de que, neste momento, o máximo de atrevimento que me permito é esse de fazer eco às palavras de outros e deixar que se pense que o índio pôde dar voz e vazão a um pretense sentido encoberto dos seres e das coisas, amestrados, uns e outras, pela vontade férrea e determinada de um acaso necessário cuja confusa mistura de percursos e lances resgatará nossas vidas depois que estivermos mortos. Como se fosse assim! Como se fosse dado reunir, na palma da mão e fechando os dedos, todos os projetos, todos os anseios, todas as frustradas tentativas de sair de cena

---

sem deixar a ribalta, todos os dias de desesperança ou de espera ansiosa — o que dará sempre no mesmo —, dispondo tudo isso, logo a seguir, numa explicação convincente e bem amarrada, abarcando a totalidade do que se viveu e do que se quis viver. Não passa, claro, de atrevimento e posso dizer, exercitando-me sempre no limite extremo da sinceridade, que tudo isso é boa matéria para encher linhas e parágrafos, mas não dá margem nem condição a que se ponha alguma ordem nesta história mal ajambrada que é essa nossa que vamos construindo, eu, prestidigitador algo falho, carcomido já por lembranças que me sufocam e que nem mesmo consigo ordenar de modo convincente; você, cúmplice apático, passivo leitor que ainda não se encheu as medidas de tanta desmesura e mistura de fatos aparentemente sem importância. Aprenda, ao menos que a importância está na maneira como apresentamos a matéria e nunca nela mesma, com o que se ganha algo aqui, algo ali, e pode-se sair com outra pequena dose de saber e sabor culinário, que o gosto da comida não está na habilidade com que se tempera, mas no modo como se prova o prato e com que se faz os outros comerem.

Mas, de todo modo, este atrevimento a que me referi há pouco é, ele também, eco de um outro,

---

tentado e surpreendido dias atrás, logo após o segundo encontro com a moça da manhã quase de inverno. Dessa vez, tudo foi resultado e produto de um passeio solitário, mais um da série que inaugurei depois daquele primeiro esbarrão fatídico, tentando imitar, nos horários iguais, em idêntico percurso, nos mesmos lugares dos mesmos passos desferidos pelos mesmos sapatos e meias (lavadas às pressas e postas a secar em máquina para escapar à frialdade úmida da noite), tentando imitar e restituir-me aquilo que o tempo me havia tirado. E, ao não dar com a presença dela — aparentemente, único elemento que fazia falta na paisagem e na lógica com que a observava —, como dizia, ao não dar com ela, comecei então a entabular firme disposição de deixar de vez essa cautela excessiva e solitária para buscar um nome, seu nome, o nome, com o que poderia também talvez nomear aquele primeiro esbarrão metafísico que havia sacudido as estruturas do universo feito um relâmpago desferido por um Zeus pândego, ocupado em atormentar de picuinhas as nossas vidas desavisadas.

Mas não era projeto a ser levado a cabo sem mais aquela! E é claro que não me cabia a vestimenta de inquisidor-mor, arrogando-me direitos e gestos de um Shell Scott, de um Rex Stout, ou

---

mesmo de um Jim Rockford, que eu estava mais para a relativa incapacidade física de Miss Marple do que para os exibicionismos atléticos de Nick Holmes, ou a prodigiosa ginástica mental de Hercule Poirot. Não tinha como meter-me no encaço dos dias daquela mulher, estudando-lhe manias e atividades cotidianas, assuntando repartições à cata de processos, demandas e certidões, colégios onde teria estudado, cartórios onde teria sido registrada e, depois, talvez, casada, descasada, separada, divorciada e casada ainda uma vez, cedendo sempre à insistente ilusão de que, com a oficialização do convívio a dois, suporta-se melhor o castigo do tempo, a inclemência dos governos, o desleixo dos parentes, os filhos interesseiros, as diversas incapacidades da ONU, os malogros do Kohoutek e do Halley, a falsa humildade da Madre Tereza de Calcutá e tudo o mais que, nesta manhãzinha fria, faz-me doer insistentemente o joanete e emperrar as costas enferrujadas. Não fiz, então, mais do que dar azo e asas à vontade de opor um nome à obsedante imagem que, desde o já famoso esbarrão matinal, tinha-se instalado em mim, por essa desfaçatez pudica de que só as mulheres são capazes, sempre peritas em despertar vontades e furores alheios enquanto apenas observam o resultado com a mais inocente das expressões de que a impostura humana pode dar mostras. Mas, em tudo isso, ainda faltava

---

o nome. Sobretudo, faltava a rota certa que me levasse até ele, esse nome, e, através dele, que me trouxesse a ela — essa mulher, a mulher —, feito fosse o grão gerado da terra depois de percorrida por uma multidão de hordas hostis desde o início da humanidade, produto do tecido desfeito durante o dia e refeito à noite de alguma Penélope persistente que, tomando-se de penas e afetos por mim, tivesse lançado desde lá detrás, da antigüidade e da indiferença — o que dá sempre no mesmo, já que o passado nos submete a todos a uma platitude tão radical quanto definitiva, processo, aliás, extremamente injusto, já que nos esforçamos sempre de encontrar nele, no passado, digo, relevos e interesses que ele próprio, na verdade, nunca teve! —, eu dizia, então, como se aquela Penélope tivesse lançado um clamor sutil ou um pequeno fio que soubessem trilhar séculos e eras apenas para outorgar-me o estrépito de um encontro, o abalo de um achado, o embaraço de um reconhecimento em que me fosse dado ler minhas próprias rugas nas dobras que o sorriso dela e as mãos dela saudando impõem à paisagem, como se não fosse nada de mais, como se fosse a mais simples das tarefas e a mais imediata das coisas e o mais familiar dos gestos.

Meti-me, então, em capas, trejeitos e despistes como se de detetive acanhado, começando a freqüentar ambientes e horários nunca dantes ousados, jogando à boca palavras pretensamente apenas curiosas e que traziam disfarçado o peso de uma intenção segunda, ou terceira, ou quarta — ou toda a coorte de ordinais de que sejam capazes essas gramáticas tão vetustas quanto inúteis —, vestindo-me de modo descontraidamente elegante, quando se exigia fineza pouco evidente, ou de maneira estudadamente esportiva, dando mostras de uma juventude tão exuberante quanto evidentemente falsa, em ocasiões e locais dados a tal, mas sempre sem aquelas pitadas do desleixo solitário que era meu habitual.

Não sei se já descrevi a você os detalhes de nosso bairro e de suas circunvizinhanças — ou melhor, é claro que sei, já que sou único e direto responsável por esta urdidura de principiante e, se tergiverso, hesito, atribuo-me tais rodeios, é tão-somente para dar algum colorido a essas sensaborias cinzas que brotam de minhas linhas de mau arauto e ainda pior contador —, não tenho, assim, senão que reconhecer não lhe ter ainda passado nada, mesmo o menor detalhe da arquitetura prolixa e frouxa

---

das casas e dos edifícios que nos circundam e que — única glória de toda sua existência — foram testemunhas solenes e cúmplices dos sorrisos e gestos que se seguiram ao esbarrão inaugural de toda esta trama, não dei, então, a você nenhum elemento, a não ser talvez um ou outro pormenor que tenha escapado aqui e ali, sem querer, o que não basta para dar a necessária vida e ambientação à história. Aliás, esta história, como qualquer outra, só vale mesmo pelo que a circunda, já que a trama, em si, é sempre de pouca monta e escasso interesse, como aqueles quadros que se põem à roda da sala, mas cujo peso se concentra quase que apenas nas cores e formas da moldura combinada à mobília, aos tapetes e sofás, com o que valem pouco pela cena que retratam e mais pela demonstração de gosto do proprietário em saber tão bem casar ornamentos e utensílios.

Nosso bairro é, então, composto de algumas poucas quadras sem renome e sem interesse, abrigando uma pequena multidão de paredes onde sempre se pressente alguma vida. Nunca me perguntei o que lhes dava — a essas paredes — uma unidade, uma denominação comum, Nova S... é como chamam, denominação também comum e corriqueira, pois que é facilmente encontrada em

---

qualquer vilarejo grande o suficiente para que se disponham a inventariar rótulos específicos para as pequenas partes em que se retalham os percursos e as perspectivas de seus habitantes e, à falta de maior inventividade, apenas pespegam um *Nova* ao nome já velho da cidade toda inteira. Na maior parte, são construções até confortáveis, construídas entre o final da década de 60 e meados dos 70, quando certo fausto permitia à classe média exibir como certificados de felicidade social a própria casa — construída sempre segundo planos e iniciativas que sistematicamente deterioravam o já horroroso projeto do engenheiro responsável —, a televisão colorida, cobrindo os transtornos e as pequenas celeumas familiares de uma pátina ou de uma poeira barulhenta e eletrônica, os dois carros mal acomodados na garagem concebida para um apenas, enfim, toda uma série de pequenos troféus de exuberância orgulhosa, expostos disfarçadamente à avaliação e sanção dos conhecidos, como aqueles livros que exibiam mais orgulhosamente o *imprimatur* censório do que algum conteúdo e interesse que eventualmente pudessem ter.

Aos sábados, numa das ruas menos movimentadas — embora poucas tenham um movimento

---

de carros e pessoas que lembre remotamente que se está numa cidade razoavelmente urbanizada —, aos sábados, como dizia, ocorre uma feira livre, ponto de pregão e de encontro das mais diversas roupas e expectativas, todas à volta de uma confluência animada e prenunciadora de devoras diversas — a lenta incorporação das compras à sucessão de miúdos cardápios diários ao longo da semana, ou o súbito final em festim do que foi adquirido expressamente para uma noite ou uma tarde de devassidão culinária culminada com uma sesta pesada de suores e sustos digestivos diversos —. Dotado de uma lógica que julgava infalível, supus ser essa feira uma passagem obrigatória daquela mulher, aquela jovem já mencionada, com o que projetava uma confluência possível entre o desenho miúdo que eu fazia no diário, traçando caminhos e percalços entre calçadas, ruas, carros, casas e ônibus, e o pontilhado com que ela devia de cortar a paisagem urbana, elegendo pontos onde pousasse, num instante, para surgir logo mais adiante, um toque aqui, outro além, saltitando entre existências, balcões e bancas de jornais como quem vence barreiras, e não como quem se arrasta deixando o traço contínuo de uma caligrafia insuspeita e, por isso, temerosa.

Assim, logo cedo, meti-me num quiuei todo bem emborrachado — gentileza antiga de algum conhecido que certamente ainda se lembrara de mim em viagem a Miami —, pois que caía uma chuvinha fina, miúda, dessas que peneiram lentamente sobre as cabeças de todos e tanto atrapalham as boas intenções quanto chegam, por vezes, a transtornar a expressão compungida que se deve trazer, de ofício, aos funerais. Mas não estou aqui para falar de féretros, nem de chuvas, muito embora uns e outras sirvam sempre de motivo a divagações várias, sobretudo quando se deixam ligar pela arbitrariedade reles de um contador de histórias, que, como eu, não vê nenhuma falta de pudor em transpor um cenário que mal começa a ser desenhado para buscar outra passagem e evento, lá atrás, quando chuva e funeral traziam a ainda quente presença de amigos ou de desconhecidos. Mas não quero expor-me às ironias de nenhuma figura ou personagem qualquer que possa estar entocaiado nas palavras que vou alinhavando, e ser acusado de segundas intenções e baixas insinuações nos floreios narrativos. Mais tarde, teremos tempo e ocasião — tempo, eu disse? Então, vá lá, que seja isso mesmo! —, teremos, então tempo e oportunidade de reatar esses fios e retramar mais convincentemente as casas, os pontos e os lances daquela, dessa e desta costura.

---

Pelo momento, volto ao quiuei, à chuva, à feira, ao longo corredor de barulhos feitos de cores várias, de cheiros diversos, de vozes falsa e estridentemente gentis, onde tentava não comprar nada além da conta, enquanto inquiria, perquisicionava, indagava, tentava puxar uma conversa nunca antes entabulada, como se fosse a mais natural das atitudes essa súbita loquacidade, até então unsuspeita, em minha pessoa sempre mais dado a extravagâncias silenciosas, a olhares de soslaio, a palavra tartamudeadas em semitom, ao canto da boca, impedindo ilações ou expansões de toda espécie, causando certo espanto e certa incompreensão nos feirantes, subitamente eleitos interlocutores privilegiados de uma busca de cujo propósito eles nem mesmo suspeitavam. Mas não foi inútil. Aqui e ali, de quando em quando, um ligeiro vestígio vinha pousar no meu ombro, escorregar lentamente pelo peito e cair dentro da sacola onde recolhia vegetais e pistas, como uma dessas penas de pombinho citadino que, levado por um vento quase brisa, ondeando trêmula no ar, depois de corcoveios vários e hesitantes, viesse silenciosamente, sem estridências, pousar num ser unguido, aquele único, como que escolhido quase a dedo, capaz de dar sentido e importância a uma pequena pluma pômbea pousada no

---

peito ou aos pés. Mas não era pena alguma, mas sinais, restos de uma existência que eu tentava redesenhar, a custa de uma flexão, uma torsão radical em meus mapas urbanos de caminhos sempre, até então, tão repetitivos, indícios de uma existência que começava a se desdobrar em duas — a minha e a dela —.

Era como se a cada canto recanto, atrás ou sob cada banca, misturada àquela catadupa de odores em oferta, de pessoas em disponibilidade servil e mercantilista, pequenos pedaços fossem surgindo, diminutas porções de uma existência, a dela — ou a minha; já começava então a nem saber, já nem sei mais como distinguir uma e outra, ambas estando a tal ponto ligadas por essa minha intenção de uni-las que se perdem as distinções e as evidências materiais para surgir como um único bloco, um só livro, uma coisa apenas —, iam, então, aparecendo, aos poucos, costurados pela minha busca ou pela minha vontade (o que sempre dá no mesmo), alguns detalhes, poucos mas suficientes pormenores, que essas e estas minúcias inesperadas e aparentemente casuais podem fazer todo um sentido, mais importante que aquele dado na superfície dos dias e das frases: um vendedor de ovos e de

---

frangos esquartejados que reconhecia ser a atual idade média dos freqüentadores da feira um pouco superior à de alguns anos atrás; um mercador de armarinhos que dizia estarem as pessoas cada vez menos propensas a conversas ou expansões, sempre carregadas por uma pressa invisível e pouco afeita a contatos menos superficiais; um pregoeiro de bananas, especialista, como ele próprio afirmou, em toda forma prismática amarela, que me garantiu não haver nunca presenciado encontros em que não se trocassem olhares de agressividade ironicamente temperada de uma educação evidentemente falsa; uma cozinheira de precários pastéis que jurava serem raras as mulheres que vinham à feira sem reclamar ou se fazer acompanhar dos filhos, sobretudo num sábado em que as escolas esquecem seu ofício diuturno de atormentar as crianças; uma pregoeira de raízes de todo matiz, legumes de variado tegumento e verduras de diferentes volumes, que afirmou haver presenciado apenas umas poucas trocas de palavras entre os compradores que se tenham transformado em mais do que dois minutos de amistosidade calculadamente compartilhada, sobretudo quando se tratava de pessoas que não tinham o hábito de se freqüentarem; um outro vendedor de ovos, que, bem entre os dentes, pendendo cuidadosamente a cabeça para o lado a fim de evitar a leitura dos próprios lábios e, por conseguinte,

---

que se soubesse o que dizia, um outro vendedor de ovos, então, afirmou-me peremptoriamente que a beleza feminina escasseava cada vez mais e, não fosse pelas estudantes da Faculdade de Psicologia, a única, aliás, da cidade, nada haveria de observável ou interessante num raio de vinte léguas ou mais (o cálculo sendo meu, pois que ele emitiu seu parecer em quilômetros, a que tive o bom-senso de apor uma medida mais romanesca, para seu proveito e diversão, caríssimo e incauto ledor).

E, por trás dessa cena ainda tocada pela chuva — tamborilada, seria melhor, pela intermitência insistente dos pingos —, como dizia, tamborilada pela chuva, por trás dessa cena molhada, aos poucos surgia a figura, essa figura, uma figura em tudo semelhante à que pude vislumbrar, remotamente, tão distante dos dedos quanto próxima da vontade, figura que consegui distinguir sem muito esforço e com grande proveito e — por que não dizer? —, ansiedade, há mais ou menos vinte anos, emoldurada pelas bancas de uma feira rípi nos confins do Parque das Águas em São Lourenço, já sendo acariciada pelas gotas de chuvas produzidas por um frescor vindo de cima e pelo cheiro de terra molhada proveniente do calor de baixo, oferecida à minha visão que a subtraía — aquela

---

imagem de mulher — de todo o resto do campo visual, subtraída, como dizia, à própria maquinação urbana e às pessoas da cidade, para ser ungida e escolhida alvo e motivo, causa e conseqüência de eu estar ali em São Lourenço e não em Parati ou Mauá, de eu ter nascido nesse século ainda XX e não num passado imediato ou no futuro seguinte, de eu ter escolhido seguir o Jamil por esse e não por aquele caminho, de os instintos sempre conseguirem impor uma tintura especial à civilização e forçar nossos mecanismos artificiais de raciocínio a dar conta de explicar por que, caramba!, com tantas pessoas e mulheres e moças e jovens de minha idade — àquela época! — uma mesma e como que obsessiva figura se fazia presença, insistência, ameaça, interrogação esfíngica a este Édipo tão hesitante que, ao primeiro *decifra-me ou devoro-te*, devorava-se e devora-se ainda todo inteiro de incapacidade e dúvida.

Mas, de súbito, a chuva apertou seu ritmo, desfez umas poucas rodas de conversas e certamente impugnou uma série de ofertas que se preparavam para chegar à luz do dia e em socorro dos bolsos menos fornidos, à proporção que se aproximava o final da manhã e da própria feira, e eu, tendo comprado uma ou outra coisa — a maioria sem necessidade imediata, o que já anunciava o

---

trabalho futuro de limpar refrigerador ou fruteira da podridão lenta que o tempo imprime a todo ser, sobretudo quando exposto à inutilidade e à indiferença das pessoas —, e eu, tendo, então, comprado alguma coisa, apressei-me de retorno a casa e às novas maquinações que conversas e indícios de feira faziam formigar em minha cabeça, tentando juntar coisa e loisa, impressões borradas de chuva e tosses sinceras, lembranças distorcidas e cheiros comestíveis, opiniões expostas a contragosto e ofertas especiais gritadas sem pudor, num mosaico cujo sentido só poderia vir à luz na exata medida em que eu decidisse ordenar por mim mesmo essa poeira de dados, informações e intuições, pondo de pé precariamente esse projeto meu de dar nome e vida a uma pessoa, aquela pessoa, a pessoa com que então mais me ocupava além de mim. E, embora esse episódio possa parecer de pequena importância ou raso interesse, dele pude tirar conclusões fundamentais e que irão ajudar a você, estimado ouvinte, a se localizar um pouco menos confusamente neste amontoado de querereres, contares e narrares, e que posso resumir imperfeitamente, se me dá a devida licença, claro!, que nada do que aqui se conta ou se fabula faz-se sem sua gentil permissão protocolarmente oferecida e aceita, e refiro-me aqui ao apodrecer das coisas sem que a vontade de quem as comprou interfira para impor uma ordem diferente

---

a esse fatalismo de fruteiras e refrigeradores. Como dizia, há uma lição fundamental nisso tudo, e espanta-me você não a ter ainda compreendido por sua própria conta, ensinamento que consiste em perceber que, para os alimentos submetidos a nosso arbítrio, somos como juízes divinos que deliberam o destino que terão: ou a glória de nos nutrir, mesmo em excesso, incorporando e disfarçando a podridão inexorável aos processos metabólicos que nos fazem existir e decidir de seu porvir, ou a indiferença que os abandona a mirrar, a fenecer e a extinguir-se, tendo como único consolo o incomodar-nos com o mau cheiro que se faz arauto do incômodo que lhe causou o ser inútil. Com o que me saio com outra máxima, oferecida gentilmente ao emprego que dela poderão fazer leitores mais sagazes: é sempre preferível incomodar o nariz alheio com o mau cheiro da digestão, a castigar o próprio espírito à base de jejum. E foi munido dessa certeza que, chegado em casa, dediquei-me à tarefa de consumir toda hortaliça que houvesse sobrado da última feira, alimentando o corpo de uma energia que ainda não conseguia fazer chegar ao espírito.

Mas esse início de tarde entregue a um festim alimentar relativamente bem comportado — já

---

que tal incursão gastronômica limitava-se ao mundo vegeto-frutívoro, preservando-me da devora e do pretense torpor intoxicante das espécies animais —, esse festim, então, não durou mais do que meia hora — quinze minutos, para ser mais exato —, bastando para dar cabo dele uma certa voz charmosamente anasalada cantando *Fascinação* no rádio, rematada, na seqüência, por um *Papel Machê* de respiração sincopada e tensa, ambas dotadas da potência última e levada ao extremo de infligir-me fingidos sentimentos como se fossem os mais verdadeiros de toda a minha vida. E deu-me, então, de ficar pensando no que fazia um ser humano pôr-se a pensar e a sentir como se verdadeira fosse essa emoção vendida em lojas de discos, exposta ao deleite ou à execração pública nas rádios, fingida no arranjo invariavelmente desafinado com que arrematamos todo acompanhamento inesperado e não pedido pelo autor da música, inventando em nós mesmos fascínios e arrepios apenas ao toque sutil da melodia e de algumas palavras quase que sopradas — muitas das quais nem mesmo ouvidas ou entendidas com clareza suficiente —, como se fosse de nossa própria posse ou lavra esse sentimento cujo enredo bem de leve lembra algum outro por que tenhamos porventura passado ao longo da vida, dando-nos de barato um substituto para essas vezes e momentos em que o enternecimento e a

---

frustração andaram de par, inexplicavelmente de mãos dadas e a cabeça às tontas, como que por uma decisão impensada que pretende fazer de um enredo — muitas vezes de bolero barato ou má bossa-nova —, fazer, então, de um enredo inventado, uma sensação, uma experiência, um sentir proveniente das moléculinhas de ar vibrando de tal jeito que nos dão a vaga noção de termos ao lado, quase com as mãos em nossos ombros, os olhos pregados aos nossos, a cantora ou o cantor ou, talvez, a pessoa travestida nessa voz, transtornada pelo melodia e transportada pelo ritmo, insinuando amores e paixões e saudades e retornos, a pespegar graças e tragédias ao obscuro desvão em que estamos todos sempre metidos. Seria apenas por obra e graça de uma decisão espontânea só nossa, que nos damos sentimentos sem os ter, emoções sem as sentir, sofrimentos e alívios sem os cultivar?! Seria apenas porque nos determinamos essa comoção que ela viria como quem vem de lugar algum, como se fosse a música simplesmente um pretexto, uma forma sutil de dizer que todo sentimento está apenas em nós e a outra pessoa — no caso, ganhando nome e foros de *amada* — seria apenas a desculpa para o fazermos existir?! E como saber, então, se a outra pessoa, quer dizer, seus indícios corporais, suas imagens distorcidas por uma lembrança cúmplice mas incompetente, seus vestígios e vestidos

---

materialmente dispersos nesta existência terrena não seriam também apenas uma miragem, pretexto para esse nosso exercício sempre solitário do sentimento amoroso, uma ficção tão bela e tão falsa quanto a música que sai do rádio, entorpece e concerta as tais moléculinhas de ar sem deixar traços de sua pretensa existência concreta?! E se a pessoa que se ama não for mais do que uma cômoda ficção, imagem inventada para evitar que nos confrontemos à fatalidade da solidão, única certeza possível de nossos cogitares e solilóquios?!

Nessa altura, já nem preciso dizer — o sagaz leitor por certo já o compreendeu desde o início, sem necessidade de minha explicitação sempre assaz sutil —, nem preciso, então, precisar que a busca da mulher, na verdade, sempre foi e é a busca de mim mesmo e com isso dou cabo de quaisquer interpretações imediatas, essas metáforas comezinhas que cheiram sempre a mau artifício de péssimo prestidigitador e que, nesse nosso caso, levariam a toda uma série de corolários psicanalíticos ou pseudo-propedêuticos, apontando deslizes e segundas intenções de toda ordem a cada linha, em toda palavra. O que procuro, então, é minha própria pessoa, consubstanciada nesses desvãos que a jovem

---

me deu a ver ou, mais exatamente, nessas ranhuras onde tropecei com mais vigor e evidente incômodo —que de tropeções minha existência sempre esteve repleta e locupletada; não teria muito do que reclamar nesse departamento —. Não é por outro motivo que verbalizo aqui o que já o amigo intuiu desde o intróito e, se o faço, é para bem da verdade e alegria dos pobres de espírito, que não terão assim azo e motivo para continuar nessa leitura que mais se avizinha do enfado do que pende para o interesse e afirmo claramente que a busca pela mulher e por seu nome não é mais do que uma última tentativa desesperada e transformada em mau exercício ficcional, última tentativa de buscar o que foi e o que fui e o que poderei vir a ser, o que reduz tudo o que já dela se disse e tudo o mais que virá a ser dito a uma pantomima sem enredo, a um entremez de que se retiraram o suspense do início e o alívio do final.

Ou ao contrário, pode ser, ainda uma vez, um despiste até para mim, e a busca da mulher ser mesmo móvel e motivo de todo este escrito, sobretudo nestas passagens em que se tenta o ardil — esse sim, cem por cento feminino — de negacear, de multiplicar subterfúgios, de produzir engodos e jogos de espelho, de negar o que se quer afirmar e dizer peremptoriamente o que se pretende desmentir. E se

---

afirmo isso é mais por atenção à honestidade que tem caracterizado essa ficção desde o início e que se vai conservar assim até o final, pois que, de vivida, tem ela muito pouco, sendo muito mais inventada e imaginada, por essa necessidade íntima que temos todos de nos pormos ao abrigo das intempéries da vida, produzindo as nossas próprias, contando o que ocorreu realmente e nunca aquilo que se deu na superfície dos fatos sem interesse. A você, então, compete decidir-se, e é aconselhável que o faça o quanto antes, sob pena de perder o pé e o bonde da história toda inteira, até mesmo da sua própria. Afinal, não seria prudente já chegar à última cartada sem ter passado por todas as jogadas, dar de bandeja um só e único sentido e justificação para isso que aqui conto, já explicar o todo da narração sem tê-la ainda visto se desdobrar inteiramente sob nossos olhos, debaixo das palavras, muitas, que ainda virão. Decida e, decidindo continuar, você não terá mais do que o trabalho de buscar a próxima linha, movendo ligeiramente o plano dos olhos uns oito milímetros para baixo e, se fizer tal movimento acompanhado de um ligeiro abaixar da cabeça, estará apenas prestando a devida reverência a minha pessoa e à gentileza com que alivio a pena e multiplico o prazer de sua leitura.

Num dos dias que se seguiram ao episódio da feira — talvez nesse próprio fim-de-semana —, passado o enjôo metafísico pela ingestão conjunta de vegetais e música, meti-me em outro passeio, alterados, agora, cenário, ocasião e figurantes, mantido apenas o objeto de procura ou, para ser mais preciso, os objetos dessa e desta procura, já que, no momento, contentava-me com alguns indícios que me pudessem dar acesso ao indício-mor, aquele que me levaria aonde nem eu mesmo saberia dizer — se ao precipício fundo da incontinência verbal ou ao pretense sétimo céu da felicidade terrena —, indícios, então, como dizia, que me abrissem caminho ao nome, à existência, à personalidade, às roupas e às cores habituais com que ela se adornava e vestia a vida de novos prazeres, aos cheiros com que ela interrompia o fluxo olfativo das coisas e imprimia sua marca pessoal ao mundo — hálitos de própria lavra e perfumes de fatura alheia —. Parecia-me que pessoa de tão raro proceder não se furtaria a repetir ações e palavras da maioria dos de sua idade e se deixaria ver nos locais mais óbvios e sempre muito freqüentados aos fins-de-semana. Ora, há aí um aparente paradoxo que me apresso em esclarecer, antes que seu aborrecimento, estimado leitor, leve-o à decisão sempre tomada e sempre adiada de encerrar-me em definitivo nas páginas fechadas deste livro. Há gente que tem essa

---

capacidade admirável de fazer o mesmo sem repetir e sem imitar os demais: meu tio, por exemplo, useiro e vezeiro nas artimanhas conquistatórias, nunca — que eu soubesse — havia elaborado artimanha amorosa ou armadilha sentimental alguma por livre e espontânea invenção, mas, premido pela necessidade imperiosa de se dar a conhecer novos mares, adernava sua embarcação segundo trajetos e manobras já amplamente conhecidos, mas imprimindo marca própria apenas e tão-somente por ser ele que os utilizava e não um outro qualquer —. Com essa estirpe de pessoas, até mesmo rimas de *flor com amor* se deixam ler com a originalidade e o frescor inaugurais do primeiro cromanhom que a empregou para expressar suas necessidades sexuais à parceira de caverna e que, desde então, foi usada para dar junta e liga a muito verso de má lavra, salvo, justamente, quando empregada por essa tipo de gente que nunca repete ninguém, mesmo usando ademanos e ornamentos já empregados por outros à exaustão. É como se o tempo se encolhesse e se enrolasse em si mesmo numa singularidade quase ínfima, e o gesto corriqueiro, a frase feita, a expressão habitual, o conselho evidente, o provérbio já gasto, tudo isso apresentasse a mesma originalidade da vez primeira em que foram postos em prática por alguém. Com isso, salvamo-nos desse tão longo quanto quase inútil comentário, com mais uma

---

máxima de uso imediato e que justamente nos resgata da platitude do parágrafo: mais vale uma má rima fingida nova, a uma bela confissão sincera e verdadeira. E imaginem quanta tragédia amorosa, quanta turbulência profissional, quanta cizânia familiar não se teria evitado com tal conselho?!

Tudo isso para dizer que, às noites, nos fins-de-semana, muita gente ia aos bares, e é claro que ela ia também, mas sempre diferente, sempre dotada daquela capacidade de dar ao óbvio as tinturas de um viço insuspeito e admirável. Eu, por mim, limitei-me a fazer o périplo habitual e já gasto empreendido por uma pequena multidão recidiva e noturna — à exceção dos torneios alcoólicos de que já não tirava nem proveito, nem prazer, que estômago e fígado meus já de há muito haviam estabelecido uma convivência beligerante com tal gênero de exageros —, limitei-me, como dizia, a retomar o percurso de quase todos, dotado apenas da ligeira pretensão de trilhar novas rotas sobre essas já gastas e usadas, como um pergaminho que desse a ver uma escrita nova e original sobre uma antiga aos poucos apagada pela uso incessante e repetido, em meio a uma turba revolta e barulhenta, composta de jovens estudantes, pequenos burocratas, homens de meia-idade fingindo uma saúde e um vigor tão

---

artificiais quanto melancólicos, mocinhas frustradas pela inércia e rotatividade do sexo acompanhadas de outras iguais, igualmente malsucedidas, adolescentes sempre barulhentos e fazendo o que de melhor lhes cabe que é dar aos mais velhos o consolo de ver que temperam sua juventude com doses cavaleares de estupidez, mulheres já maduras tentando encobrir a evidência da idade com camadas de tinta e impostura calculada e recíproca que trocavam, então, com outras de mesmo feitio e conteúdo, em resumo, toda uma multidão de sonhos amassados ao custo de vestimentas vistosamente sem vincos, exibindo uma alegria viscosa tão fictícia quanto os sorrisos de condescendência com que suportavam reciprocamente os próprios achaques, reclamos, pisões nos pés, disputas por mesas ou cadeiras, lugares nos bares, garrafas das variadas marcas de cerveja ou de vódica.

Usando, então, de estratégia semelhante à empregada na feira, pela manhã, tentei, durante algumas horas, fazer falarem as pessoas, sem que eu mesmo tivesse muita coisa a lhes dizer, insinuando aqui e ali um ou outro detalhe, revelando falsas confissões e pequenos segredos tão obviamente fingidos que todos deixavam de suspeitar que eram mentirosos. A grande dificuldade era

---

chegar até esse ponto, até a abordagem, pois, junto com os desatinos alcoólicos da juventude, eu havia também enterrado tanto o desaprumo para dançar quanto a desfaçatez de me aproximar de desconhecidos e fingir uma intimidade agora já totalmente impossível. No primeiro bar em que entrei, uma tentativa de comediante fazia rirem as pessoas, não do que dizia ou macaqueava, mas dele próprio, como um mau ator que não convence pela seriedade mas que diverte pela tentativa de ser sério. Ao fundo, uma música indistinguível apenas aumentava o ruído ambiente, ajudando o sujeito que, no pequeno palco, rodopiava sem cessar, impedindo a todos nós de ouvirmos e entendermos totalmente as sensaborias que disparava para todo lado. Nesse bar não fiquei mais do que alguns poucos minutos, convencido de que seu barulho, minha hesitação e a idade média do público não faziam boa mistura. Não que as pessoas presentes fossem de faixa etária totalmente diferente daquela que eu procurava. Ao contrário, e mais talvez do que em outras lugares em que ainda entraria nessa noite, quase todas aparentavam a mesma situação de estudantes universitários convencidos da necessidade de fazer filtrar as horas de estudo e aulas através da fumaça espessa e úmida dos cigarros e das tosses. E era exatamente esse o problema: para encontrar traços e vestígios, eu não poderia cair bem em cima da

---

coisa em si, eu não poderia meter-me diretamente em seu caminho, não poderia trocar o insinuado pelo evidente, arriscando-me a topar com ela de súbito, perdendo, então, todas as pistas pela presença manifesta diante de mim, tendo de explicar a nós dois, por gestos, palavras, expressões ou qualquer outro arsenal que fosse capaz de desencavar, tendo, então, de explicar a casualidade e o imprevisto desse encontro, enquanto tartamudearia uma saudação ainda mais suspeita, pois vacilante e tingida de um rubor sempre mal colocado em meu rosto.

Diante do risco de outro esbarrão, optei por protelar o inesperado, apostando na possibilidade, por ligeira que fosse, de um encontro produzido e, mais importante, de conseqüências minimamente manobráveis, já que nem mesmo minhas mãos conseguia controlar, sempre submetidas a um ligeiro tremor que avançava aos poucos, com a idade, como que tomando um território que tenha sido sempre todo seu e que, por desfaçatez ou desaforo, não se tenha proclamado desde o início, preferindo adiar a posse não por pena ou consideração, mas apenas para inflar o efeito futuro de sua manifestação inexorável e certa. Troquei, no máximo, duas ou três palavras anódinas com uma espécie de porteiro,

---

tecendo comentários sobre climas e pessoas, sem obter nenhuma informação que já não estivesse escancarada à inspeção silenciosa que qualquer inteligência mediana poderia fazer do bar, de seus freqüentadores, dos operários da embriaguez e do refestelo culinário, que se deslocavam céleres e taciturnos entre as mesas, portando bandejas e ensaios de sorrisos tão falsos quanto curtos.

Saí, então, desse bar e de vários outros, boates, inferninhos, antros de toda espécie e escória, restaurantes baratos já fechando as portas e expulsando os últimos fregueses por conta de uma solicitude de há muito já evidentemente esgotada, alguns, apenas sujos depósitos de máquinas de vídeo-gueime, com os botões semi-quebrados por levas de manipulações obsessivas, outros, contendo somente balcão e um par de mesas de sinuca, com o feltro verde todo borrado de manchas de cerveja e cachaça e escarro, num mosaico que contaria toda a história da humanidade a quem tivesse paciência ou coragem de lê-la nessa sujeira sábia pois cotidiana. O que buscava, na verdade — e não me venha você com comentários irônicos acerca da verossimilhança do que escrevo, pois nada saberá além disso que conto e tramo, nada terá além dessa tecedura enjoada que aqui exponho e, se é o que se tem,

---

contente-se com essa verdade aparente e oficial, mesmo cheirando a documento de cartório, e siga adiante, que, se eu paro ou se você me corta o caminho, nada sobrar de nós dois, ao menos aqui de onde falamos —, o que buscava, então, como dizia antes de ser interrompido, eram os antípodas daquela mulher, de seus percursos, como se, conhecendo-a pelo avesso, no contrapelo e pelo contrapé do que foi, era e seria, eu pudesse delimitar a sua essência e traçar melhor rota e estratégia para chegar até o ponto em que ela estaria, distraidamente, esperando tudo, menos minha presença.

Em todos esses lugares, repetia a mesma encenação litúrgica da entrada lenta, da inspeção girando olhos, ombros e calcanhares na mesma velocidade angular, quase imperceptível, ao menos para mim, como quem não quer disfarçar propositadamente uma expectativa que se mostrava à evidência de qualquer olhar mais curioso. E, a partir do primeiro bar, em todos aqueles em que entrei, fui encontrar exatamente aquilo que buscava, ou melhor, precisamente aquilo que não buscava, o anti-rastro de uma mulher, a delimitação de uma fisionomia pelo baixo-relevo, o desenho negativo — cores e luminosidades trocadas — de um corpo, de uma expressão, dessa exterioridade que os perímetros de

---

seus gestos esboçariam no ar e no olho de quem a observasse com um pouco mais de atenção, buscando capturar a graça e a leveza com que ela esbarra casualmente nas pessoas, o mesmo poder de perturbar a ordem das coisas e a harmonia dos seres ao encarar a vida de frente e por trás de vidros de ônibus, de barracas de feiras, por entre multidões buscando a satisfação de desejos — alguns, ocultos; outros, inconfessáveis —.

Mas acabei confundindo tudo e trazendo para essa noite, para esse volteio à roda dos bares, algo de dias passados há coisa de vinte anos, em outra cidade e em outra situação, o que não pode querer dizer nada além de uma coincidência que eu próprio construo e deixo exibida a sua inspeção generosa, caro leitor, e que dela faça bom proveito, se é que algo se aproveita dessa costura mal ajambrada e que — pode ter certeza! — já não sustento por muitas linhas mais!

Alguns dias depois disso que acabo de contar aí por cima, resolvi voltar a uma busca direta, municiado, então, pelo que havia podido descobrir em meu périplo noturno pelos bares. Em certo

---

sentido, era como se o conhecê-la exatamente pelo que ela não era me permitisse avançar algumas casas, como nesses jogos em que se sabe com mais precisão os lances que o oponente não tem como fazer, o que nos deixa com alguma margem de manobra para deduzir, induzir, aferir, intuir e, num extremo de precisão e ímpeto, decidir o que nós próprios podemos ou, ao contrário, o que não devemos fazer. Havia, na cidade — nesta em que estou, nessa de que falamos ou na que você está, em qualquer outra em que se possa pensar, como em toda cidade do estado, do país, ou da galáxia, que o que menos importa é a localização exata, mas, sim, essa geografia que vamos construindo, nós dois, a golpes de absurdos aceitos sem hesitação e de contradições admitidas com grande naturalidade —, havia, então, na cidade, um clube cujo prestígio estava menos nas pessoas que o freqüentavam, menos ainda no que ocorria em seus recintos, e mais nessa conspiração surda que dá a nós todos uma dignidade oficial que nunca merecemos no íntimo, mas que sempre nos permitem exhibir em situações de convívio social. É assim que, em algumas ocasiões, abriam-se as portas do Clube Comercial de S..., para bailes e festas dos alunos da faculdade, nenhum ou quase nenhum deles pertencente à aristocracia local, mas supostamente capazes, ao menos o conjunto de todos eles, de trazer algum alívio às finanças do Clube,

---

com essas comemorações de gosto suspeito e resultado idem. De fato, estavam sempre prontos a inventar pretextos inexplicáveis e motivos quaisquer para confraternizações ou efemérides duvidosas — os cem primeiros dias de curso; as mil e uma noites passadas na academia; o final do primeiro ano, o final do segundo ano, o final do terceiro ano; em suma, o final, o meio e o início de qualquer ano, e assim por diante —, despejando, então, como dizia, efemérides ou comemorações, com efeito e solenidade e sem outro sentido que não o de festejar os trabalhos e os dias, com algum ligeiro respeito pela juventude, antecipando, pelo avesso, o grande temor de enfrentar a sucessão de dias que, ao fim e ao cabo, darão cabo dessa mesma juventude, viagem em que nos metemos sem querer e de que, sempre sem querer, desembarcamos mais dia, menos dia.

E a ocasião se apresentou justamente no sábado seguinte ao da odisséia pelas casas noturnas — *data venia*, modéstia à parte, que tão bem se narrou alguns parágrafos acima, sou obrigado a dizê-lo para devido registro e expressão de lídima verdade! —, ocasião em que um certo baile seria o ápice de toda uma semana de panfletos e cartazes e anúncios nas rádios locais, pretextando algum fecho de

---

ouro para um Encontro qualquer de Estudantes de Psicologia do Vale do S..., ou talvez fosse uma Reunião Regional de Formandos em Odontologia, ou ainda um convescote dos Centros Acadêmicos de Expressão Maoísta e Embriaguez Russa. O fato é que as pessoas presentes, sempre em grande quantidade, sempre curiosas, produzindo barulho e latinhas de cerveja aos borbotões, ajudavam-me no propósito de permanecer relativamente na sombra — e é claro que estou metaforizando, sagaz leitor, que, à noite, pode haver as sombras da lua cheia, mas não era o caso naquele sábado e naquele clube, e nem confio tanto assim em sua perspicácia para deixar-lhe por sua conta e risco a interpretação desse gênero de figura literária —, as pessoas permitiam-me, então, como que ficar na sombra, encoberto por uma azáfama de sons variados e ritmados, falas desconexas e truncadas, gritos de desespero tentando alguma comunicação entre alguns dos presentes, suspiros abandonados nos ombros e vindos se derramar indolentemente pelas costas até serem aparados pelas mãos que seguravam a pessoa com quem se dançava, encomendas berradas com pressa ao balcão e aos garçons na ânsia de voltar imediatamente à embriaguez e ao incrível barulho da pista de dança, em suma, uma salada mista de som e fúria, toda uma agitação frenética e sem finalidade aparente, que não o desperdício de uma

---

energia e de uma vitalidade retiradas de propósito dos corpos, antes que o tempo o fizesse, cobrando seu quinhão diário à juventude e à irresponsabilidade que é de cada um e é de todos. Ao menos, era de todos nós, naquele sábado, naquele clube, naqueles momentos, à exceção de um, justamente este que lhe fala, estimado leitor, colocado à parte que estava, ou colocando-me ao abrigo daquela dissolução toda, buscando que estava um outro sentido além desses encontros e refregas esporádicas, feitas a furto e na madrugada, em que casais decidem encontrar-se mais de perto e gastar a tensão acumulada durante algumas horas e, diga-se, acumulada sem outro propósito que não o de ser derramada e utilizada logo em seguida, como desculpa para um ato de sexo que não vai além de uma masturbação acompanhada. E não que não fosse agradável, mas, definitivamente, eu estava em outra época e em outra faixa de interesse, tirando não deleites repentinos ou provisórios, mas satisfações de uma busca e, talvez, de uma vida!

E nessa busca, como em todo jogo cujo desenrolar não se controla, ou não controlamos, topei com o inesperado de uma conversa, iniciada com uma troca de favores que se tornou rapidamente

---

intercâmbios de idéias, descambando, ao final, para uma permuta de bebidas e de gentilezas, mas isso é outra história, ou melhor, deveria estar em outra história, e não nesta aqui que se desenrola aos tropeções, sem a devida fluência que acomode as bagagens e dê tempo ao corpo de se habituar às imagens que passam e ao cérebro de produzir aquele torpor agradável que é motivo e causa de toda viagem. No caso, devo dizer que estava acostado ao balcão do bar, talvez, ironicamente, no único espaço que parecia permanecer a salvo dos bebedores e dos bêbados. Mas não estava tão longe que não pudesse tocar e ser tocado pelas pessoas, multiplicando, a cada momento, aqueles repelões que sempre experimento quando sou obrigado a contrariar as leis da Física e a compartilhar um mesmo espaço com outros corpos ou pessoas ou existências. Aconteceu de um rapaz não conseguir alcançar o copo de plástico com o conteúdo solicitado que lhe estendia o atendente do bar e aconteceu simultaneamente de eu estar em posição tal que podia servir de intermediário entre uma mão e outra, o que me valeu a oportunidade de fazê-lo e, também, a repentina inspiração de outra máxima que me guardei, claro!, de compartilhar com esse inusitado interlocutor: é sempre preferível que os outros se virem com a embriaguez que lhes damos, a entornar o caldo em nossa própria causa. Mas, naquele instante, devo

---

confessar que nem mesmo eu tive como atinar com o sentido profundo de mais uma dessas produções de minha lavra e que, no final das contas e das linhas, aliviam o infortúnio de acompanhar estas passagens de ficcionice e desmazelo.

O fato é que, ao dispor-me a servir de intermediário entre um e outro — na verdade, mais preocupado, na ocasião, com o possível destino inglório do copo, de plástico, certo, mas não por isso menos merecedor de dignidade e respeito que seus congêneres de vidro ou cristal —, ao dispor-me, então, a intermediar a comunicação sem palavras entre duas mãos estendidas, coloquei-me também à disposição das palavras de agradecimento e de toda mesura e rapapé que já se decidiu há muito tempo ser resposta e réplica a atitudes de afetada gentileza ou exibida boa educação. E não será difícil ao nobre leitor induzir que, a uma palavra e outra, seguiram-se outras, dando, ao final, ocasião e ensejo de estender a conversa para algo bem além dessas expressões de polidez habituais, com o que me saí com boa paga desse ato de civilidade — e não que o fizesse de propósito, que a gentileza melhor é justamente aquela que nos coloca em evidência diante das pessoas, sem que tenhamos que dispende o

---

mínimo esforço para merecê-lo —.

Pode-se dizer que o rapaz se chamava Júlio e devia ter seus vinte e poucos anos, bem poucos, a julgar pela cupidez intocada com que observava mulheres e garrafas ainda sem distingui-las muito bem e profundamente. E é claro que me tomou por professor ou acompanhante de alguém (de alguma, para ser mais exato), o que não me incomodou mais do que o necessário, apenas a justa medida para declará-lo aqui e agora, com esta afetada indiferença de que nos fazemos cúmplices, cada vez mais cúmplices à medida que parágrafos e palavras avançam por dentro de nós dois, inveterado leitor! Até poderia deixar a você a tarefa de imaginar, sem grandes margens de erro, a maneira como entabulamos conversa, que esse gênero de interação social se faz a mesma em qualquer parte, não importa a língua ou o estrato social dos intervenientes. Passo-lhe, então, as rédeas da narração e retiro-me para um canto, certo e convencido de que você preencherá as lacunas corretamente, vai encontrar os sete erros nas figuras, indicará a linha e o percurso sem maiores hesitações e, ao final, verá formar-se um belo desenho nos pontos que ligou apenas seguindo a numeração que lhe deixo; certamente vai registrar

---

assim nosso diálogo, a começar pelo que eu próprio devo de ter falado: Todo esse barulho parece ser inevitável, mas, no fim das contas, atrapalha as pessoas, que não ouvem direito o que pedimos! Ao que o rapaz deu de ombros, como que quase não houvesse mesmo escutado o que eu disse, apenas afirmando: É sempre assim, ninguém vem aqui para ouvir ninguém, apenas para ver e se movimentar... Nas várias posições, pensei e, depois, disse, com o que ele concordou sorrindo e retorquindo: Algumas delas só são tentadas no final do baile, em outro lugar, com outro enredo, o senhor deve saber bastante disso. E mais essa afirmação, antecedida pelo pronome de tratamento punha distância e frieza na conversa, quase liquidando o interlúdio ao nascedouro, ao que me vi forçado a exclamar: Deixe essa história de senhor, nem estamos no céu, nem eu sou religioso, portanto... Ao que ele respondeu: É mais por hábito. E eu, por minha vez: Hábito que muitos de sua idade já não têm mais. E ele: É verdade, acho que sobraram uns poucos que ainda insistem nisso. Eu: É verdade, como deixar o canto das calçadas às mulheres, e o que mais freqüentemente acontece, nos dias de hoje, é elas se espantarem e não arredarem pé da beirada. Ele: É verdade.

---

E em “verdades” e “verdades” ficaríamos, se eu deixasse a você os registros do diálogo. Não que eles estivessem distantes do modo como tudo se passou, não!, guardam até mesmo os ritmos e as intenções das falas, mas não têm o aprumo e o rumo que me interessa expor, daí o eu ser levado a retomar rédeas e palavras, agradecendo sua meritória tentativa, estimado leitor, e deixando-lhe a paga de ter tido algum gostinho de inverter as posições e as expectativas, com o que deve de ter sentido o peso e o fardo desse meu ofício e, doravante, terá mais complacência com minhas hesitações, meus erros, minhas arapucas mal tramadas e pior ainda armadas.

Mas devo dizer que o diálogo sobreviveu aos maus tratamentos que lhe demos e que nos demos ao longa da meia hora que durou. O tempo pode parecer pouco, mas quando é que ele não se apouca e não se apequena, cortando a respiração a fatos e intenções e projetos que exigiriam sempre mais do que ele nos dá? De fato, estamos todos, desde o início e incessantemente, em meio a uma conversa deformada toda ela e constantemente interrompida pelo barulho que fazem os outros (e nós mesmos, sem nos darmos conta), até dar-se uma interrupção definitiva que não vem de nós mas a nós atinge sem

---

apelo. Não há nela grandeza que pague as intenções ou dê vazão aos esforços que planejamos ao início. Na verdade, a grande tragédia de nossas vidas reside justamente em ela não ser nunca grande. Nossas tragédias são sempre miúdas, rasteiras, nunca altissonantes e dotadas daquele tom grandiloqüente de ópera italiana com que teríamos alguma paga das frustrações e dos desacertos. Não! Elas, nossas tragédias, têm sempre a vocação rasa desses sofrimentos silenciosos que trazemos ao rosto e que não rendem, quando muito, mais do que um aperto de mão, um olhar compungido, muito raramente uma lágrima sinceramente comovida, logo secada pela contrição e pela pressa.

E pressa é o que determinou, naquela ocasião, naquele local, o rumo da conversa e das coisas — ao menos algum ritmo, desastrado que fosse, em meio à balbúrdia descontrolada e selvagem que se impunha como que inevitavelmente às pessoas —.

O fato é que a conversa descambou rapidamente para filosofias e que-tais, fosse pelo efeito da conjunção do álcool forte e do estômago fraco, misturados na figura do meu jovem interlocutor, fosse

---

pela predestinação de me dar a ouvir esse tipo de lamúria metafísica a cada esquina, a cada desvão em que caio ou me intrometo, não importa!, o fato é que a conversa descambou e, ao final, algum proveito pude tirar do que ouvi, ou, para ser exato e sincero, devo dizer que foram dois os proveitos, o primeiro sendo exatamente aquele que você já adivinhou, que é o de estar gastando um tempo que seria necessário a algum encontro fortuito, a alguma imagem reciprocamente entrevistada que eu buscava e mesmo preparava nos mínimos detalhes, desde o ângulo de visão que queria ter da pista de dança e da porta de entrada, até a postura de calculadamente falso desleixo, e o segundo proveito estando submetido aqui à evidência destas linhas, que é o de dar tempo a suas e a minhas reflexões, pois que celeridade de ritmo não se coaduna nunca com a necessidade que temos todos de tirar a emoção das palavras e o pó dos móveis. E saio-me com outro valioso ensinamento, de benefício assegurado e garantia de validade universal, desde que o estimado leitor tenha a gentileza de não utilizá-lo com minha própria pessoa: lançar fora pó ou palavras tem sempre a vantagem de que são os outros que estarão a se sujar. E mais não digo — neste parágrafo, evidentemente! —, nem nada mais será necessário ser dito!

---

Mas Júlio — era esse o nome, se é que você já não se esqueceu, depois de tanta embroma, é claro que sempre temperada por algum charme, mas deixando inapelavelmente muitas e muitas linhas entre uma rara idéia aproveitável que apareça aqui e outra que dê o ar da graça bem mais acolá —, Júlio, então, saiu-se com uma história que não posso deixar de registrar pelo respeito que ela e ele devem merecer, e não porque sejam capazes de dar novo rumo ou interessante atavio a isto tudo que lhe conto. Disse ele, então, Suponha um sujeito enclausurado — nem sei se essa é a melhor palavra, mas, fazer o quê?, fica servindo à falta de uma melhor —, vá lá!, enclausurado, então, enclausurado por uma perda e que descobre algo muito evidente, um ovo de Colombo, já se disse em algum lugar, um modo de fugir à perda definitiva e irreversível de quem amava e à sua própria perda — uma enroscada à outra como fitas de Moebius se afogando abraçadas —, armadilha que só o mantém vivo por pouco e precariamente, mas que o retém em um apartamento fechado ao mundo e amarrado a seus sentimentos e memórias, escondido dos cotidianos de ferro e dos horizontes de bruma que espreitam do lado de fora, suponha um sujeito assim, talvez em Paris, exatamente dessa maneira, sonhando com uma saciedade,

---

que nunca retornará em definitivo, mas que, ao menos, o tire provisoriamente desse espaço e desse tempo em que se vê sofrer, que lhe dê chance e oportunidade — uma última — de buscar uma outra mulher, dessa vez desconhecida e sem nome, o que significa não ter ela nem endereço nem laços afetivos incômodos, que tanto aderem à pele como se prendem aos cantos, às quinas, aos móveis e às lembranças. Dê-lhe um nome qualquer, qualquer um, pode até ser Paul, com que o que se ganha certo charme americanizado, ponha-o nesse lugar sem nome e fechado, e, concluído o desenho do espaço — que todo esboço, quando e se acaba, dá sempre margem e azo a um outro ainda, e assim por diante, nunca estando, na verdade, concluído em definitivo —, coloque-o, então, em uma relação amorosa tão ou mais fechada quanto sua sensação de perda, dê-lhe toda ordem de desatinos e de expansões sexuais, na extensão exata mas no sentido oposto ao que havia posto no altar erigido à mulher perdida ou morta — perdida por ela própria, morta por si mesma —, faça tudo isso e observe atentamente o rosto dele, perceba o tom baixo e quase inaudível com que fala, a fisionomia cansada dos sorrisos que tenta com um esgar de mal disfarçada contrariedade, o ar abatido e a expressão vencida que nunca abandonam sua pele, dando apenas em aparência de truque, de rejuvenescimento tão triste quanto falso, retire-o,

---

assim, de uma cadeia para colocá-lo em outra e tente pensar o que começa ele a fazer e a sentir, que chegou ao fim, mas que esse fim pode ter alguma elaboração artística, que não há sentido algum, a não ser o sentido com que se investe contra a vida num ato de deliberado esteticismo — miragem provisória com que apenas adiamos todos a nossa inevitável consciência do absurdo, mas com que ganhamos algum alívio do tempo que passa —... É mais ou menos isso que estou tentando dizer, contar a história de um sujeito tão paranoicamente racional que tenta curar-se de uma perda fabricando-se uma outra, a sua própria, pondo-se em situação de lirismo afetado e humilhante — dançando tangos quando ninguém mais o faz, porque ninguém mais poderia fazê-lo porque tocar um tango argentino parece ser mesmo a única coisa a fazer, o que dá sempre e ao menos a sensação de que algo ainda pode ser inventado e feito como novo, mas que resulta no final das contas e no frigir dos ovos numa mesma e idêntica prisão de que só se sai a navalha ou revólver, tão preso quanto antes, apenas adornado desse clima de canastrice estilizada que é própria dos dançarinos de tango, dos amantes abandonados e dos maridos enviuvados, ou seja, de toda a espécie humana, que, se bem o procurarmos, no fundo não encontraremos indivíduos de outro feitio —. Mas imagine esse sujeito ao perceber que, ao longo desse

---

outro percurso, dessa outra relação, agora sem nome e sem efeitos duradouros, ainda e sempre é obrigado a sonhar e a amar em silêncio — *você é capaz de sentir o horror (o horror!...) que é engolir cada palavra, cada gesto, cada imagem, reduzindo-os a uma intenção abortada ao meio, com medo de que possam despertar a consciência, sem o alívio das falsas ficções que, ao menos, eles nos trazem?* —, imagine que toda essa opereta foi a única encenação que conseguir imaginar para sua saída de cena, o derradeiro e último salto, pequeno saldo de uma vida que tanto prometia! Você é capaz de perceber que, para ele, é impossível reparar que algo se produz ainda além de sua trajetória — claro que não para ele, sobretudo depois do fim e desse fechar de cortinas tão repentino quanto esperado —, que alguma coisa se solta de um rumo que ele não pode mais ver, de um sentido que ele não pode mais explicar, de uma metáfora que não lhe mais é dado interpretar?! Você consegue perceber que, ao final, um outro homem vai também fazer um filme com a mesma mulher, apenas um pouco mais envelhecida, esta, e pouco mais envilecido, aquele, para, no epílogo, deixar-se pegar pelo mesmo enredo barato de clube de dança de segunda categoria, essa tragediazinha que nunca alcança os tons bíblicos com que nos acostumaram e nos enganaram na infância, e que se perde, da mesma maneira, numa fuga para a

---

frente que tem muito mais de covardia do que coragem?! E você é capaz de perceber que é isso mesmo, exatamente isso, que faz as histórias avançarem, que faz os homens e as mulheres continuarem a se desencontrar inevitavelmente, a se esbarrar casualmente, a se casar e a se descasar sem complacência e sem filhos, mesmo tendo-os, numerosos?! E já imaginou que tudo isso só pode acontecer pela casualidade sempre inesperada e imponderável desses encontros e dessas separações, sempre umas seguindo-se às outras, seja numa ordem, seja em outra, que esse equilíbrio não é necessário à reprodução e à permanência da espécie?! Já imaginou que foi a eventualidade espontânea de um desencontro e, na seqüência, a casualidade fabricada de uma contradição ou de um mal-entendido que puderam gerar o eventual sentido dessa fuga ou dessa vida — o que, quase sempre, vem a dar rigorosamente em mesma e única coisa —, sentido que vem a desaguar em outro percurso que se inaugurou no fracasso do primeiro e que guarda, todavia, a fatura do anterior, já prenhe das mesmas contradições, das mesmas fabulações, sem que nenhum dos atores perceba ou mesmo desconfie?! Já pensou que a perdição de um Paul, sem que se pudesse saber, sem que nada ou ninguém pudesse ou soubesse tramar, em filme ou livro, por sua livre e soberana vontade, foi ocasião e ensejo para a que se

---

preparou para o segundo homem — ou que este mesmo prepara sem o saber ou desconfiar —?! E que, nada de vontade ou livre-arbítrio, não foi nada mais do que o acaso que determinou a um e a outra e a outro o estarem ali naqueles momentos, naqueles locais, o que os levou, ainda, por rigorosa falta de possibilidades outras, a fazer parte desse ato introdutório, ou dessa pantomima que se representa no intervalo da peça principal, mas que nunca sabemos bem como se desenvolve, como se articula, como se dá a representar e para que platéia exatamente, deixando-nos sempre, às mãos, essa tarefa impossível de entender um obra inteira a partir de um pequeno fragmento que nos é dado ver e de que não participamos quase nunca como protagonistas, quase sempre a título de meros coadjuvantes, tentando entender como uma morte leva a outra, e esta a outra ainda, como um casamento findo pela desistência de uma primeira mulher pode levar a uma outra relação que, finda também pela morte e pela frieza dos sentimentos, leva a um outro casamento que, se não acaba em revólver, termina em tédio — de que não se tira proveito nem se vê diferença alguma, salvo, sempre, se for o caso, o esforço de estilização que, em alguns momentos, alguns poucos conseguem impor ao caos que nos rodeia e nos circunda e nos resolve e nos remata a todos —?!

---

É claro que Júlio não disse exatamente isso, ou melhor, deve de ter dito isso mesmo, apenas com outras palavras e menos enfeites, já que os adornos e as figuras são de minha própria lavra e responsabilidade, sem os quais, aliás, você não veria o mais raso interesse na história, que esse ofício meu exige constante apuro no trajar e aparência constantemente limpa e escorreita. Mas, ouvida a história, fiz o que de direito faria em situações semelhantes e imprimi à face e às mãos gestos de absoluta indiferença, como se o sentido que, agora, vislumbro no que contou Júlio — e retramado por mim próprio — não pudesse, de modo algum, por via alguma, atingir aquela ocasião mais recuada no tempo em que essa ficçãozinha canhestra viu-se apresentada ao mundo e à consideração dos homens, na figura deste que lhe fala, estimado leitor! É claro que essa indiferença afetada só foi possível porque, naquele momento, outro instante se imiscuía e dava o ar da graça e o incômodo da lembrança, impondo ecos de quase vinte anos atrás, de um certo Reveiom de que você já tanto ouviu falar e de que quase nada sabe. Pois não é que a imagem de um Júlio falando e abrindo-se aos rastros do álcool trouxe outro semblante, quase ao lado, quase justaposto a seu próprio rosto, deixou ver naquele presente então

---

rearrumado e reordenado de outro modo, não o sentido que se dava à evidência desinteressada e mesquinha da maioria de nós — de nós dois, ao menos —, mas um outro que me era dado fabricar com os destroços de tempos e seres passados, alguns talvez já irremediavelmente mortos?! Sobre a expressão de honesta curiosidade de Júlio aparecia o tom zombeteiro e ao mesmo tempo sério do Jamil, dentro da boate do majestoso Hotel Brasil, no coração de São Lourenço, no ventre das trevas que, naquele local, eram temperadas de luz negra e habitadas por uma legião de pessoas bebendo gim-tônica, dando voltas e mais voltas numa apertada pista de dança que, àquela hora, já trazia impregnado o cheiro de uma transpiração que nem o ar-condicionado resolvia, associada ao suor de um cio preparado toda uma semana de espera pela virada do ano. É claro que as falas de um e de outro guardavam alguma diferença no propósito e grande distinção no modo como chegavam até meus ouvidos. E é óbvio que, neste momento, outorgo-me direito e possibilidade de torcer os planos e mapas de toda a narração e costurar uma semelhança entre ambas e ambos que não se explica senão por meu próprio desejo de enredar a você, caríssimo, cada vez mais fundo, cada vez menos passível de sair ileso dessa trama de segunda categoria, tão evidente e segura de si que nem mesmo se furta a revelar suas

---

tramóias, a desdobrar seus segredos, deixando para o final uma revelação que não será mais do que a confirmação da falta de sentido e de interesse que nos acompanha a todos na cova ou na danação eterna — a escolha é sua, que nessa história específica não me intrometo! —.

No entanto, mais do que a sobreposição de Jamil a Júlio, o que abalou todos os alicerces que eu vinha construindo delicadamente, pacientemente, com todo o desvelo que ainda podia purgar de uma vida acostumada à mesmice e à falta de emoções, o que abalou até o ar que eu respirava dentro daquele clube, temperado pelo som absurdamente alto da banda tocando tudo menos tangos, foi a sobreposição, mais uma vez — novamente sem que eu tivesse feito nada previamente preparado, nada organizado de antemão e de antevéspera, tudo deixado ao léu do acaso e das artimanhas desse que está sempre à espreita desta nossa narração, torcendo sentidos, preparando encontros, tramando desencontros e mal-entendidos, dispendo o duro dedo do desgaste contra a fraqueza nossa de todo dia —, foi, então, o sobrepor-se, uma vez mais, de um outro rosto a outro rosto ainda, os dois femininos, os dois cúmplices de um mesmo enigma que atravessava dias e vidas para instalar-se, comodamente, um na casa do

---

outro, como se fossem um só e mesmo personagem. Pois não é que no clube de poucos dias atrás e na boate de há vinte anos, quase que um mesmo rosto me surpreendia em atitudes e trejeitos que, à vista daquele olhar, tornavam-se vergonhosos procederem — com o que absolvemos em definitivo a Adão e a Eva, ao que parece condenados apenas pelo olhar indevido e inoportuno de um deus ou de um anjo seu preposto, que impuseram a um ato inocente a devassidão do pecado que estava, então, repita-se, apenas na intenção de quem o queria ver —?! Pois não é que eu surpreendia e me surpreendia com o transtorno fácil dessas sobreposições todas, inaugurando sentidos, impondo projetos, desvelando desejos, externando votos e vontades, dando a ver uma em outra — mulher, ocasião, oportunidade, festa, pista de dança, cidade, expressão, vontade, conversa, bebida, o que você quiser, é só escolher que os diferentes elementos desta lista aí parecem se igualar todos, não sei por que artimanha do tempo ou da memória —, fazendo, de novo e insistentemente, aquela curva no tempo que, se não se explica por nenhuma metafísica divina, não deixa de causar enjôos e vertigens?!

Mas é claro que eu simplifico, talvez até de modo desleixado, mais do que recomendariam bons

---

modos e boa educação. E se não o fizesse, não o pouparia, prezado leitor, às mesmas gastura que senti e sinto eu, pois permito-lhe saber ou reconhecer apenas, de longe, no que falo, uma sensação e uma experiência que nunca serão suas, apenas possuídas que são elas todas na superfície das palavras que conto, ordeno e costuro, e, com isso, sai-se você com alguma consolação desse não sentir diretamente, desse distanciamento que escolheu por bem da ficção e alívio de todos nós. E, mais ainda, poderá até fazer uso futuro de mais uma dessas providenciais pitadas de sabedoria que surpreendemos nós dois, aqui e ali, encastradas, às vezes desastradamente, nisto que falo eu e nisso que ouve você: melhor é dar ouvidos à história, que o corpo todo inteiro. E nem é preciso dizê-lo de outra maneira, que o nosso arguto leitor saberá disso tirar toda conseqüência e lucro possível e desejável, não?! Mas eu dizia simplificar a história, quando me deixei interromper por essas e estas digressões que, se não fazem avançar a narração, ao menos aliviam o peso do tempo que se deve gastar com ela. E a simplificação está estampada na óbvia evidência de que uma mulher e outra eram diferentes, assim como não eram as mesmas as cidades, as pistas de dança e todo o rol de coisas que acima enumerei, por excessivo pejo de estar tornando-me desinteressante, igualadas todas, então, por mero intento de fazê-las e senti-las

---

iguais, como se pudesse, eu também, provocar esses desvãos no tempo e articular num momento o que foi em outro, restaurar no *eu* atual um outro *eu*, pretérito, que já se havia aproximado demasiadamente do *ele*, reconhecer em si um outro, fazer desse inimigo que nos espreita a cada manhã — na memória que se põe de tocaia por sobre nossa pele, por trás do espelho em que nos barbeamos, nessa tentativa canhestra de redesenhar o que foi e o que fomos — fazer, então, desse inimigo alguém minimamente familiar. E, se as situações eram distintas, não podia deixar de reconhecer que também os sorrisos e os olhares eram diversos. Nesses, de há poucos dias atrás, no Clube Comercial de S..., uma espécie de curiosidade atenta e aparentemente desleixada se deixava estampar como que sem esforço em seu rosto, como que se ela tivesse usado toda uma semana de minuciosa preparação para, surgida a oportunidade e dada a brecha, ela pudesse exhibir a mim — exclusivamente a mim — um sentido e uma vontade que apenas quem quase foi abalroado alguns dias antes pudesse entender, explicar, sentir, observar e, depois de também minuciosa preparação e estudo, contar tudo em linhas que amiudam e se acumulam sem dó nem piedade. Ora, naqueles gestos e olhares de vinte anos atrás, na boate do Hotel Brasil, não se podia, de jeito maneira!, captar a menor dose de cuidado ou de planejamento prévio.

---

Antes, posso falar de decepção, de melancolia, de surpresa, talvez, ao surpreender-me ela em plena embriaguez, mais agarrado à garrafa que à garota que trazia a tiracolo, nem um pouco atento à possibilidade que então se concretizara de reencontrar aquele rosto conduzindo aquele mesmo corpo que se havia desvelado aos poucos; primeiro, como semblante atrás de uma janela de ônibus; depois, feito membros e cabeça através da janela de uma casa; e depois ainda, como existência inteira dada a ver nos entrevãos de pessoas e barracas numa feirinha rípi. E, para pior desenlace da situação, a garota que eu manejava já sem habilidade alguma, submetido que estava às provas de fogo da vódica e do absinto, era irremediavelmente feia, desconexa, côncava e obtusa, dotada dessa incapacidade de dissimular o próprio estado de desacerto com o mundo e com as linhas todas, retas ou curvas, apenas camuflando-se, de quando em quando, na desatenção desastrada que nos traz a ebriedade e de que nos damos conta apenas no dia seguinte, quando a luz do Sol vem nos trazer incômodos à vista, movimentos suspeitos e espontâneos no abdome, mas alguma clareza à consciência, mesmo pesada de ressaca e arrependimentos de toda ordem, grau e espécie.

---

O que aproximava, então, essas diferenças e dava a ver, em uma, a outra, costurando num tempo o que transcorreu em outro, fingindo como possível algo tão remoto quanto o reencontro de uma Clarice com um seu marido torturado e morto — que pôde apenas e tão-somente ocorrer numa letra de música e nunca na experiência diária com que nos debatemos no cotidiano — ?! Na verdade, era eu o exilado, em um tempo e em uma situação em que não mais reconhecia rosto nem fisionomia nem sotaque próprios e podia apenas apostar nessa ligeira possibilidade, nessa intenção de recobrar o sentido meu, dela, das coisas, nessa minha vontade de ver e ter à mão uma correspondência de rostos e de sorrisos, de fazer por minha conta e risco um diálogo entre duas mulheres, entre dois corpos, entre duas oportunidades, uma, já irremediavelmente perdida na poeira assentada há coisa de duas décadas; outra, dada à evidência dos sentidos e ao atordoamento das palavras — ou exatamente o contrário disso, ao atordoamento dos sentidos e à evidência das palavras, o que faz uma mesma e única confusão e de que não se tem mais certeza alguma —; mas, como já queria dizer acima, a primeira podendo ser retramada e trazida à luz na segunda, de alguma maneira, por algum desatino momentâneo do destino ou incapacidade temporária deste narrador.

---

Mas o fato é que, na visão que ainda pudera ter — embargada de emoção e por álcool —, de vinte anos atrás, o olhar visto e verificado já não apresentava mais a curiosidade tão fresca e tão natural nas mulheres, sobretudo quando ainda carregam aquela capa de ousadia que as faz manter a adolescência muito além do que poderíamos esperar ou mesmo querer. Não, o olhar havia perdido, então, o seu viço natural, e ganhara um tom cinza, talvez acre, de decepção e de melancolia, nunca de inveja ou ciúme, que essas poderiam ter dado algum consolo a este que lhe fala ou àquele que então dançava desastradamente — que perfazem os dois, até prova em contrário e bem produzida que vá além dessas paupérrimas evidências, uma única existência —, o olhar, então, como dizia, havia ganhado contornos de desesperança, como se os acasos dos encontros e a casualidade dos olhares fosse uma aposta perdida na pista, no jogo, na dança e na companhia que eu, até então exibido e faceiro, expunha ao escândalo das pessoas, à diversão dos amigos e a minha própria e certa e posterior execração, como quem tenta por prazer e risco uma jogada atrevida, não medindo nem conseqüências nem desdobramentos prováveis ou possíveis, e vê-se com o saldo negativo de uma queda, de um

---

prejuízo, de um desastre que todos, à exceção do próprio jogador, já podiam prever. E não havia sido por falta de alguma sabedoria, que algo eu devia de ter aprendido com tio Alan, ao menos essa desfaçatez simpática com que ele encarava os azares e deles extraía motivo de piada e chiste.

E é aí que entra a segunda história contada por Júlio — e ele vem-se saindo melhor narrador do que a encomenda, e não se admiraria ninguém se, algum dia, por manobra quase que natural e esperada, viesse ele a substituir este escriba desengonçado, mau contador e ainda pior ator, que nunca tive jeito para a coisa e melhor faria se deixasse a ribalta para essa estirpe de gente habituada a fazer verdades de mentiras à custa de tanto repeti-las de maneira grácil e harmoniosa —, mas, dizia, aí entra a segunda história da noite, contada por Júlio e retramada por mim, nesse inevitável movimento de imprimir minhas pegadas ao andar do outro, como que tentando encaixar meus pés sempre maiores nas marcas sempre menores que outros deixaram na areia, exatamente ou quase tal como se segue: Suponha alguém que, surgindo não se sabe de onde nem como, venha a encerrar-se em uma cidade, uma pequena cidade como aqueles burgos parados no tempo, digamos no interior da Alemanha — aliás,

---

nem sei se *encerrar-se* ou *Alemanha* são boas escolhas, mas vá lá!, à falta de melhores termos ficam esses valendo, que nada sobrarão mesmo, depois de tudo contado e lido —, encerrado então tal personagem em tal vilarejo, por livre escolha e soberana vontade, como se tivesse descoberto o óbvio, a evidência das evidências, isto é, que, ao surgir como que do nada, sem nome e sem passado, sem documentos e sem destino, poderia instalar uma outra existência, fundar posteridades distintas, inventar-se uma outra infância, outros antepassados e até mesmo uma outra cultura ocidental em que não teríamos que nos submeter ao jugo de um salvador-que-não-se-salvou-como-poderia-então-nos-salvar?, poderia postular uma outra gênese para a eterna consciência de culpa que sempre atormentará a espécie humana, dessa vez atribuída aos maus humores de uma deus nefelibata chamado talvez Crom e não mais fundada na sofrida escolha de uma Eva de atormentar um Adão com a possibilidade de eleger seu próprio caminho para a sabedoria. Suponha mais, suponha que essa pessoa escolha exatamente o contrário de todas essas possibilidades e nem funda descendências outras, nem inaugura outra existência, nem inventa diversa infância ou nascimento, nem refaz o percurso da cultura ocidental desde a época da Teogonia e nem se isenta de culpas ou vestimentas. Suponha apenas

---

que ele chegou ao burgo sem nada dizer e que assim, ou quase assim, permanece, como que à margem do tempo e à deriva das palavras, gestando um ovo aparentemente em si e por si, mas que, em verdade, é apenas resultado da indecisão e do incômodo com que os habitantes do lugar, crendo olhá-lo, pesá-lo, medi-lo, analisá-lo, expô-lo à consideração pública, estão, na verdade, olhando-se, pesando-se, medindo-se, analisando-se, expondo-se à própria e mútua consideração. Suponha, então, que, por nada ou quase nada dizer, apenas exibindo essa inconformidade com todo plano divino — esses planos inclinados que nos fazem perder a melhor jogada, sempre, e cair em casas inapropriadas para a seqüência do jogo, como máquinas simples mas inapeláveis que fazem a peça saltar aleatoriamente de um ponto para outro, sem o bom-senso de um rumo planejado com o rigor que a levaria sempre a situações diferentes evitando tanto o ardor das discórdias quanto a monotonia do já visto —, exibindo apenas, como dizia, sua inconformidade com a soberana e autocrática linha de toda intervenção divina, então, esse personagem, provisoriamente chamado Kaspar — para acentuar a ambientação germânica e o efeito elegante que isso traz, esse de histórias que se inventam acima e se contam abaixo da linha do Equador —, tal personagem se colocaria, então, em uma margem que, aos poucos, se tornaria central para o

---

vilarejo e para as pessoas que lá estariam, assim como para aquelas que, como nós, simplesmente fingimos tê-la diante dos olhos, sem tê-la assimilado, aceitado ou mesmo admitido. Suponha tudo exatamente dessa maneira, faça com que ele aí fique encerrado por tempo indefinido e, esboçado esse plano topográfico do burgo — pois não é que todo rascunho, quando e se acontece de ser posto todo em papel, traz consigo, sempre e inevitavelmente, ocasião e motivo para outro ainda, e mais outro, nunca podendo ser dito dele que está pronto e terminado?! —, coloque, então, nosso personagem como estátua viva, a interrogar cada pessoa porque deixou aos poucos e definitivamente de interrogar-se, incomodando a tudo e a todos exatamente pelo fato de nem mesmo mais dar mostras de querer fazê-lo, faça tudo isso e observe atentamente sua face dele, perceba a serenidade quase inacreditável — para todos nós, ao menos, campônios ou comerciantes desse burgo perdido —, a serenidade, então, com que desafia adulações e incredulidades e admirações e temores, a indiferença com que enfrenta chacotas hesitantes, humilhações temerosas, provocações covardes, e dê-lhe, enfim, a solução, exibindo em seu semblante a constatação, afinal por todos pressentida e não por isso menos temida, de que ele não traz mais do que uma só e mesma e idêntica sensação de enclausuramento, aquela que já experimentara no

---

exterior desse pequeno mundo — burgo delimitado por alguns campos de trigo ou centeio, pequenas seqüências de montes, muita vontade de isolamento e algum temor da morte ou do pecado —. Retire-o, então, de uma prisão apenas para metê-lo em outra — menor, certo, mas não por isso mais claustrofóbica, temperada, apenas, no caso dele, por doses suficientes de conformismo —, tente fazer seus os pensamentos dele e perceba que ele exhibe apenas um percurso que chegou ao cabo, vidente que vive tranqüilamente as horas do fim, perceba que ele demonstra com todo CQD a que se tem direito que esse fim é inevitável, mas que pode ser encenado com alguma elaboração e sentimento artístico, que não há sentido algum, a não ser aquele com que se escarnece da vida num ato de deliberado esteticismo, ao menos galante e empenado — miragem provisória com que apenas protelamos todos a inadiável consciência desse e deste absurdo, ganhando tão-somente alguma alívio do tempo que passa —. Não é mais do que isso que vou aqui alinhavando: a história de um sujeito tão absurdamente exato que tenta libertar-se das grades de aço e das brumas de ferro de um mundo exterior encerrando-se nessa grave acidez de nevoeiro de meros acasos com que se preenche alma e corpo e espírito — não nessa ordem necessariamente, aliás, em qualquer ordem que seja, que todas levam à mesma condição e à mesma

---

falta de sentido —, percebendo, no final das contas e das histórias todas inteiras, que sempre se chega ao mesmo ponto e porto, a um enclausuramento que é de sempre o mesmo, apenas temperado pela consciência que se tem dele e de si — o que também não muda nada, apenas altera talvez o olhar e os gestos com que nos ornamentamos a partir de então —. Imagine, então, esse personagem ao dar-se conta de que, em seu périplo, lado de fora e lado de dentro não se distinguem e nunca se distinguiram rigorosamente um do outro, e que o silêncio que guarda no vilarejo deve ter mesmo e idêntico valor aos das palavras que, antes, proferia tão-somente para calar — *e você é capaz de perceber o terrível fardo que pesa sobre cada palavra enunciada e, na verdade, nunca dita, pois que seu sentido vem repousar, para o resto dos tempos, por sobre nossa fadiga de falar sem dizer, de pensar sem exprimir, de saber sem sentir?* —, imagine-o percebendo que toda essa encenação de vodevile foi o que restou de toda uma vida, num último ato a que poucos assistem com verdadeira percepção e entendimento ou real compreensão das causas e dos defeitos aí descortinados em dupla sessão, com direito a apupos e manifestações de desagrado de toda espécie de platéia. Você consegue se dar conta de que, para esse Kaspar, é impossível reparar que, somados ganhos e perdas e noves fora, algo se produz ainda além dessa trajetória célere,

---

apenas repleta de som e fúria e ar e que se perde nesse mesmo ar feito vozes e vontades vendo dissolver-se o vento diante da ausência de um muro?! Você pode aceitar esse fato tão simples e definitivo: que essa alguma coisa a se sobrepôr a sua trajetória dele não lhe traz nem alívio nem descanso, pois que não lhe é mais dado continuar num caminho depois de abandoná-lo, sair pela porta dos fundos, dar com as costas por terra, apreciar crescimento de gramíneas segundo a perspectiva das raízes?! Que alguma coisa se desprende de um rumo que não é mais o dele — mesmo o sendo alguns momentos antes —, que algo continua nesse sentido incompleto, mas já completamente desapalavrado de suas intenções e desejos e projetos e vontades e circunstâncias?! Você é capaz de perceber que é exatamente esse projeto inconcluso que contemplamos todos ao fim e ao cabo e que, se há aí sentido, ele está, na verdade, sempre um bocado mais adiante, naquele ponto que não se atinge mais, ou que não se atinge nunca, mas que deixa aos espectadores a tarefa e o encargo de ser buscado, para, na vez e ocasião de cada um, também passar adiante e além, sobrando como único saldo positivo esse fazer de conta, essa ficção que inventamos por sobre e apesar do tempo e que chamamos vida, casa, Jamil, família, burgo, tio, S..., manicômio, índio, São Lourenço, Alckmar ou qualquer outro nome que você queira dar, que todos e um

---

único são mesma e idêntica coisa, equivalem-se nessa falta de sentido que se torna o sentido único quando e se adornado por enfeites e atavios dessa e desta prosa desajeita, adernada como barco esperançoso de encontrar no fundo da água o azul do céu que parecia estar bem acima?!

E, finda a narração, não creio ter-me ficado dela proveito de monta, sendo mesmo de rasa importância esse gênero de digressões, sempre introduzindo palavras e mais palavras entre as pessoas, como se já não houvesse bastantes pessoas entre algumas palavras que eu poderia dizer e outras palavras que ela poderia ouvir, naquela e nesta noite, naquele baile, na ponta do olhar enviesado que eu teimava em derramar nessa linha ligando minha atenção pouco atenta no que dizia um Júlio à estudada desatenção dela, mais uma vez conseguindo produzir esbarrões mesma a considerável distância, capacidade que eu havia, mais dia menos dia, de perquisicionar com mais afinco e senso de detalhe, pelo menos mais do que me era permitido naquele ambiente, naquela situação, escudado por um acompanhante obsessivo e escusado pela diferença de posição geográfica em que nos encontrávamos ambos, eu acostado a um balcão já razoavelmente sujo, ela acoçada por alguns e algumas, sem

---

condições de manter indefinidamente, o tempo todo, o fio de interesse e de curiosidade que eu julgava perceber naqueles olhos traçando rotas e surpresas e, sobretudo, naquele sorriso como que guardado em relicário, dentro de alguma gaveta com proteções de simpatias para afastar invejas e naftalinas contra baratas, cheirando agora a coisa boa e antiga como sabonete Alma de Flores ou frasco de Leite de Rosas deixado pela mãe ou pela irmã ou por alguma tia quando em avançada juventude já experimentava uma ponta de desilusão com a vida, sem ainda ter perdido o brilho da pele e alguma esperança nos gestos.

E, nessa altura, já não via mais razão nenhuma para permanecer no baile ou mesmo no clube, pois que não teria mais como interromper a linha das palavras que me haviam enredado a um personagem inesperado, ele, Júlio, para poder jogar minha teia no rastro e na presença de outra, ela, sendo suficiente, no caso, essa constatação de que sua juventude não se furtava a tais arroubos, que eu sempre poderia espreitá-la, em ocasiões outras, quando e se o acaso me desse distâncias grandes e graves hesitações, que eu sempre poderia pôr-me a esquadrihar, ainda outras vezes, um salão de baile

---

como esse, em que alguma bandinha esforçadamente desafinada descompusesse a mesma salsa disfarçada de elegante balada-regue de algum grupo da moda, com toques às vezes refinados e tomados sem saber de um Stanley Jordan. Mas esse arremedo de erudição musical é e era apenas preparação para o que viria a seguir. No caso da baile, o que veio foi mais uma noite quase como as outras, à diferença dessas expectativas que desenrolamos debaixo do travesseiro para as meter, em seguida, na cabeça, em divagações que fazem ponte entre vigília e sono, entre a razão medíocre do cotidiano e a razão amolecida do sonho, entre o que somos de mentira durante o dia e o que fingimos ser durante a noite. Chegando em casa, nem mesmo me despi de calça ou camisa, apenas lancei paletó e gravata em algum canto e atirei-me à cama com o enfado e o vigor que eram de sempre os mesmos, buscando um descanso do atropelo de imagens, de barulhos, de intenções e de sorrisos e olhares não mais jogados ao léu, mas costurados segundo um tracejado que começava já a fazer algum sentido, ao menos alguma lógica que eu próprio parecia produzir, coadjuvado pela jovem presença intermitente que me fazia esquecer até mesmo tempos e dores e incômodos, mesmo se os recolocava todos novamente em seus devidos lugares e ocasiões, por exemplo, nesse momento em que retornava a casa e me impunha evitar

---

banheiros e espelhos, instalando-me decididamente na cama para somente dar-me de volta aos gestos rotineiros algumas horas depois, escamoteando latejos nas costas e apertos no joanete, que o heroísmo de algumas horas atrás não devia de ser conspurcado por tal gênero de perrenguices e achaques.

Mas, a única coisa que pude gestar no sono falhado foi essa idéia insistente de que, no total das aventuras e no somatório das andanças, pouco de efetivo havia acrescentado a meu propósito de conhecer o nome, seu nome, o nome dela, esse nome que me daria acesso à pessoa e, daí em diante, diretamente, à vida e às intimidades todas, que esse projeto se inseria inteiro na lógica de surpreender na palavra a pessoa, e de dar a ver o que cartórios e certidões e atestados e cédulas de identidade teimam em ocultar à vista, iludindo-nos com a pomposidade pretensamente objetiva dos números e com o arcaísmo dos pronomes de tratamento e das regências de raro emprego. E, se eu me mantinha firme nessa convicção, não tinha menos consciência de que havia ainda muito a percorrer, que muita Circe e muito Ciclope ainda se interporiam entre minha intenção e a pessoa dela, talvez sendo levado, como o grego, a falsear numa epopéia toda a frustração de um desencontro, de uma falha, de uma desistência,

---

e se diferença havia entre essas minhas peripécias e as de Ulisses, não estariam mais do que na época de um, submetido à magia e ao mito e ao maravilhoso, e na época do outro, sujeito a manhas, patranhas e artimanhas de toda sorte, e nem preciso especificar quem de nós está em uma era e quem está em outra, que nosso arguto leitor saberá escolher os seus, de todos esses mortos dentre os quais nenhum não se salvou.

Mas havia um efeito, o efeito que, até este momento, ainda não exibi a sua argúcia, estimado leitor, e que me fazia, naquela e nesta noite, entreter embates homéricos com travesseiros e lençóis, como que quase trazendo para o diminuto espaço de uma cama de casal — somente ocupada por metade da parelha, que outra meia porção para esse conjunto já de há muito não mais se enquadrava nos projetos ou esboços de futuro desta primeira metade —, trazendo, então, como dizia, para a cama, as marolas, ondulações e vagas que colocavam em diálogo dia e noite — repito que era noite — e que imprimiam a esta os passos e as pegadas que haviam marcado aquele, colocando em incômoda evidência essa realidade que nos esforçamos todos por esquecer, fingindo como maus atores que somos

---

que os gestos, os movimentos — sobretudo aqueles mais desavisados, soltados instintivamente no espaço em que habitamos e nos deslocamos para as tarefas habituais —, que nossos gestos e movimentos vêm, então, exigir seu quinhão de sempre, sua parte no botim que o dia passado exige ao corpo que os perpetrou, iludidos, sempre, todos nós, que apenas trazemos aflições ou dores de alma desse dia que há pouco deixou-se enlevar pela noite e que não haveria nenhuma importância ou causalidade nos enfrentamentos do corpo com lençóis e travesseiros. Mas, embalado pelas divagações, lá ia eu esquecendo de precisar o efeito que me levou a enfrentar mais esse parágrafo: o fato indubitável de que algo realmente se havia deslocado nos sentidos habituais com que tentava habitar o mundo e sua falta de interesse, e mais, que eu estava sendo levado a reatar antigas relações, a retomar hábitos esquecidos há décadas, a enfrentar disposições de ânimo inauditas, a retramar todo um cotidiano no esboço de uma aventura que, não sendo indecente nem perigosa, não deixava margem, então, a justificativa alguma.

E não é que, desses embates todos, saí-me com outra esquisitice — que tentava, como sempre,

---

e quase sempre bem sucedido, esconder com avareza das demais pessoas, como um doce de jaca de que só nós gostamos muito, e o saboreá-lo só a nós compete e só a nós exibimos, por receio de olhares vexaminosos pojadados de críticas latentes —?!, mas ia dizendo, saí-me com outra esquisitice, até algo temerária, pois que, nos dias seguintes — e já não posso e nem interessa precisar quantos dias depois desse segundo baile acima mencionado —, em um desses dias que se seguiram à noite mal-dormida, dei vazão, seqüência e razão ao que havia metido na cabeça e fui visitar um conhecido, vá lá, um amigo, um desses raros a quem ainda podia telefonar sem pretexto algum, ou dando apenas motivo evidentemente forjado sem maiores cuidados ou tramóias, pessoa que acumulava o fato de ser relação de outros tempos com a peculiaridade de ser professor da Faculdade de Psicologia de S..., o que ainda se acresce do pormenor de ser esta última o local onde certamente eu teria informações e possibilidades de encontros casuais com aquela, essa mulher, sem esse incômodo e esse despropósito de estar a deixar-me abalroar o tempo todo. A conversa que mantive ao telefone com o dito professor Mário, rápida, suficiente para conseguir um encontro pretextando a fase da Lua ou a estação de pesca, mas rápida o suficiente para não deixar-lhe tempo de assuntar verdadeiro motivo e causação, e constrangê-lo ainda

---

mais a receber-me, nem que fosse apenas pela curiosidade de estabelecer como sairíamos de luas e pescarias para chegar aonde ele ainda não sabia mas já desejava ardentemente saber, a conversa foi, reconheço, um primor de estratégia e de tática, empregadas ao serviço do engano de um — ele, que apenas me servia de trampolim para alçar vôos mais certos — e da enganação de outro — eu, que me dispunha ao esforço supremo de contatar gentes e agenciar palavras na esperança de meter dedos em páginas e olhos em letras que me revelassem nome, idade, história e vida e tudo o que de mais interessante surgisse por acaso diante de mim, do mesmo modo como seu corpo esbarrou no meu e, da mesma forma como abalou minhas mais fortes concepções heliocêntricas, deu-me motivo e justificativas para empreender essa busca nas intimidades documentais de alguém que ainda mal conhecia —.

Mas o que vi e conheci na faculdade, se não me serviu para grande coisa no que diz respeito à mulher que eu buscava, fez-me ao menos conhecer um dos personagens mais intrigantes e estranhos deste livro — e se o entrego a sua alta consideração, digníssimo leitor, é por louvor da meritória paciência com que ainda enfrenta estas linhas todas, repletas de imprecisão e inutilidades várias —,

---

conheci, então, como dizia, um personagem que, no momento, estava encerrando a conversa que encerrara a sessão de terapia com Mário — espécie de entrevista em que se confessam os pecados e, à diferença do catolicismo, em que esses pseudo-padres dizem taxativamente que não podem, não querem e não vão perdoar de modo algum nenhum daqueles pecados, o que leva o paciente a buscar e, na falta de alternativas, a inventar pecados e faltas de toda sorte e espécie para não desfazer o fio da conversa e da neurose —.

É claro que, na ética para consumo alheio que empregamos todos no diário, não se divulgam intimidades de outrem, sobretudo no calor da revelação recente e do aperto de mão do cumprimento costumeiro de despedida, mas, vai ver que Mário tenha apenas contado pequena parte da história e o que vou meter nas linhas que seguem seja um relato avantajado pela minha própria vontade de colorir a história. Não sei e deixo a você, a sua perspicácia, a empreitada de decidir por um ou outro, mesmo porque, no final das contas e das artimanhas, de qualquer maneira vou acabar mesmo contando a história, tenha ela vindo da vontade de um ou da pena de outro — que essas coisas nunca estão

---

suficientemente afastadas para meu gosto —. Mas o fato é que esse personagem sem nome — e assim vai ficar até o final dos tempos, que, aqui, não fazem mais do que algumas poucas horas, delimitadas pelo ritmo de leitura de uns e de outros, e em bem melhor situação do que outros e outras, condenados à pena capital de não terem nem nome certo nem vida própria, por mais que nos esforcemos por dar-lhes, a eles e a elas, tudo isso! —, esse personagem sem nome, então, chegou às mãos e ao divã de Mário há coisa de alguns meses, mas que, para ele, paciente, deviam de ser anos ou séculos, a julgar pelo que me contou o amigo terapeuta. E não se assuste, que desta vez não vou colocar um “suponha” como intróito de longo relato sem aparente ligação com o restante do que vou narrando, pois que há histórias e histórias, e nem todas elas são iguais perante deus. Aliás, à guisa de introdução, suponha apenas que há algum raso interesse nisso tudo e deixe-me seguir contando, sem maiores turbulências, que as minhas próprias já têm dado ocasião a demasiado equívoco. Dizia, então, que o paciente havia chegado há coisa de poucos meses, ainda insuficientes para que pudesse esboçar ou arremedar qualquer aparência de cura, mas já bastantes para intrigar colegas de toda e distinta especialidade que ia Mário consultando, sempre com a devida solicitação de rigor e descrição profissionais e de ofício, com o que não

---

viu ele empecilho de monta em consultar-me também a mim, como se fossem úteis minhas leituras literárias de anos atrás — e de que nem eu mesmo tinha mais memória de serventia imediata, como supunha ou queria ele —, como se essas literaturas de consumo de salão de variedades pudessem ser de alguma valia nos males da alma! Mas, à falta de melhor montaria, Mário tomou essa mesma que lhe passava à frente e, arreada pela curiosidade momentaneamente relegada à segundo plano de saber o real motivo de eu querer estar lá, passou a contar o que podia e o que, talvez, nem devia. Em resumo — e faço-o, em atenção a sua pessoa, estimado leitor, que essa prolongação de tempos e de parágrafos deve de estar arruinando as últimas gotas de boa-vontade com que ainda recobre de tinta esse meu cinza prene de palavras maçantes —, em resumo, então, tal paciente ainda e sempre sem nome chegara a Mário pela necessidade que lhe haviam imputado de recosturar aquelas duas coisas que, em nós e em nosso cotidiano, deveriam sempre apresentar-se como que em natural conluio, e refiro-me, aqui, à cronologia das coisas imediatas e ao tempo das coisas passadas, que fazem ambas duas vidas distintas, mas que aprendemos desde cedo a tecer delas duas uma mesma existência e uma só ficção. Pois não é que o dito e citado personagem e paciente havia-se entregado à mais estranha — ao menos

---

para nós — das atividades e fazia, do presente, ocasião e motivo para um calculado desmoronamento do passado, como quem arditamente, inapelavelmente, fosse retirando de lugar cada peça desse mosaico que, sem percebermos, os relógios aos poucos colocam nos porta-retratos, na poeira dos móveis, nesses ruídos familiares que vamos acumulando como quem mete aos bolsos velhos bilhetes de ônibus ou moedas já fora de circulação, nas mesmas frases que aprendemos a sempre dizer diante das mesmas pessoas?! É assim que, a cada dia, ele se incomodava com o fato de sentir-se obrigado a esquecer algum evento de sua vida ou pessoa de sua relação, como se essa possibilidade, presente em todos nós — quem nos garante que, amanhã, ao acordarmos, vamos continuar conhecendo o nome de algum amigo que virou adversário na disputa pelas atenções da mesma colega de sala, a impressão de desagrado que, pela vez primeira, nos fez decidir odiar o gosto e o cheiro de manga pelo resto da vida, um gol de placa anotado em algum campinho de terra e que nos serviria de consolo por jamais chegarmos à Seleção Brasileira ou como vingança por não sermos tidos e havidos como craques pelos companheiros de jogo, ou ainda aquele aperto de mão de um parente encimado por olhos impossível mais sinceros se despedindo em definitivo depois de um período de convivência estreita e novidadeira?! —, como dizia,

---

o paciente sem nome incomodava-se com essa possibilidade que temos todos de esquecer o que foi e o que fomos, mas sem deixar de, obsessivamente, ir retirando cada tijolo da pequena pilha que já havia amontado ao longo de seus presumíveis trinta e poucos anos, como num jogo de varetas em que, ao retirar uma delas, o importante é justamente fazer sacudir ao máximo possível as varetas restantes, com o que até poderíamos concluir ser sua cura um processo talvez lento de acomodação a esse jogo, de aceitação definitiva e sem remorsos dessa empreitada de desfazer o que ele próprio nunca construiu por si próprio, como Penélope que desmanchasse durante o dia tapete pacientemente tecido por outros à noite e ficasse, depois, observando e usufruindo novo buraco na tecedura como se essa ausência pudesse fazer algum sentido, como se essa lacuna tivesse alguma forma que não fosse a do vazio indiferente, como se houvesse alguma presença e alguma lembrança nesse acúmulo de olvidos, vácuos e esvaziamentos. E os sintomas surgiram, segundo o que se pôde apurar, um belo dia — já que nem todos o são, permita-me, estimado leitor, fazê-los assim, ao menos nesse nosso espaço de mentira aceita e estimulada —, os sintomas, então, surgiram num dia em que ele, o paciente, surpreendeu-se decidindo esquecer, e esquecendo mesmo, em seguida, o nome de um cachorro que havia tido na infância, como

---

um desses companheiros que todos temos e não cansamos de vangloriar como exemplo de perfeita dedicação e inteligência, nome que somente poderia ser recuperado, a partir de então, pela boca de outrem e não mais pela voz do paciente, o que daria, claro, em outro animal, em outra inteligência e em outra fidelidade, já que nem todos nós trazemos do passados as mesmas experiências e sensações, e o resultado disso tudo é que o terapeuta até poderia recuperar o nome do bicho através do testemunho de algum conhecido ou familiar, mas não seria em definitivo o mesmo, pois não mais estaria submetido à escansão e à memória do verdadeiro dono. E, depois do cachorro, outros nomes e fatos se sucederam nesse colar cada vez mais sem contas: um acidente em que partira o antebraço direito, a cujas dores de há muito superadas se acrescentaram as próprias circunstâncias e intervenientes do evento; algumas noites passadas ao lado da atenção da mãe, em febres de cachumba e grande incômodo no pescoço; a seqüência de cores da canção de que mais gostava de cantar no curso primário e de que se lembrava, apenas e para maior evidência do esquecimento, que eram cores de bolinhas, bolinhas, apenas isso, sem mais detalhes ou histórias; os nomes todos dos peixes que retirava do ribeirão com certa destreza e, certo!, evidente talento para entabular conversa tácita com corredeiras, pedras, temperaturas de água

---

e ar, ventos e suas direções, iscas de toda tipo, numa sabedoria profunda pois que longamente aprendida em solilóquios firmemente estabelecidos em barrancos e beiras de rios; enfim, toda uma grei de lembranças que, de constelações que eram, tornavam-se estrelas isoladas de quinta grandeza, passando a pequenos cometas sem cauda, chegando a meteoritos que caem sem que ninguém veja e se deixam desmanchar pela rarefeita atmosfera que os acolhe e os destrói, sem que nem mesmo cheguem a aquecê-la devidamente.

É claro que ouvi pacientemente a história de Mário, aliás, a história do paciente contada por Mário — o que é coisa substancialmente diversa —, mesmo sem ter atinado exatamente com o modo como o analista havia conseguido recompor as lembranças perdidas pelo outro e que não mais tinham como ser contadas exatamente por quem as perdera. Somente depois de alguns minutos de dúvida estampada no rosto é que Mário adivinhou minha cisma e deu-me a chave do que eu já começava a tomar por absoluta mistificação dele ou do paciente: as lembranças não desapareciam assim de repente, mas vinham, primeiro, com força, como se uma determinação última as guiasse até o ponto central em

---

que a vontade dele era compelida a esquecê-las e, só a partir daí, quando estavam já envoltas pela decisão do esquecimento é que se dava início ao lento processo de desvanecimento: primeiro, a cor do cachorro; depois, o macio de sua pelagem; em seguida, seus gestos e trejeitos quando corria ou comia, ou ainda quando dormitava a tarde inteira no tapete da porta, exposto e destinado aos pés visitantes mas ocupado pelo corpo irremovível do animal como cidadela inexpugnável; logo mais, o som e o tom do latido, construindo sofisticadas e distintas modulações, quando queria significar sua profunda discordância com personagens desconhecidos e nunca bem-vindos, ou quando se lembrava de reivindicar algum bocado de alimento que se deslocava *incontinenti* de um prato à boca de alguém, sem deixar rastro ou vestígio pelo espaço aéreo entre o garfo à mesa e sua boca aberta esperando complacência e atenção; depois, então, era finalmente o nome, sempre curto e inventado ou estabelecido como forma de prestarmos homenagem a nossas próprias vontades, e que se deixava, primeiro, confundir numa vasta galeria de nomes outros, dos mais comuns, Totó, Rex, aos mais vulgares, Banzé, Pluto, para, enfim, cair num canto qualquer desse dicionário de esquecimentos, em uma folha que passava, então, a conter apenas esse único e último nome e que não mais podia ser aberta pois que se

---

encontrava, a partir de então, irremediavelmente colada às folhas suas vizinhas, colada expressamente para impedir que algum supremo esforço de vontade ou um acaso de inspiração divina levasse-o a reencontrar o nome e a razão perdida!

Ora, eu não me havia deslocado até a faculdade para conhecer personagens, pacientes, psicanalistas, quejandos e que-tais, mas para traçar um esboço de percurso que me levasse até um nome, o nome, aquele e esse nome cuja marca vazia em meu próprio dicionário cumpria preencher antes que esse e este desvão, na verdade o mesmo desvão, se tornasse irremediável e irridento! Mas, de alguma maneira, o percurso do paciente do terapeuta completava o meu próprio e dava um certo sentido — ainda impreciso, ainda falto de uma determinação de vontade sem tréguas, dessas que empregamos no diário, com as demais pessoas e nunca com nós mesmos —, tal percurso alheio dava, então e ainda, um certo sentido ao que eu próprio havia passado naquele Reveiom em São Lourenço e que não cessava de confundir-se com essa e esta poeira de fatos e instantes, prefaciando e prometendo uma ordem que apenas se insinuava sem nunca se desvelar mesmo parcialmente, como se todo o

---

equilíbrio do universo fosse ficção ou falta do que fazer de algum deus fantasista, fraseiro e fanfarrão, lérias e pilhérias de pior espécie e pior ainda resultado, sobretudo para mim que sofria na carne e nos ossos essa e esta angústia de circundar um vazio sem saber nem mesmo a profundidade do buraco em caso de eventual queda! E se digo tudo isso, se o confesso e entrego à alta consideração e beneplácito do estimado leitor e ouvinte, não é por esperar auxílio nessa empreitada de descobrir razões e motivos, ordens e lógicas, equilíbrios e causas, que você já não as tem em quantidade e número suficiente, coisa que basta para entabular seu próprio percurso e prosápia, mas para expor outra peça intrigante desse intrincado jogo em que me encontrava e me encontro — e se digo jogo, não é por vezo de escritor mal ajambrado, mas por me sentir, cada vez mais, participando de um esconde-esconde, aliás de um cabra-cega em que nem mesmo ainda encontrei o sujeito metido ao meio com uma venda a tapar-lhe olhos, vistas e visões—.

E aí foi outra digressão sem motivo aparente, embora antecedendo evento de aparência miúda, mas, de extrema importância — para mim, ao menos, e forçosamente também para você, obrigado que

---

está a seguir-me por todo canto, casa e instante —, evento que se pode resumir, ao contrário das digressões sem azo e motivo que o cercam, em outro encontro, talvez outra coincidência, essa que, ainda uma vez, coloca na ponta da linha desse presente o vulto de um paciente, de costas, distanciando-se mas acenando mãos e ombros à guisa de despedida momentânea, e, na outra ponta e momento, há coisa de vinte anos atrás, passadas algumas poucas horas de uma certa virada de ano, um outro vulto — por certo não o mesmo, que coincidências e semelhanças nunca fizeram igualdade; por mais que tentemos e queiramos nos enganar, sempre sobra um pouco da tinta com que se intenta esse gênero de falsificação e falcatrua —, como dizia, um vulto outro, do Jamil, esse, deixava-se recortar contra o horizonte já amanhado pelos sulcos dos primeiros raios do Sol, também sacolejando ossos e ombros e mãos numa intenção evidente de despedida que era também de chamamento, toque de recolher para o amigo, este, eu, ainda enfurnado em colos, ainda embaraçado a braços, ainda pespegado a beijos e bafos de uma mulher outra, mas sempre guardando olhos e mirada para esse ténue tecer que já quase se esgarçava no esforço quase impossível de manter a alma na direção de outra, da outra, daquela que já habitava, a partir de então e inapelavelmente, todos os cantos de todas as casas em que moraria pelos

---

anos afora, e que se desenhava e se recortava, agora, no balanço suave de uma jovem estudante entrando pelo portão da Faculdade de Psicologia de S... e deixando insinuar na maneira como olhava para o outro lado que minha presença bem que devia de estar servindo de ponto de referência para seu deslocamento lento, talvez até calculado, como que cutucando a paisagem com um desleixo apenas fingido, calculadamente programado para duração e efeitos exatamente iguais aos que eu, então, sentia e tentava não sentir querendo na verdade sentir até onde e quando fosse possível, engolindo minha inata covardia e indagando do Mário acerca de alunos, em geral, para, daí, em sofisticados entimemas e estapafúrdios argumentos e arrazoados, passar às alunas e, então, num supremo esforço de causação lógica, perguntar por uma minha pretensa vizinha, tecendo toda uma insinuação de rede de coincidências por que nem mesmo eu me deixava convencer, imagine o Mário, já adivinhando, então, o real motivo de ter-me eu lembrado de sua existência depois de tanto tempo de ausência e distância!

Mas ele não tinha o nome, muito embora talvez conhecesse alguma maneira de chegar até ele.

Mas eu não tive coragem de pedir-lhe, que isso seria confessar o interesse e o ridículo que ele já havia adivinhado, mas que não cometeria a indelicadeza de verbalizar, enquanto eu próprio não o fizesse. Gentilezas ou hábito profissional de psicanalista, fico com a primeira opção, mesmo sabendo que a segunda estaria mais próxima da verdade!

De toda maneira, de toda a visita, algo ganhei nesse jogo em que, habitualmente, os prejuízos são mais evidentes do que os lucros, numa aritmética financeira em que a balança sempre pende para o lado errado e sempre no pior momento. E refiro-me, aqui, não à reaproximação com Mário ou, talvez, ao contato mesmo distante com seu paciente, mas à oportunidade de ter surpreendido aquela pessoa, essa mulher, numa pose de calculada naturalidade como só se pode registrar nesses instantâneos de polaróide, como se uma pequena foto 3X4 pudesse guardar as manias todas, os desejos mais absconsos, os arcanos íntimos que não se revelam nem aos espelhos do banheiro, as expectativas e suas respectivas frustrações, que dão o mote e o tom da vida de cada um e de todos nós, enfim e em suma, como se o mundo todo inteiro tivesse sido capturado nas dimensões reduzidas de um palco em que, seguramente,

---

ela se colocava em cena quase que diariamente e que, de ora em diante, teria sempre a iminência de uma presença estranha e estrangeira, a minha, resultado da temperatura mais fria de uma manhã de quase inverno, temperada pelo imprevisto da pequenez de uma distância entre dois corpos que se anulou abruptamente para incômodo do universo e felicidade desse leitor, que sem isso não haveria nem história, nem narrador, nem digressões — nem mesmo essas digressões! — com que você, ao menos, se diverte do espetáculo decadente deste nosso mundo.

Saí de lá, após alguns bons minutos de conversa em que se teceram evidências e obviedades acerca dos destinos do Sistema Solar e dos grupos políticos ascendentes da Guatemala. Ou talvez tenham sido outros os assuntos, que essa precisão vocabular e argumentativa nunca foi meu forte, mas, no final das contas, nada consta em contrário e deixo aqui registrado tal como está escrito e contado acima, pois se houvéssemos falado de mulheres jovens e paixões tardias, nada mudaria muito e o velho Sol continuaria desfilando sua evidência empírica a cada manhã, e as pessoas continuariam freqüentando bancos de escolas e divãs de psicanalistas, e os nomes continuariam exemplarmente

---

dispostos em ordem alfabética nos registros manuscritos ou datilografados das secretarias, e eu teria apenas mais uma pedra lançada, apenas mais uma jogada tentada sempre sem conseguir determinar o acerto do lance, que esse gênero de constatação e descoberta só se dá *a posteriori*, quando já nem mesmo mais importa o resultado e a conseqüência do jogo, como uma lanterna firmemente ancorada à popa de um navio e que nem mesmo serve de guia aos afogados de toda espécie que nos perseguem obstinadamente indicando o sentido inverso ao que teimamos em seguir.

O fato é que, depois disso, sentia-me imensamente cansado, como se o diálogo até rápido com Mário, a entrevista indireta com seu paciente, as palavras todas trocadas do início até o final do encontro tivessem sido, cada uma delas, pedras roladas ribanceira acima e desmoronando morro abaixo, apenas impulsionadas pela precisão de se moverem incessantemente, cansado, assim, como você deve de estar se sentindo, cada vez mais, à medida que se avolumam linhas e se frustram expectativas de algum desenlace promissor, de alguma peripécia interessante, de algum enredo meloso de telenovela, de alguma revelação licenciosa mais própria a compêndios libertinos ou a catecismos de

---

Carlos Zéfiro mal caligrafados de bancas de rodoviárias. O fato é que sentia uma necessidade imensa de descansar o espírito, coisa que nenhum hora de sono profundo poderia proporcionar, exposto que estava ao perigo de aventar hipóteses e inventar imagens, incômodas, mesmo dormitando, mesmo desgrudando lembranças e corpo, submetendo-as ao embalar dos desejos e das intenções mais absconsas. O descanso estaria em algo como uma pescaria, em que não se quer capturar peixe algum, mas opor a firmeza da própria linha ao fluxo incessante das águas, como fingindo ser possível essa vitória impossível que sempre buscamos e que se traduz no esforço de estabelecer nosso próprio ponto de ancoragem por sobre a passagem inapelável das águas; se não seguramos o rio, ao menos nos fixamos nele, deixando-o correr e cansar-se, enquanto contemplamos nossa imagem sempre a mesma, refletida e fixada, imóvel e teimosa, por sobre as águas que tentam levá-la inutilmente até a margem final desses rios com que construímos vidas e esbarros. Como a pescaria, a primeira, talvez até mesmo a última, que fiz com meu tio, há muito tempo atrás, mas que, por uma decisão desses acasos geológicos que não nos cabe discutir, tornou-se como que água de rio descida até o mar, para lançar-se ao alto em evaporação mais que sublimada, para tornar as costas a foz e barra, para tornar-se chuva, caída

---

justamente após a exata nascente, para tornar a passar diante de meus olhos e dar-se ao alcance de dedos e memória e, no mesmo movimento, dizer, no presente o que foi no passado, e desdizer os que não crêem ser possível banhar-se duas vezes nas mesmas águas e vislumbrar o que foi no que se é.

Já há muito tempo, tentava não lembrar essa pescaria, ou, sendo o mais honesto possível — que nesses deslindes e petrechos de família, fui aprendendo, aos poucos e, sobretudo, depois da partida de meu tio, a ouvir em silêncio, a tartamudear quando perguntado, a hesitar quando instigado, a desviar se confrontado —, sendo, então, o mais honesto possível, era uma lembrança em que eu não tocava, que fazia questão de fazer de conta que pertencia à grei das invencionices e dos embustes, tal qual estas linhas que caprichosamente vou mal costurando e pior ainda emendando diante de seus olhos argutos! Mas já que entrei no caso e, sendo dado o azo, conte-se a história; ao menos algum prazer tirará sua pessoa dessas pessoas que exponho à curiosidade quase que despudorada com que você nos observa. E posso narrar assim, dizendo que, alguns dias depois do desenlace do envolvimento com Dona S... — que não contei aqui, em detalhes, como seria mister e judicioso, se pretendo ainda cultivar o

---

entusiasmo dos fúteis e a estima dos cultos, como outros muitos já o fizeram, neste e noutros séculos, detalhando peripécias sentimentais e contorções deontológicas para expansões de alegria e manifestações de conforto moral, mas que vou resumir apenas e tão-somente dizendo que tudo não passou de mais uma jogada de meu tio, ousada, sim, convenhamos, mas sempre uma jogada, uma jogada que chegou a seu término e cabo como seria previsível desde o primeiro lance lançado à mesa de jogo, sem maiores altercações entre os partícipes ou alterações na ordem universal além das previsíveis expressões de raiva muito mal disfarçada no rosto da parte pretensamente desprezada, no caso, Dona S... —, então, alguns dias depois do término desse seu primeiro entrevero na cidade de S..., meu tio dizendo querer aproveitar essa rara circunstância de os astros favorecerem sol quente, pouco vento e menos ainda fregueses e movimento na venda, preparou em rápida meia-hora todo um pequeno arsenal com que entreter-se algumas horas à beira de algum riacho, embarcado em um largo chapéu de palha que lhe dava certos ares compenetrados e sombra de sobra com que aliviar-se do sol, municiado com a dose de minhocas recomendada em todos os manuais do Biotônico Fontoura de que se tinha notícia, ao menos desde 1927, e fazendo-me de escolta e aprendiz, luxo que eu nunca havia tido com nenhum outro

---

ser adulto jamais aparecido na face da Terra, ao menos desde 1960. Aliás, para ser exato e explícito, até onde você faz ainda por merecer, minha convocação foi, mais do que tudo, uma adesão, provocada pelo olhar esticado e silencioso que lhe dirigi enquanto arquitetava ele farnel, vara, anzol e carretel, carregando eu nas tintas da solidão e da carência, evitando ao máximo possível qualquer pitada, por menor que fosse, de curiosidade, buscando reproduzir o mais exatamente possível o olhar com que tio e mãe me surpreenderam, algumas hora antes, olhando-os a ambos os dois, quando trocavam palavras, comentários, gestos, intenções e opiniões em assuntos que nem sequer suspeitava ou imaginava, olhar que, repito, então, foi mais do que suficiente para lembrar ao tio o diálogo anterior com a cunhada e dar ao sobrinho a oportunidade de testemunhar o mais insidioso estratégia contra os peixes de que já se teve notícia em S... e em toda a região, neste último século do milênio.

Mas nem imagine que a pescaria se fez toda ela na linha tênue e no delicado equilíbrio de alguma desconfiança que eu, criança ainda desprovido de mordacidades e desarvorado de perfídias, jamais poderia arquitetar! Não! A conjunção de tempo quente e céu aberto ressaltados por um vento

---

regulado em altura e velocidade adequadas, temperados, todos, pela predisposição suicidária que teriam certamente todos aqueles seres ictícios, generosa e prazerosamente disponíveis apenas alguns centímetros abaixo da lâmina de água que nos devolvia toda a luz e beleza do Sol desfraldado acima de nossas cabeças, tudo isso tornava impossível entretecer desconfianças ou urdir sobrecechos cerrados, fazendo de nós desajeitados tocaias, espreitando peixes por entre risadas, histórias interessantemente inúteis, perguntas tolas feitas unicamente para não serem respondidas, adivinhas de todo jaez e origem, musiquinhas de escola que eu tentava ensinar a meu tio e que o faziam afetar incompetências várias e desajeitamentos impressionantes, dando mostras de uma falta de tino e senso musicais que nunca foram dele e que encenava unicamente com o fito de divertir-se e divertir-nos, concedendo aos peixes rara oportunidade de escapar às terríveis vergastadas da vara quando se dispunha a puxar a linha depois de anunciada certa pressão intermitente e mal disfarçada sob a água escura e por vezes lodosa do riachinho. E esse clima já se anunciara por todo o percurso: no caminho de vinda à pescaria, a trajetória descrita foi toda ela tramada e retramada para não chegar ao lugar projetado seguindo o caminho mais curto — a reta entre dois pontos, a hipotenusa em vez dos dois catetos, a corda em lugar

---

do arco, a descida substituindo o morro —, parecia que éramos nós os peixes sendo arrastados pelo caminho, que fazia, então, o papel da linha na ponta da vara, conduzindo-nos inapelavelmente rumo ao barranco, mas dando-nos chance e oportunidade de fazer de conta que lutávamos incessantemente, claudicando nos passos, tartamudeando nas cantigas, gaguejando nos assovios, tropeçando nas raízes, troncos e pedras, fazendo pousos improvistos e pausas imprevistas, arrumando desculpas e pretextos para voltas, contornos, desvios e rodopios de todo feitio, enquanto meu tio e eu dávamos curso, razão e motivo para entretecer ainda aquela amizade muda que eu já lhe devotava e que sentia pespontar nos pequenos gestos e nas atenções miúdas com que ele me distinguia dos demais, até mesmo de minha mãe. E não era por outro motivo qualquer escuso que ele dedicava essa atenção especial ao companheiro de viagem e pescaria, não!, que já de há várias semanas, vinha ele dando mostras de certo pendor e predileção por aquele sobrinho, atenção que apenas, então, se materializava no convite e na pescaria que encetávamos, e ganhava foros de certeza e ares de cumplicidade, o que me garantiria, em futuro certamente bem próximo, acesso a toda a maravilhosa cornucópia de jogos, brinquedos, invenções, histórias e traquinices que faziam de meu tio o mais recente ídolo de toda a criançada com quem

---

convivia e que já invejavam minha natural e familiar proximidade, o que diriam agora?, quando me tornava cúmplice e parceiro de pescarias, que é a mais autêntica e sincera prova de camaradagem que dois homens podem se dar sobre a face da Terra, e que, no caso, repito, me fariam herdeiro direto de sua genial arte de confeccionar papagaios losânicos e pipas pentagonais, discípulo predileto sagrado nas técnicas de descobrir forquilhas certas e educar borrachas certeiras de pneu de caminhão para manufaturar estilingues de rara precisão e presteza estética, futuro apóstolo dos ensinamentos arcanos na arte de prever trovejadas suficientes para despertar formigueiros e fazer cair chuva de içás em outubros de calor moroso e pouco vento, aprendiz-mor e único nas habilidades de construir arapucas piramidais com bambus suficientemente verdes para curvar e bastante maduros para não deformar, príncipe-infante do rei de toda uma geração de graves cavaleiros de bicicletas, detentores de um conhecimento solene que levava a habilidades assombrosas, tais como pará-las sem usar os freios e sem cair, simplesmente torcendo rápida e violentamente o guidom, deixando-o perpendicular ao sentido do deslocamento. E, naquela caminhada em direção àquela pescaria que se anunciava especial, o que mais fizemos foi justamente brincar na transversal do nosso percurso, como que enfeitando o trajeto e

---

adiando a chegada, coisa com que me ocupei, na seqüência e daí em diante, em boa parte de minha vida, e, para ser ainda e sempre sincero com você, não sei se não é exatamente isso que estou fazendo agora, ornamentando os deslocamentos laterais, para evitar de chegar com mais rapidez e precisão à meta combinada, anunciada e aprazada. Com o que me saio, ainda e sempre, com uma outra máxima para instrução metódica do ser humano e escárnio disso a que chamamos destino — ou tempo — : é o ir ao pote que leva à sede, e não a sede que leva ao pote. Soubéssemos disso com mais antecedência e acuidade, e muito esbarrão ou desastre se teria evitado na história da humanidade!

E a pescaria desenrolou-se como seria de se esperar de qualquer coisa que se fizesse com meu tio: sempre o imprevisto, na espreita, impedindo a fadiga dos braços, sempre instados a permanecer no mesmo aprumo, atentos e entocaiados; atrapalhando a repetição dos gestos, obrigados às mesmas respirações lentas e silenciosas, torções disfarçadas dos punhos experimentando varas, linhas e mordidas de peixes; contornando a morosidade dos relógios, dando cabo e conta de segundos que não passavam, de minutos que não saciavam, de horas que não queriam nem dar as caras; desafiando a

---

saciedade dos peixes, que não se cansavam de experimentar a habilidade finória dos grão-mestres pescadores, versados nessa arte difícil de enganar a própria afobação; redesenhando a conformidade das águas, que pareciam querer se espriar por mares outros, por margens várias, por barras distintas, de foz em fora.

E, em nenhum momento, veio-me à memória o início de todo esse périplo, aquela conversa surpreendida entre tio e mãe, e nem fez ele questão alguma de enveredar conversa por esse caminho e nem estava eu disposto a retomar angústias que haviam despontado naquele momento e que eu, inconscientemente, sabia que despontariam, fatalmente, de qualquer maneira, em instante outro, talvez, então, temperado e exagerado pelo tempo que se passou entre um e outro evento, que o tempo é useiro e vezeiro nessas artimanhas de acrescentar sempre mais desgosto ao caldo que se deixa apurar em fogo lento e paciente, lento para chegar à fervura e às vias de fato, paciente para esperar momento menos propício a homens e mais favorável a azares. Foi assim, então, que preferi — ou simplesmente deixei acontecer — aproveitar a companhia e as palavras do tio, firmemente instalado em pedra firme

---

à beira do riacho, dizendo-se capaz de dar têmpera a toda sorte de vara, de descobrir linha de melhor espécie e resistência pelo tato e pelo olhar, sem ver marca ou procedência, de amarrar toda espécie de nó, cada um destinado à conjunção entre o tipo de águas e a raça do peixe que se buscava capturar, de encantar toda espécie de animal aquático para estabelecer estranho pacto em que seríamos sempre nós os vencedores dessas refregas tão duras quanto prazerosas.

E eu deixava-me levar pelas palavras do tio, como numa espécie de torpor causado por excesso de lucidez ou encantamento, imaginando-me em seu lugar, exatamente naquela mesma pedra, mas que, para mim, já não tinha mais a firmeza com que sustentava o corpo ereto e nada quieto dele, e que sobrenadava nas coisas com que ele despertava minha atenção, buscando, aqui, um azul de azulão que piava bonito em algum ramo de ingazeiro ou em pé de juá; acolá, um longo traço fino de nuvem branca no céu azul despertada pelo rabo rápido de avião passando sem pedir escusas ou licenças; ali, um resto roto de rastro de anteontem de paca velha vinda verter sujeiras suas e beber demorados goles da água limosa e cheia de sabor do riacho, em noite que ocultasse sua presença à espreita dos animais e à

---

curiosidade dos homens; além, um entretecido de crinas eqüinas e teia de aranha, misturando em uma mesma e única obra a arte do dia e a da noite, como se fosse a tela do lusco-fusco perenizada num pequenino cavalete misto de folhas e pequenos galhos, de um lado, e arames farpados mas ainda não enferrujados, de outro.

Fosse pela ocasião propícia ou pela companhia meritória, fosse pela empolgação produzida por todos os peixes percebidos com atraso, pesados por mão desatenta, perdidos por golpe lento de vara e linha — desconjugadas, estas, por distração de menino enfarruscado em finórias fancarias —, fosse, enfim, por qualquer razão ou motivo que se invoque, desde aquela época, até este momento interlocutório em que nos debatemos em diminuto espaço de linhas poucas e páginas curtas, como mau lençol que não dá cobertura adequada, nem garantia de aquecimento de corpo e esquecimento de alma, fosse por qualquer causa arrogada em defesa de séria incompetência piscicaptural, o fato é que eu me havia deixado levar mais pelas palavras e figuras de meu tio, do que minhas linhas haviam conseguido fisgar e tirar do rio. Com isso, o tempo passava, muito mais rapidamente do que era dado às águas

---

descerem e às dúvidas emergirem, embalado pela desatenta espera pela próxima fala, pelo comentário seguinte, pela imagem subsequente, pelo novo gracejo ou pela velha pilhéria, tudo isso formando como que um outro semblante por sobre a expressão já de si vivaz de meu tio, como que uma sobrecapa tingida de belas cores e decorada de floridas frondes que metemos por sobre a capa original do caderno escolar, mas que não chega a impedir que se vejam os motivos debuxados — compenetrados escoteiros às voltas com a séria empreitada de sempre que é a de fazer os fogos e armar as barracas com que se defendam de nossos olhares invejosos de suas aventuras de papel, ou alguma heróica figura de longas barbas a que se aderem bastos cabelos encimados por alguma corda, e que se deixa surpreender com ar de grande e calculada indiferença por uma turbamulta de piedosos comparsas —. Com o que ficava eu sendo o beneficiário direto de toda essa catadupa de vida, esse jorro de des-seriedade com que construíamos, então, os dois, em inelutável parceria e inevitável compadrio, toda uma rede de cumplicidade que fazia esquecida em definitivo qualquer conversa que um de nós dois pudesse ter ouvido e mal-entendido em toda a vida pregressa e em toda a existência futura que se anunciava, então, naquele momento, eterna para mim e imensamente duradoura para ele, nessa ilusão com que nos

---

enganamos sempre, crendo enganar o tempo.

E, retomando tudo isso, hoje, creio que, de fato, nunca mais voltei dessa pescaria.

Certo!, admito a pieguice da imagem e o desaprumo da frase, nem é preciso chamar-me às falas!, que tal gênero de patacoada casa-se mais e bem com alguma voz outra, algum encoberto personagem que, na falta de frases e factótum de sua própria fatura, parece andar a meter-me enxovalhos nos parágrafos. Mas, tirante influências dessa espécie e origem, posso dizer que, vez ou outra, é como se realmente eu nunca tivesse voltado daquela pescaria, e estivesse ainda e sempre por lá, mais ouvindo águas e vendo histórias e respirando pios de pássaros do que concentrando-me na tarefa de enfiar na fieira improvisada a maior quantidade possível de peixes; como se ainda estivesse à beira do riacho, observando e sorvendo a paisagem, sem conseguir totalmente entendê-la ou estendê-la diante de mim, como uma colcha com que seríamos capazes de cobrir e sufocar toda a vida sonhada durante a noite ao jogá-la por cima do lençol amarfanhado testemunhando todos os embates, todas as

---

hesitações, todos os gostos abandonados e todos os sonhos desleixados que fazem de cada um de nós seres e pessoas; como se eu ainda necessitasse de voltar sempre àquele local, como os peixes que puxávamos pela boca e que tentavam escapar mergulhando de volta à água, fazendo força e função de afundar-se de volta à toca ou à corredeira de onde nunca deveriam de ter saído. É assim que, volta e meia, ao deixar-me ficar andando ao sabor do frio e do ventinho úmido, em alguma manhã cujo horário animou-me a caminhada de improviso e, pior, de imprevisto resultado, em cada um desses instantes em que me é dado pensar e sentir ao mesmo tempo, sem ter que dividir-me entre uma cabeça que reflete e uma outra que apenas percebe, em cada momento como esses, é como se eu ainda tivesse nos ouvidos as histórias todas, certas, como se ainda carregasse nos bolsos restos de alguma planta ou pedriscos de rara fatura e valor, escolhidos a dedo e colhidos com mão atenciosa por meu tio, para dar peso a meus bolsos e curiosidade a meu espírito de criança, é como se pudesse ainda urdir uma linha tênue e certa entre minha atenção admirada e a maneira como o mundo ia saindo de sua boca, organizado de uma maneira tão mágica quanto fácil, aderindo à nossa pele e curvando-se a nossos projetos, como se fosse obra de dois prestidigitadores que, unidos pelo acaso de um encontro, pela eventualidade de uma

---

pescaria, não tivessem outra coisa a fazer senão consertar os desacertos e reaprumar os desarranjos desse imprevisto mundo criado por um ainda mais improvável deus.

É por isso que, por vezes, ainda me sinto ou quero fazer de conta que me sinto naquela pescaria, recebendo na cara o açoite bom do sol e o cumprimento afetuoso do vento, colecionando espantos e admirações à medida que amalhava histórias, toadas e sorrisos, todos cúmplices, de meu tio, redesenhando mato e riacho com essa espécie de traço que os recobre de toda uma série de medidas e expressões que ele ensinava sem dizer explicitamente, apontava sem impor rigorosamente, utilizava sem ordenar peremptoriamente. É assim que o mundo adquiria esgares, trejeitos e gestos insuspeitos até então e originais depois, pois que nunca mais pude encontrar, na seqüência de instantes que me foi e é dado viver, o mesmo frescor, a mesma descoberta do mundo já nascido e feito todo pronto, mas recriado pela atenção maravilhada de um adulto tornado criança e de um menino feito gente grande, ambos seriamente compenetrados nessa arte de espantar idéias e projetos e cotidianos, dando a cada dia o seu peso devido, a cada hora sua justa importância, a cada instante seu fulgor sempre inexato,

---

desvelando no que éramos tudo o que fôramos, seríamos e poderíamos ter sido, os dois, ambos, mancomunados nessa empreitada de reinventar mundo e beirada de rio, numa certa tarde favorecida de sol e boa de vento, na iminência de um evento, de algum desencontro, de um transtorno sideral que já se anunciava naquele momento, mas sem que pretendêssemos lê-lo nas nuvens ou na disposição das águas, sem que quiséssemos ou precisássemos nos dar conta dele, cujos ribombos, porém, ecoariam ainda por todo a porção de vida que nos restava e me resta.

E, depois dessa pescaria, mudou toda a maneira de eu ver e sentir e perceber as aproximações entre mãe e tio, vexados que estávamos nós, filho e sobrinho, tio e cunhado, mãe e cunhada, por uma desconfiança que não queríamos nomear, mas impelidos, os mesmos três, por alguma suspeita de que algo além da conta e acima dos limites se insinuava nos olhares que se trocavam, nas palavras cujo peso e pejo nos era dado carregar, sempre sem querer, mas buscando sempre essa leveza que nos persuadia a manter teso o fio do interesse e seco o pavio da concórdia. Mas é claro, também, que havia barreiras, dessas corriqueiras que se colocam entre o universo das crianças, onde me encerraram por mais tempo

---

que o devido, e o mundo dos adultos, onde os outros dois acabaram se fechando, seduzidos que foram pela facilidade das coisas já ordenadas de antemão, por mãos e idéias de outrem, distantes que se colocavam daquele riacho, perdidos sem a escolta de serras, mato, pios de pássaros e, sobretudo, sem a vontade e a inocência da criança que sabe pescar ou pecar sem perder a pureza que é de sempre a sua.

Mas foi assim que as coisas começaram a se desenrolar daí em diante — ou a se enrolar em definitivo, que esse gênero de acontecimentos depende sempre muito de que lado da ribalta se está, e o que parece promissor e sobranceiro, sob uma perspectiva, adquire ares sombrios e tons monocórdios quando observado de outro ângulo —, então, como estava dizendo, as coisas começaram a tomar um rumo que eu não conhecia, mas cujo desfecho eu podia intuir nas insinuações veladas, nos agravos hesitantes, nos achincalhes grosseiros que havia escutado quando do envolvimento de meu tio com D. S... Mas, é claro, que mamãe não era D. S... e podia bem ser que a conversa que eu surpreendi não passasse de palavra leviana e desimportante, conversação entabulada acerca das últimas notícias chegadas da capital ou dos mais recentes mexericos familiares levantados por minha avó, retomados

---

por mamãe e reduzidos à devida desimportância por meu tio. Mas também podia ser que não fosse ilusão nem engano o olhar que eu havia surpreendido ligando um a outro e que me aconteceria de presenciar novamente, apenas vários anos depois, em minha própria pessoa, ou melhor, nesse espaço que se desenhava e se redesenhava entre minha pessoa e uma certa mulher, ainda jovens, nós dois, nas beiradas de calendários que definiam um certo Reveiom em São Lourenço e que, visto agora, nessa perspectiva que nos dá a possibilidade de sobrepô-lo ao que esboçavam mãe e tio há muito mais tempo atrás, pode ser aproximado e trazer essa familiaridade de coisas que parecem ter-se tornado costumeiras mesmo sem nos darmos conta delas. Mas aí vai mais uma patranha disso a que chamamos tempo: como explicar o que houve no passado mais distante, esse da infância, se, para isso, precisaríamos do passado mais próximo, esse de São Lourenço; como dar àquilo que já passou seu devido e justo peso, se, nessa operação, precisamos de medidas e referências que ainda não existiam naquele momento?! E como julgar convenientemente e com justeza o que se passou há muito tempo, se estamos inteiramente tomados e influenciados e transtornados e transformados pelo que ocorreu há menos tempo?! E neste exato momento em que algum desses personagens encobertos poderia dar-se às

---

falas e mostrar-se as caras, arrancando explicações ou arranjando soluções, não se vislumbra dele nem a menor manifestação! O que me deixa na mesmíssima situação em que sempre me encontrei, tendo de cavar detalhes de gentes, ordenar seqüências de casos e escolher possibilidades de explicações, como se fosse eu o único responsável pelo equilíbrio desse universo que se vê a partir de minha pessoa e que é o único em que posso confiar.

Mas o feito, em definitivo, era que eu começava a pôr peso e acento nas falas, nos gestos, nas vestimentas, nos silêncios, nas intenções apenas insinuadas, como quem metesse uma coberta vistosa sobre a desarrumação noturna dos lençóis, como quem quisesse descobrir querereres e saberes já, então, estabelecidos de antemão, entrando, eu também, nessa trama complexa e contumaz, contubérnio em que a familiaridade se mesclava à intimidade, o reto ao indevido, o dito ao não-dito mas pressentido, adivinhado ou estabelecido, sem saber como livrar-me do jugo do que começava a julgar como revelações patentes, nervos expostos, relações evidentes e tudo o mais que se podia inferir, pensar, intuir, estabelecer, deduzir, coisa de que eu já então me sentia capaz, mesmo nessa idade em que nos

---

recusamos ao uso direto e expedito do raciocínio e da lógica. E, se mais não falo do tudo que pude ver, pressentir, testemunhar e avaliar, é por vezo de narrador já experimentado — depois de páginas e páginas de atenção e acatamento de sua parte, caríssimo leitor, algo já devo de ter aprendido e aperfeiçoado, ao menos o hábito de trocar sem ofender demasiado os ânimos e de tropeçar sem alterar abusivamente os trâmites da história —, como dizia, então, se mais não exponho, é também por escrúpulo de não carregar nas cores e dar a ver um quadro que tem mais do peso de minha mão do que do pigmento das tintas, entornando o assunto e dando por justo e medido o que cabe justo nas palavras, mas pode não ter cabido nas medidas dos fatos e das pessoas, esses e essas de muitos anos atrás e sem lhes deixar a mínima possibilidade de cobrarem-me pelo desajuste da expressão — e, quanto mais, pelo desmazelo dos juízos?! —.

Mas o fato era que, entre tio e mãe, costurava-se algo além do que ocorrera até então, gestava-se um entendimento que, se não saltava a olhos vistos, por pudor ou precaução bem pesada, purgava nos rapapés e ademanos e trejeitos e gestos que me surpreendiam e que só eu parecia ver e davam à

---

casa novos ares e novas cores, ou que apenas revelavam cheiros e tonalidades já existentes, como roupa posta a quilar em dia de sol bem medido dando à luz o que sujeiras e gafeiras de toda ordem tentavam inutilmente acobertar. E é por isso que, depois daquela pescaria, durante muito tempo tentei retomar o mesmo companheirismo e refazer o mesmo périplo, já pressentindo um certo final para essa epopéia, como a de dois amigos que tentam acertar um percurso, no escuro, talvez dentro da noite, um deles sábio e experimentado, embora já algo gasto pelos anos e por esse saber excessivo da vida pequena e das cidades e das pessoas grandes, o outro, ainda forte de juventude, mas refreado exatamente por essa sua ignorância das violências e das palavras, dando, os dois, cabeçadas e lances, o mais das vezes um no outro, acertando carros, aceitando golpes, entornando oportunidades, enquanto a madrugada avança, inexorável, implacável, lenta e certa, entrando em suas almas aos poucos e apagando paulatinamente o que pudesse restar de dignidade, até que esvoace uma última chama, uma derradeira chance de se tomar um ônibus, um certo ônibus, o ônibus que os leve ao Sol e ao Sul, ao calor e à luz, em lugar distante do frio da cidade em que estavam, pondo nesse percurso todo o esforço que ainda poderiam ter e todo o ânimo que puderam juntar, sonhando com a chegada, com o Sol que, no final das

---

contas e sem a menor sombra de dúvida, acaba iluminando apenas um deles. Apenas um deles, esse que sobrevive unicamente para contar a história, sua história ou a do outro, não importa mais, pois que esse sobrevivente vai-se fazer outro, vai-se transformar no outro, mais exatamente, para contar a história dele na sua própria história, ou quase. Mas o fato é que, até chegar a isso, muita coisa ocorreu e muito se modificou em nossa casa, naqueles meses de verão, há coisa de trinta anos atrás, naquela cidade de S... que se esquecia de ser modorrenta e anódina para ganhar ritmos e fisionomias que eu aprendia e aprendia com ânsia e expectativa cada vez maiores.

E, por isso, por ter aprendido a assimilar o inesperado e os bastidores das coisas com a tranqüilidade de quem vai à pesca ou toma uma boa xícara de café fumegante em qualquer uma dessas manhãs de quase inverno ou já verão, por ter assimilado o código quase casual das frases ditas para não serem entendidas na ordem e na seqüência com que saem da boca e dos gestos, por ter dado com a fórmula arcana dos dissímulos e dos enigmas tramados desde o alvorecer dos tempos, quando o primeiro homem e a primeira mulher fizeram-se mutuamente homem e mulher acima da vontade dos

---

deuses e dos desígnios das Parcas, por ter aprendido a prestar culto a cada pequena sinuosidade nos eventos que compõem as contas desse colar chamado cotidiano, por ter conhecido o caminho de rotas e rumos perturbados que levam sempre de uma fisionomia familiar às reações mais inesperadas, aos gestos mais surpreendentes, por tudo isso, aquele Reveiom em São Lourenço não me incomodou em demasia, por certo não mais do que certos encontros e esbarrões com que me fui habituando, às vezes de maneira forçada, ao longo da vida e dos passeios públicos, tentando reações e tateando frases e faces como quem se conhece minimamente e, justo por se conhecer minimamente, é capaz de prever instantes de declive e instâncias de declínio, pode colocar-se à margem dos fatos e das pessoas, apenas buscando observar coisas e gentes a partir dessa posição agora vazia em que se estava e onde agora não se está mais, ausentando-se da trama, não por troça ou toleima, mas por jogar o jogo que se espera seja jogado, até que algum absurdo casual, mas inevitável e previsível venha interromper os lances e as falcatruas com que nos entretemos e com que logramos o tempo — mas apenas por certo tempo —.

Assim, salvas as aparências, dirimidas as diferenças e esquecidas as hesitações, esse

---

aprendizado da infância foi-me, ao menos na superfície dos fatos e na óptica dos amigos, de particular relevo e importância, naquele já tão falado e ainda não diretamente narrado Reveiom em São Lourenço, pois tornou-me capaz, no mínimo, de retecer a trama dos fatos e a tramóia das gentes, encastrando significados outros na evidência com que as coisas se iam apresentando, permitindo-me relegar a segundo plano e a esquecimento quase definitivo os sentidos óbvios e as significações aparentemente inquestionáveis. Foi assim que consegui, no dia seguinte, ao despertar da ressaca mais monstruosa já tida e havida por sobre a face da Terra, descobrindo diante de mim o dedo acusador das testemunhas das proezas da véspera e dos estremunhos desse dia seguinte, pude, então, torcer interpretações e desenredar histórias, transformando em outra coisa e metendo em outra ordem a seqüência dos fatos e dos ocorridos, sobretudo o enlace alcoolizado com outra mulher que não aquela que eu vigiava atentamente e cuja imagem me perseguia tenazmente já há dias a fio.

E, se o amigo leitor ainda não foi capaz de entender — e devo reconhecer que há algo de avaro na maneira faustosa como enfileiro histórias, dou seqüência a palavras, arremato fatos, proponho

---

personagens, estabeleço teias e ligações entre tudo isso —, repito, então, que se o estimado leitor ainda não conseguiu intuir o que aqui apresento, digo, então, claramente, que, desde cedo, aprendi a esmerar-me de propósito na moldura mais talvez do que permitiriam as regras do bom-senso e do bom gosto, para tirar a atenção da composição ou das cores ou da luz da pintura, em suma, de algum desses pormenores que porventura podem dar ao quadro mais atenção do que julgo que ele merece. E digo, também diretamente, que esse episódio entre tio e mãe foi o primeiro em que pude exercitar o despiste do essencial e o enfeite do acessório, exatamente como no caso do Reveiom em São Lourenço, ou mais exatamente, no caso daquele malfadado baile e bebedeira, em que, sem trocar pés e mãos, permutei um rosto e um olhar por alguns minutos de carne à disposição das mãos e do sentido. E foi assim que, na manhã seguinte, vi-me obrigado a retramar toda uma série de esclarecimentos e de justificativas, tentando abarcar com outras palavras toda uma impossibilidade de explicações convincentes. E o fato é que eu acabava sendo sempre bem sucedido, e os poucos que se aproximaram com pilhérias e gracejos, troçando da escolha da mulher e do teor alcoólico do meu sangue, viram-se aquinhoados com uma pequena e eficiente artilharia de senões e ademais que, sem explicar nada, tornavam convincentes os

---

motivos e as conseqüências da noitada. E, da mesma maneira, quando, alguns dias depois daquela conversa surpreendida ainda pouco antes da pescaria, mãe ou tio puxavam cadeira para mim e conversa para nós, pretextando assunto desimportante ou impertinência artificialmente simpática, quando um desses dois adultos abriam portas de guarda-comida diante de mim, ou belos embrulhos de balas paulistinha atrás das costas para eu adivinhar, quando minha mãe anunciava, inesperada, toda uma tarde de cumplicidade na árdua tarefa de escavar velhos jornais em busca de notícias de astronautas para meu álbum de recortes, ou revirar antigas caixinhas de papelão à cata de selos extraviados para minha coleção, ou quando meu tio anunciava, discretamente, como segredo que só eu seria capaz de entender e guardar, anunciava, então, ter planejado excursão e conversa de amigos ao Morro da Caixa d'Água em busca de balas perdidas ou até mesmo fuzis enterrados durante a Revolução de 32, quando tudo isso e muito mais vinha surpreender minha pessoa, e as perguntas resvalavam para aquele diálogo e aquele encontro que eu havia surpreendido em momento em que deveria estar em qualquer outro lugar menos ali, eu retocava ainda mais a moldura e fazia-os acreditar que não dava nenhuma importância à cena pintada no quadro. E naquele momento, como nesse e neste momento,

---

ficava faltando uma peça e uma jogada, uma casa, talvez, para o jogo completar-se à perfeição. Mais uma vez faltava eu mesmo, e, tanto antes quanto agora, desde aquele primeiro acontecimento, nunca consegui decidir minha posição diante de minhas próprias reações. E até explico melhor, pois é provável que nosso caríssimo leitor deva estar ligeiramente atrapalhado ou comovido por tantas palavras, por tantas luas, por tantos conhaques, e não atine com o sentido mais próprio e direto do que aqui busco explicar: se eu, aos poucos, tornei-me useiro e vezeiro nessa nobre arte de empulhar o alheio e empunhar verdade para uso exclusivo de outrem, não é menos verdade que nunca me pude incluir de boa-fé nesse rol de iludidos e enganados que fui construindo ao longo da vida, e sempre tocou-me administrar o gosto amargo de não saber e não conseguir burlar a mim próprio, crendo junto com os outros, aceitando com os demais, acreditando como todos ou quase todos, aceitando sempre a versão mais vistosa que eu preparava e que, desgraçadamente, eu mesmo não lograva engolir.

Em suma, desde o início, nunca fui capaz de enrolar-me em minhas próprias desexplicações, mas, em compensação, de outro lado, raras foram as pessoas capazes de atinar com essa minha máscara

---

de ilusionista barato de circo de quinta categoria. Um desses poucos foi justamente meu camarada naquele Reveiom de vinte anos atrás, em São Lourenço, o Jamil, companheiro que acabou não me acompanhando mais, pois que justamente aquele Reveiom foi o último em que nos vimos e trocamos palavras e simulamos brigas e combinamos vidas e acertamos projetos. O Jamil, aliás, mereceria capítulo à parte e explicações de fôlego, se não fosse outro o protagonista e outro o assunto e motivo desta narração, com o que me comprometo e prometo livro próximo e mais interessante sobre esse amigo, quando mais não fosse, apenas para falar dele, o que já valeria a pena e toda a tinta que eventualmente se gastasse ou derramasse em cima de tal causa. Mas acho que você já deve de ter tido alguma boa impressão, sobretudo desde a história contada por ele e que ecoa, ribomba, reverbera e ressoa em cada desvão e pedaço deste livro, como uma marcação insistente que, a despeito da melodia do vocal, é capaz de dar a ouvir uma percussão mais forte e mais importante do que os floreios da frente, como fosse um Charles Mingus posto a marcar o ritmo de um desses pobres cantores de churrascaria que mal e mal entabulam imitações roufenhas de Johnny Matthis. Mas o Jamil era para mim muito mais do que uma mera amizade, era daquela estirpe de seres humanos que tornava indispensáveis e

---

únicos mesmo os pequenos segundos em que, à mesa de um bar, nos ocupávamos da importante tarefa de rodar com frequência fixa, num movimento harmônico simples operado com extremas paciência e aptidão, o palitinho dentro do copo de caipirinha, tentando imitar ou transtornar, nesse rodar fingindo-se infindo, a rotação dos astros e o declínio inevitável dos deuses. Era como se — ou talvez fosse assim mesmo, exatamente como parecia ser, num desses raros seres e ocasiões em que aparência e essência não nos enganam e se igualam e dão as cartas viradas para cima —, era, então, como se pudéssemos decidir do destino de cada de um nós e de todos, mas como se o Jamil determinasse, por ele próprio, num pouco-caso chegado a indiferença superior, que nada seria feito, que continuaríamos como estávamos, fazendo de pião para o universo, mas sem nos movermos um milímetro para isso e sem que o universo alterasse um risco que fosse de sua trajetória rumo ao vazio, dando a cada coisa — os guardanapos já sujos, os palitinhos de dentes que eu usava para outros fins e por outros meios juncando a toalha mal lavada de cadáveres lígneos de variados tamanhos, os restos de petiscos e seus respectivos pratos engordurados —, dando, então, a cada coisa uma extrema importância, importância que herdávamos em parte, como consequência natural de nos colocarmos na parte inferior e final de um

---

plano inclinado para onde deslizaria ao menos parte dessa deferência que ele próprio nos fazia conceder a coisas e a fatos, a pessoas e a objetos, a ocasiões e a motivos.

E a descrição da mesa de bar e dos palitinhos de madeira rotantes não foi escolhida por acaso ou fruto de alguma intenção oculta, mas lembrança direta de cena muito semelhante — talvez apenas a bebida fosse outra, pois que estávamos, sobretudo eu próprio, ainda sob os efeitos e com os defeitos da carraspana da véspera e pouco propenso e muito pouco aptos a outras libações — mas, como dizia, era cena muito semelhante a que deve de ter realmente ocorrido em São Lourenço e, tirante meu natural pendor a exagerar nas tintas com que pinto e represento o Jamil — o que reconheço sem excessos de pudicícia e sem temor de ser tomado por reles embusteiro ou farsante ficcional afeito a falcatruas e afins —, tirante, então, tal inclinação de minha parte, posso dizer que ele foi, talvez, dos últimos, senão mesmo o único a merecer tal rótulo de amigo sem o esgar de dentes e a coceira nas orelhas que sempre acompanha essas palavras, quando as atribuo a alguém ou as associo a algum conhecido. E, naquela mesa de bar, mais uma vez feita púlpito ou tribuna para espiar contradições

---

alheias e próprias e para expiar hesitações de todos nós, eu aceitava palavras que não eram e nunca foram e jamais seriam minhas, liberadas aos poucos e calmamente da boca do Jamil, já agora inteirado dos diferentes olhares e dos distintos lugares onde encontrei aquele moça, já menina e ainda mulher, de quem eu nem mesmo sabia nome ou endereço ou ambições, e por quem já me culpava de não ser mais atiradiço ou atrevido e chegar às vias e às falas, indagando-lhe, a ela, sob pretexto vário, o porquê de permitir-se olhos e olhares de reprovação a minhas aventura e conquista da véspera, pois que não podia parecer a ninguém que o simples ver alguém através de janelas de ônibus e de casas ou em meio às gentes que passeiam em parques públicos, que nada disso autorizasse desilusões ou exigências de acatamento e acanhamento, quanto mais o respeito a ilibadas reputações que eu nem tinha a apresentar e que eu nem mesmo podia reconhecer na outra. Mas aí sempre entrava o Jamil e recolocava a discussão nos trilhos e o mundo em rota melhor, pois que ele sabia esperar esse caldeirão de palavras e expressões de desalento, para, então e sempre, costurar minhas palavras às dele, de tal maneira que, depois de feito e enunciado, não havia como desenredar-me desses seus artefatos de sons e desses seus artifícios de imagens e dessas suas artimanhas de gestos.

---

E o que dizia o Jamil era, em verdade, muito simples — se é que se pode associar verdade e simplicidade a esses eventos assim tão desprovidos de lógica e submetidos aos imprevistos de um encontro, de um olhar, de uma falta de intenção mas não de tensão —, mas, repito, o que dizia o Jamil era de uma simplicidade insultante, pois que expunha em poucas e meias palavras e revelava à inspeção das pessoas todo o subterfúgio que eu empregava — e, para mim, essas minhas encenações eram prontas e suficientes para tirar-me do centro do palco e ocultar à luz e à evidência essa natural covardia que fazia de mim, a cada dia, o ano inteiro, presa fácil de hesitações e tergiversações de toda ordem e grau —, subterfúgio, dizia eu, que empregava em fugir de encontros e esbarrões e de trombadas com o arranjo costumeiro das coisas e com a disposição das pessoas, sobretudo com a minha própria. E o que eu ouvi e o que o Jamil disse, naquela noite, naquela mesa de bar, em São Lourenço, bem próximo, por coincidência, do elegante Hotel Brasil, há coisa de vinte anos atrás, o que ouvi, então, era coisa para guardar escrita em guardanapo de papel, com todo o cuidado, pompa e circunstância que tal ocasião merece, pois que vinha tudo animado e bem organizado pela amizade mais desinteressada

---

que já pôde haver sobre a face da Terra e dentro dos calendários todos que animam as várias diferentes religiões. E o que o Jamil falava não trazia preso, como enfeite ou adereço inútil, nenhum tipo de manha ou velhacaria ou estratagemas ou segunda-intenção, mas apenas o risco assumido por quem que se dispõe a revelar intenções e juízos, sem prejuízo da amizade. E, enquanto o Jamil falava, como uma segunda câmara que fosse filmando, quadro a quadro, foto a foto, eu ia seguindo com os olhos seus gestos e atuação, deixando aos ouvidos e cérebro a tarefa de apreender julgamentos e opiniões, que esses eu iria aos poucos e na seqüência assimilando e organizando para futuro uso e emprego. E o que eu via era, talvez, um desempenho nunca antes atingido e, certamente, nunca jamais repetido depois dessa noite, pois que ele conseguia adernar o corpo e conformá-lo aos sons que ia emitindo, como esses marinheiros já velhos de sóis e de mares, que têm um conhecimento corpóreo das inclinações do navio e estabelecem com ele um diálogo tácito, uma conversa silenciosa em que corpo, de um lado, e convés, de outro, palram e charlam sem cessar, sem que os demais presentes desconfiem minimamente desse diálogo. O Jamil, então, repito, ia conformando gestos e movimentos, numa eloqüência ainda mais proveitosa do que aquela que apenas enunciava fonemas e frases aparentemente bem articuladas, pois

---

que era todo o seu corpo, vale dizer toda sua existência que se colocava a minha disposição, num conluio em que já não importava mais ser eu o homem, moço, menino hesitante não sabendo bem como me dirigir à moça, à jovem, à mulher — essa, do Reveiom, como aquela da infância, ou todas as outras que eu ainda iria enfrentar ao longo dos anos e da vida, que anos e vida são coisas absolutamente distintas —, não sabendo muito bem, então, como dizia, como lidar com essa fragilidade inerente às gentes, mas que eu recusava insistente, como se pudesse pela simples insistência e teimosia e fazer-de-conta modificar toda a trajetória que se vinha delineando desde o dia de meu nascimento, tendo eu, sobretudo, muito a aprender com essa fragilidade intrépida, com essa provisoriedade destemida, com essa efemeridade audaz que se desprendia dos gestos e do corpo do Jamil e quase que chegava à contagiar os meus próprios. Deixava-me, então, ficar olhando-o, sem ouvir — era outra parte do meu ser que escutava o que ele dizia, tentando assimilar correta e atentamente suas palavras e seus raciocínios sempre espantosamente claros —, como dizia, olhando sem ouvir, mas aprendendo com a maneira de o Jamil dispor-se diante de mim, sentando-se na cadeira como quem se instala no trono do mundo, mais por um favor das Parcas ou uma concessão do Fado, e tentando fazer-se merecedor dessa

---

posição e dessas mercês, mas sem abaixar, por menos que seja, a cabeça ou o espírito. E era essa mesma desfaçatez tranqüila que empregava ele diante das adversidades e dos comentários atravessados e das conversas melífluas, sempre pronto a dar-se em exemplo para os amigos, a jogar-se em liça se necessário, a consumir-se em horas intermináveis e pacientes com a gastura e as perplexidades de outros e minhas próprias, que ele obviamente tinha bem mais o que fazer, além de falar e falar incessantemente, parecendo estabelecer seqüências de idéias e argumentos proveitosos, embora eu suspeite que essas idéias e argumentos eram desvalidos e de pouca precisão, servindo apenas para marcar um movimento, um ritmo, talvez um mantra que tornasse para mim o universo não compreensível ou explicável, mas habitável, dotado dessa mesma disposição tranqüila e pronta a acolher absurdos e barbaridades, fraquezas e covardias, proezas e temeridades, como se se entornasse um copo de caipirinha depois de tê-lo bem revirado com o auxílio de um palitinho de sorvete, exatamente como fazia o Jamil em minha frente, ocupado menos com suas coisas e casas e mais com as barafundas do amigo, sempre inquieto e já mordido pelos agulhões das mil virgens loucas de todos os paraísos muçulmanos.

---

E tal companhia, naquele momento como em muito outros passados e futuros, era inestimável, incontornável, necessária até a raiz da alma e até a planta dos pés, pois que me dava algum fundo mais sólido, algum terreno em que plantar verdades e colher certezas, exatamente dessa maneira, certezas que medravam e cresciam e fanavam, para serem então substituídas por outras, num movimento que não nos ancora a nada, mas que nos faz avançar sempre contra o tempo. E a importância que eu então atribuía à amizade do Jamil — disponível e presente desde anos antes, desde o primeiro ano do colégio que enfrentamos e aprendemos juntos, e desde sempre insubstituível, pronta e sólida desde o primeiro momento, como uma cumplicidade anterior aos séculos e superior aos ventos dos Fados —, como dizia, então, a cumplicidade amiga do Jamil só fez mais funda a lacuna que eu sentia e senti ao longo desses anos todos, nesses momentos em que deveria aprender ou deveria já ter aprendido a lidar com ausências e mortes e afastamentos e distâncias, mas em que eu apenas tentava encontrar alguma réstia de razão no fechar-me em copas e em casa, estabelecendo uma parede mais sólida e menos permeável entre mim e o resto, a tal ponto que a falta do outro tornava-se falta de mim mesmo e, a

---

partir daí, sem meu próprio palitinho a rodopiar a bebida do copo, o universo deixava em definitivo de ter sentido e razão. Em definitivo, dizia eu? Acho que acreditei nisso, até o momento em que aquele esbarrão, naquela manhã fria de quase inverno, trouxe-me de volta ao leito da estrada ou de uma estrada qualquer, e passei a duvidar até de minhas dúvidas mais profundas e antigas e bem guardadas. Mas, para isso, tive de enfrentar várias travessias, inúmeras passagens que eu sempre consegui esconder em algum desvão dessa minha complicada arquitetura doméstica, várias odisséias que eu consegui meter escondidas em algum contrabolso interno de um paletó inconsútil e que, pretensamente, não se dariam mais à inspeção e análise de quem quer que fosse, sobretudo por mim mesmo. E, por isso, é provável que algum encoberto e incômodo personagem esteja a soprar em seus ouvidos, meu amigo, dizendo a você que exija de mim que eu dê término a esses titubeios narrativos e conte, de uma vez por todas, e narre, agora e já, e exponha, sem vacilos, então, as conversas com o Jamil e minha estada em São Lourenço e tudo o que de importante e realmente definitivo por lá ocorreu e que, até agora, ainda não tive a firmeza de enfrentar e revelar a você.

Estávamos, então, eu e Jamil sentados, mais exatamente sentados à mesa de um desses pequenos bares da moda, com garçons rodopiantes e mesas quietas, muitas pessoas em pé, à roda, alguma música de fita que não chegava a causar grandes estragos nem aos ouvidos e nem à freqüentação. Estávamos e, pouco depois, já não estávamos mais, pois a conversa chegara a um caminho sem saída, e a única solução foi sair do bar em busca de algum fresco dado pela brisa da noite ou pelo deslocamento dos carros, mas, antes de nos estribarmos em um automóvel — na verdade um jipe de um dos amigos do Jamil que encontramos após alguns poucos passos vacilantes dados na calçada, quase tropeçando nos pés e pernas dos passantes imprevidentes, estranhamente quase claudicando pelo acúmulo do pouco de álcool que, ainda há pouco, sorvíamos à mesa do bar —, então, como dizia, antes de entrarmos no tal jipe, ainda pactuamos uma volta, um rodopio por aqui e ali, tentando entender essa lógica pesada das casas e das ruas, tentando, na verdade, estender a lógica do corpo à disposição dos quarteirões, das pessoas e dos objetos, como se o universo todo inteiro nos confessasse sua deficiência definitiva e nos instasse a habitá-lo com nossos passos, com uma certa seqüência de passos que nos levaria de um dado lugar, esse já conhecido, o bar, a um outro, esse agora

---

incógnito, na verdade a um evento que o universo todo inteiro não sabia, que nossa mente não reconhecia, mas que já se havia imprimido em nossos corpos, ao menos desde a fundação das colunas de Tebas e do enchimento do mar Egeu. E foi assim que se deu o simples e fácil caso de dobrarmos uma esquina e toparmos com aquele mesmo rosto que, já há alguns dias atrás, teimava em povoar locais e idéias, por onde quer que eu passasse, onde quer que eu estivesse, sempre aquele rosto que rematava delicadamente um corpo parecido feito de propósito e com alto esmero de carpintaria para dar conta e satisfação aos olhos — se olhava para nós —, ao sorriso — quando havia e era exibido —, aos cabelos — ao se permitir um pequeno despenteado pelo vento ou pelo menear da cabeça —, um corpo ajustado e torneado a frio, pronto exato para ser eco e resposta àquele sorriso algo melancólico que ela parecia alardear sempre que me encontrava, sempre que se surpreendia em posição defensiva, isto é, ao deparar-me tendo algo entre nós, uma janela de ônibus, uma janela de casa, uma multidão barulhenta, uma mulher outra agarrada em mim, mas, agora, algo mais importante se intrometia entre nós e não era, de modo algum, o corpo cúmplice do companheiro e amigo que me acompanhava, mas o sorriso que se estendia, fio, entre ela e ele, ou entre ele e ela, não importava mais e nunca mais importou, já que,

---

desde daquele momento como que um repelão, um desencontro feito esbarrão, um estouro veio sacudir o universo todo inteiro a partir do ponto em que ele me fitava, indagava, inquiria, provocava. E nada foi dito por nenhum dos três, e nem precisava, uma vez que o enredo já estava todo entranhado em nossos corpos e vinha se expor, aos poucos e inevitavelmente, e essa nossa caligrafia composta de três letras apenas, esse nosso sistema numeral de três meros dígitos, não iria parar mais, a partir daquela instante, pois que estávamos fadados a construir aquela, essa e esta história com nossos corpos servindo de palavras, impressos num papel que se estendia por bares, ruas, casas, hospitais — sobretudo pelos corredores dos hospitais —. Mas não quero e não devo me adiantar, que seja por poucas linhas ou páginas, apenas devo registrar, neste exato momento, essa nova linha de sentidos e intenções que vinha se estabelecer entre duas pontas do mundo, entre essas duas pessoas que, naquela ocasião e acho que em muitas outras a partir daí, representavam para mim a ponte sobre o mundo dos índios dos altiplanos peruanos, a concertação das esferas, o divino motor, o ponto em que o Uno e seu Verso coincidem e coabitam. Mas, também naquele momento, como em vários outros, posteriores e, agora sei, anteriores, eu sentia que a ponte se esfarelava, as esferas descentravam-se, o divino motor engasgava

---

em esgares graves e todo o resto esgarçava-se como neblina posta a secar em sol de verão. E você é capaz de acreditar que nada foi dito ou comentado, que nem uma réstia de decepção deve de ter escapado do meu rosto e pousado, mariposa ou andorinha, sobre o fio de atenção e interesse que parecia unir um rosto ao outro, nenhum dos dois sendo o meu próprio?! Pois foi assim mesmo, desse exato jeito que conto e tramo, que nenhum proveito tiraria eu do falsear dados, caras e coroas: não poderia haver ciúme possível, nem nenhuma possibilidade de conflito, se nada nunca havia sido dito ou ajustado entre nós, isto é, entre mim e a mulher, moça menina, ainda mais agora que se imiscuía o Jamil sem nem bem saber de que se tratava, mas já encontrando o justo espaço e o exato sítio onde se pôr, evitando, mesmo sem querer, ou exatamente por querer, o abrigo fácil e a desculpa à mão do acaso e da ventura. E nada foi dito, nem uma pequena e miúda palavra ou interjeição, que para esses assuntos bastam as expressões da face e os gestos concertados do corpo todo inteiro, como fosse feito uma orquestra que articulasse pauta de pausas e paradas de rara e insuspeita eloqüência e precisão. E, conforme o tempo passava — muito mais lentamente que os nossos passos se afastavam dos dela; ou eram os passos nossos todos que tramavam pressa proposital para se contrapor ao deslizar canhoto do tempo —, fosse

---

como fosse, em algum ponto um relógio havia parado, marcando para sempre aquele fio estendido e tenso entre o Jamil e ela e, mesmo se nenhum de nós três nos olhássemos mais — e era exatamente o que ocorria, pois que o encontro não durou mais do que uns segundos e pouco, apressado pela balbúrdia noturna que inesperadamente põe vida em objetos inanimados enquanto a tira dos seres humanos que os rodeiam —, como dizia, então, aquele fio como que escorria, contra o tempo e contra toda expectativa, mantinha-se firme e preso, mesmo pelas costas de ambos, que então dialogavam surdamente, conseguindo tirar, da ausência de palavras e de planos, uma firmeza maior que a das alavancas e dos planos inclinados, enquanto nos afastávamos, eu e Jamil, para um lado, e, para o outro, ela e seu sorriso melancólico, agora iluminado por uma cor diferente, um reluzir de jaez outro que eu nunca conheceria, um brilho peregrino como nunca houve na história dessa nossa estirpe, humana e natural.

E, a partir daí, o tempo retomou sua velocidade, talvez até mesmo de modo mais acelerado que de costume — ao menos, é a feição com que vão aqui sair os fatos e sua ordenação, é a maneira como vou encadear personagens e objetos, surpreendidos por uma narração desordeira, prenhe de segundas

---

intenções e ambições rasteiras, que vai dar à verdade um ritmo e uma aparência que nunca foram os seus —, mas, então, como já dizia, o tempo voltou a correr em desabalada carreira, ou sou eu que o prefiro assim, célere a moroso, para não intrometer-se em demasia em sentires e saberes profundos, que esses eu os guardo a sete chaves, debaixo de sete palmos de terra e cal e olvido, e, ao voltar à carga, levou o tempo consigo dois amigos e mais um bando de conhecidos para dentro de um jipe sem capota, com um cano entortado sem mestria à guisa de santantônio sem maiores merecimentos e, sobretudo, com muita pressa de tomar rumos e viver parques e poucos segundos de vida jogando no centro de arco que fazem as curvas todas todo o empenho de concentrar nesses alguns poucos segundos a emoção de toda uma existência, como fosse o foco dessa curva o vórtice para onde convergissem vontades e projetos e percursos. Mas, adianto-me ao próprio tempo, e devo de estar incomodando você com esses desatinos de narrador mesquinho que pula e falha no andamento da história, pois o que quero dizer, e quase o disse no parágrafo acima, é que usamos o jipe em São Lourenço como o fazíamos em outro jipe, com outras companhias, em outra cidade, mas mantendo o mesmo efeito, isto é, o de fazer curvas com o máximo de aceleração permitido pela Física, de modo que a velocidade tangente exatamente no meio

---

delas fosse o justo limite para não escaparmos em linha reta e cambalhotas, dando razão e valor à inércia, a Galileu e a Newton. Mas ainda não contei tudo e faço-o agora, espero, sem maiores incômodos que o de obrigar você a recordar velhas lições de física ginasiana: a permanência do jipe na curva era garantida não só pelo motor, mas também pelo pêndulo que eu executava com particular habilidade, impedindo que a arco da rota se tornasse linha reta, lançando tronco e torso para fora do veículo, mantendo apenas as pernas do lado de dentro e as mãos firmemente agarradas ao santantônio, sentindo vento e curva lambereem minha cabeça, enquanto olhava firmemente para trás, como uma lanterna de popa que ensinasse ao mau marinheiro o trecho de mar já percorrido, mas sem habilitá-lo a ver o que quer que fosse dos escolhos e trambolhos que pudessem vir pela frente. E um desses escolhos que eu não vi e nem poderia ter visto era um poste mal postado, um desses de iluminação, de concreto, e que estava colocado um pouco aquém do que deveria — menos para a rua e mais para a calçada —, pois que esse estava plantado mais para a rua e menos para a calçada, com a peculiaridade de interceptar o traçado que minha cabeça fazia justo no ponto de maior aceleração do jipe e bem no meio da curva e, certamente, bem atrás de meu campo visual. E aconteceu de o Jamil estar virado para o

---

outro lado que, nesse caso, coincidia com a frente do jipe e com a chegada inesperada do poste, e aconteceu de ele, em questão de poucos segundos, menos de um talvez, ter raciocinado com ligeireza e concluído pela inevitável colisão se nada fosse feito. E aconteceu, então, de ele lançar-se rapidamente para fora, imitando a posição em que eu mesmo me encontrava, segurando-se apenas em uma das mãos, a outra puxando-me torso e tronco, sem que eu visse e sem que eu me desse conta do que estava acontecendo. E aconteceu de ser eu maior e mais pesado que ele e aconteceu, ainda, de estarem em pleno vigor e completa vigência todas as leis possíveis da Física, o que inclui a gravitação e a conservação da quantidade de movimento, o que quer dizer que o mesmo impulso que ele deu em mim, fazendo-me subir um pouco e desviando minha cabeça do trajeto do poste ou do jipe — nem sei mais qual dos dois se movia mais rapidamente —, esse mesmo impulso, então, foi razão e motivo de seu tronco e cabeça descerem muito, ou o bastante, de todo modo, mais do que deveriam ou poderiam, e terem substituído os meus nessa confluência entre caminho de um jipe e trajeto de um poste. E mais não é preciso ser dito, que o sagaz leitor saberá tirar daqui conteúdo e entendimento que bastem, recheados todos eles, ambos, de lições de toda ordem para consumo posterior, com manifestações de

---

apreço e condoimento costumeiros e vezeiros em ocasiões parelhas. E também não é preciso descrever os corredores todo brancos do hospital e as roupas impecavelmente brancas dos profissionais e a tez branca, de um palor assustoso, que compartilhávamos nós todos, amigos e família, assim como não é necessário narrar as ladainhas e as esperas e as más notícias que iam chegando gradativamente e acumulavam-se, sem cerimônia, passavam a compartilhar sono e refeição e, cume da crueldade, tornavam, aos poucos e inapelavelmente, a má notícia do dia seguinte já esperada ou antecipada ou prevista; não é indispensável, em suma, contar esses cinco dias, mais ou menos — que, para datas precisas e fatos exatos, nunca fui de grande valia, sempre sentindo-me em branco quando se trata de ajustar minha memória ao calendário e extrair dela e dele algo que tenha um mínimo de coerência e possa ser contado e justaposto um ao outro e comparado ao que contam e esperam ouvir as demais pessoas —, então, repito, não é preciso retomar e retramar todos os detalhes desses cinco dias de coma do Jamil e agonia de todos nós, recheando-os com uma morbidez piegas que só agora, passados praticamente vinte anos, sou capaz de colocar de pé, diante de você e para mim mesmo, prazo suficiente, enfim, para que minha própria agonia se tenha acalmado e, acalmando-se, dê-se ares de

---

coisa superada, lembrança desagradável em que deixamos decantar a pátina dos dias e o pó dos anos, para tagarelice nossa e proveito de outrem. E aí deixo outro aforismo que, mesmo não sendo muito oportuno, acaba sempre constituindo bom motivo de reflexão: com paciência e tempo, toda vergonha acaba se exibindo como espetáculo.

E mais não digo e nem detalho, que nunca fui assíduo em velórios, enterros e cemitérios, e basta ir a um para ter ido a todos.

Mas, de toda maneira, se é certo, como já se disse, que a beleza das pessoas está em elas nunca estarem terminadas, que nunca estamos completamente prontos, não é menos certo que nada é belo quando alguém termina, assim, antes do tempo e fora dos prazos, alguém ou muito alguém das expectativas e das estatísticas, sem ainda estar perto de estar pronto, mesmo sem sabermos exatamente pronto para quê. E fico me perguntando qual o rigor desse jogo que permite sejam os lances interrompidos ainda antes da metade — que, na verdade, nunca sabemos bem onde localizar com

---

aceitável precisão, o que torna ainda mais problemático dizer “aqui é a metade”, metade de um todo que nunca sabemos onde está e que torna apenas mero jogo de palavras o dizer esse “aqui é a metade” —, fico, então, como dizia, perguntando-me qual o sentido desse jogo em que as peças se rebelam e abandonam a partida sem que tenhamos conseguido minimamente nos aproximar do percurso e da meta inicialmente traçados e planejados.

E a última cena que me ficou impressionada à memória — sempre vacilante —, presa à pele — depois disso, quase sempre fria e avessa a expansões —, colada às sensações e às vertigens que me acompanharam desde então — fobia de altura, de súbitos deslocamentos, de viradas bruscas, de torções repentinas na inércia dos objetos e na ordem das coisas, como se eu me houvesse tornado um autista com consciência de mim e do mundo, apenas profundamente incomodado por alterações repentinas e sem explicações prévias —, como dizia, então, a última cena que me ficou daquele Reveiom, em São Lourenço, há coisa de vinte anos atrás, foi o percurso, escrupulosamente percorrido, da casa do Jamil, ou melhor, depois de tudo o que ocorreu, da casa dos pais do Jamil até a rodoviária, aquela mesma

---

aonde havia chegado há alguns dias atrás, surpreendido por um rosto embaçado por detrás de uma janela também embaçada, ou fui eu que acabei por misturar as visões e o rosto não estava embaçado, era apenas a janela, mas ele, o rosto, foi ficando assim em minha memória, perdendo a nitidez dos contornos, ou melhor, ganhando justamente contorno imprecisos, pois que, nessa minha segunda passagem pela Estação Rodoviária de São Lourenço, nem rosto e nem janela e nem mesmo embaçado estavam presentes ao encontro, e nem em nenhum encontro depois disso, pois que os passos entre a casa dos pais do Jamil e a Estação Rodoviária de São Lourenço não se inseriam mais na lógica dos esbarrões e dos encontros e dos olhares casualmente planejados e, mais, a julgar por essa causalidade fortuita que imperava no universo, naqueles dias, propondo sentidos onde não deveria haver mais do que dúvidas e hesitações, ela deveria estar a par de todo o ocorrido, informada até dos pormenores mais recônditos, coisas que nem mesmo o próprio Jamil ficou sabendo, e por isso ela deliberou esse esconder-se a minha visão e olhos e, se essa cena foi o que me ficou, cabe a ela o mérito ou a culpa — não sei bem qual deles escolher e apreciaria, caríssimo leitor, sua sempre abalizada opinião e escolha —, então, se foi exatamente essa cena que me ficou mais fortemente impregnada à alma e à memória — que,

---

segundo consta, são coisas essencialmente distintas uma da outra —, se foi essa cena, como dizia, que me calou, cabe a ela o explicar, o dar os motivos de ter-se omitido e negligenciado um último vestígio de tranqüilidade que poderia ter-me concedido, e não ter-me forçado, por anos a fio e sem interrupções — mesmo em ocasiões mais recentes, em que achaques e perrenguices de toda ordem têm-me incomodado passeios e caminhadas —, forçado, então, como dizia, por anos e anos, a recompor aqueles passos, aqueles mil, duzentos e trinta e nove passos entre a casa dos pais do Jamil e a Estação Rodoviária de São Lourenço, querendo sempre encontrar a mesma temperatura do ar, a mesma umidade, idêntica disposição de nuvens e direção de ventos, os mesmos carros e marcas e barulhos de motores, os mesmos ou quase os mesmos palavrões proferidos pelos mesmos motoristas desabusados, os mesmos pedestres que, daquela vez, estranhamente, furtavam-se aos encontrões e esbarros que, sem deixarem nunca de me incomodar, eram freqüentes e encarados, àquela altura, com uma tolerância maior do que a minha habitual de hoje. Mil, duzentos e trinta e nove passos, distribuídos quase que uniformemente entre um ponto e outro e, depois, repetidos à exaustão, até que atingiram aquele estágio em que se tornam todos eles iguais e nem faz mais sentido contá-los até o final, pois dar um primeiro

---

já é o mesmo que dar todos os outros até o último, e nada no mundo consegue fazer com que um seja diferente do outro, condenado que estamos, então, todos nós, a cair sempre na mesma casa, não importando muito que o número sorteado ou a face do dado seja diferente.

Na verdade, confundo-me um pouco e, creio, acabo levando de cambulhada o respeitabilíssimo leitor, pois que essas faltas do inesperado e do surpreendente, essas ausências de imprevisibilidade que, então, me incomodavam, essa insistência no costumeiro era no mais das vezes sentida e vista e percebida e assimilada de maneira diversa e oposta. Como quando tive de enfrentar alterações e deslocamentos inopinados frente a frente e cara a cara, com repelões de desagrado, algum tempo depois que a passagem de meu tio por nossa casa se havia já convertido em terreno proibido para incursões, discussões ou divagações de qualquer gênero. Como pretexto para desanuviar ambientes e entabular conversações mais levianas — feito faxineiras pouco prestimosas, que esticam obsessivamente lençóis, colchas, tapetes e passadeiras, para esconder a poeira sobre os móveis, exibindo, na verdade, um arremedo de arrumação, o que nos mostra novamente que, por vezes, mais vale deixar o brilho do pó

---

sobre a superfície, do que revelar o desgaste e as manchas da mobília —, como dizia eu, então, para aliviar o peso que as conversas e os silêncios ganharam de um dia para o outro, toda a minha família, sob as ordens de meu pai, meteu-se em brios e roupas de veraneio e foi-se, por alguns dias, em deliberada excursão de reconhecimento do mar, que, para muitos de nós, entre os quais me incluía eu, era, na verdade, conhecimento, pois que nunca havíamos visto mar algum, de perto ou de longe, azul ou verde, tranqüilo ou de ressaca, sob chuva ou sol. E, além de tudo isso, era, ainda, época do Carnaval, o que incluía não pouca gente nas estradas — trajeto estafante que, àquela altura, tomava-nos ao menos oito horas de muita fumaça, sacolejos, freadas e acelerações bruscas, uma ou outra alteração entre motoristas, várias subidas e poucas descidas de serras, bastante calor e reclamações sempre engolidas em surdina, que maior valor se apresentava, a promessa de poder contemplar, transpostos obstáculos e cansaço, algo como grande rodamosinhos de água de que só veríamos uma ínfima parte, as ondas que vinham bater à areia da praia como arcos recortados desses turbilhões cujo centro infinito rodopiava ainda além da África, segundo me garantiram e imaginei.

Mas o mar não era tudo, havia mais coisas a ver e a perceber e, se ele alardeou para mim, desde o início, um ar triunfante, era apenas para ressaltar a obviedade de sua beleza exata e evidente, tão evidente que nem precisava impor exibicionismos como o que ele ostentava, ostensivo, como um mau ventríloquo que já convence pela pobreza de seu desempenho. Mas, como dizia, havia mais coisas e essas outras coisas merecem comentários e ilações à parte, sem as quais ficaríamos reduzidos apenas à pobreza da exibição, sem os atavios e exageros do cenário que fazem mais do que os atores para convencer a platéia da qualidade da peça que se representa. Chegamos de tardezinha, já aproveitando a brisa fresca que como que passava mãos pelos cabelos e corpos de todos nós, levando junto do suor o cansaço da viagem e já alguma coisa dos dias anteriores, que muito da sujeira dos cômodos da casa se havia acumulado nos últimos tempos por sobre as pessoas e se deixado entranhar em suas peles. As crianças, fomos desobrigados da desagradável tarefa de despejar e acomodar malas e pacote e sacolas, decidir da distribuição e da atribuição de camas e cadeiras, providenciar um clima mais familiar dentro da estranheza da casa alugada. E, soltos, todos, este filho quase único e alguns primos de idade aproximadamente a mesma da sua, pudemos nos prover da tarefa de explorar vistas e arredores e

---

distâncias, inquirindo todas as possibilidades de folguedo associadas sempre às potenciais ameaças à integridade física das crianças e à tranqüilidade dos adultos. Mas, nessa ocasião, como em outras, ao longo dos dias e por todo o resto dos anos, eu já buscava me descartar dos grupos e me destacar contra a paisagem, vendo-a a prudente distância, não me deixando confundir com ela, ficando como que à margem e distante das coisas, para, assim, melhor observá-las. E era com certo temor espantado que eu contemplava esse jogo de mar se atirando contra praia, numa luta inútil para afastar camisa-de-força feita de areias e pedras, como se a imensidão do horizonte de água infinita não o satisfizesse e ele necessitasse de aumentar ainda mais e mais suas posses e domínios, querendo tomar conta também do pouco de espaço com que a terra se defendia dessa ameaça de liquefação total e completa. No entanto, é mais do que certo que, neste momento, deve você estar-se se perguntando do motivo de eu estar me desviando por mares e areias, quando assuntos de maior interesse e melhor lavra já se apresentaram à história e que mais benefício teria se me concentrasse em levar essa narração direto ao ponto de chegada e de interesse, que, se tais tergiversações, ao início, animam e prometem enganos aceitáveis, propõem trapaças perdoáveis, no final já são engolidas com certo desgosto e mal-estar evidente. Mas

---

não desanime e não deixe de perseverar, caríssimo leitor, pois que todo ponto aqui dado é nó, cada casa através da qual o conduzo leva, por sua vez, a locais de não raso interesse, que a única coisa de certa e de minha, nesta lambança toda, é o rumo floreado mas certo com que teço dilacões e entretenho atenções várias, quer dizer, minha e sua, como, aliás, já disse e pronunciei ao início deste livro e, se você esqueceu, debite à conta de sua própria incompetência e não em eventual prosápia minha de mau contador. E, se falo de mares e areias, é por motivo que talvez não revele nunca, mas que você, sempre munido dessa sua argúcia infalível, saberá discernir e propagandear, mesmo que falsamente, menos por algum zelo votado a minha pessoa e mais por desvelo para com sua própria imagem e fama.

Então, voltando ao mar e à praia e à areia, posso dizer que, nesse primeiro dia — ou para ser mais exato, nessa primeira noite, pois que havíamos chegado de tardezinha —, nessa primeira noite, então, deixei-me ficar uns bons momentos nessa muda observação que, para mim, tinha muito mais de contemplação interior do que de algum êxtase ou estupefação pela disposição harmoniosa da natureza, balela, aliás, com que nos distraímos de nós mesmos e ludibriamos nossa consciência, pois que toda

---

ordem harmônica da natureza não é mais do que uma empulhação dos sentidos, uma peça que o raciocínio nos prega, ao brincar com simples reflexos perceptivos. Ao menos, era assim que, aos poucos, ia me sentindo e imaginando, diante do vão espetáculo daquelas ondas que batiam à praia e tornavam a bater, indiferentes à aparente inutilidade do esforço, embaladas tão-somente pelo sonho ou pela ambição de acrescentar poucos metros de areia que fossem à infinitude de suas águas. E eu devia de ficar me perguntando — devia e, se não o fiz, naquele momento, nada me impede de fazê-lo agora, pois que se trata quase que da mesma pessoa, ao menos ninguém mais no universo é tão próximo daquele menino quanto este adulto que fala a você neste momento —, devia, então, como ia dizendo, de me perguntar por que tanto empenho das ondas em trazer ou ganhar para si algo que lhe é radicalmente oposto. E creio que, naquele momento, como em qualquer outra época da história da humanidade, do rapto das Sabinas ao fuzilamento de Mata Hari, certamente ninguém sabia e até hoje, continua não sabendo indicar a resposta correta.

Isso tudo, aliás, talvez explique o crescente desprazer que se foi apossando de minha pessoa, à

---

medida que passavam as horas e avançavam os dias, pois que, todos os dias, éramos submetidos à mesma liturgia que, para mim, ia passando de incômoda a desagradável, de desagradável a insuportável e, finalmente, de insuportável a odienta, que tudo se resumia em uma ordem unida de afazeres e obrigações e deveres em que supostamente deveríamos atuar em uníssono. E não era nada relacionado a escovar dentes, arrumar camas, vestir roupas limpas, acomodar brinquedos e aprumar móveis, que isso era o diário costumeiro com que entretíamos mãos e relógios em nossa própria casa e vida habituais, não!, o que aos poucos se tornou intolerável foi justamente aquilo que eu não conhecia, aquelas rotinas inesperadas que se impunham por estarmos “à beira-mar”, como dizia minha avó do alto de seu cenho sempre carrancudo. Aliás, nem era o levantar-se um pouco mais tarde e o fartar-se à mesa do café-da-manhã com tempo de sobra que me incomodavam, mas o que vinha depois, aquela mistura de algazarra infantil com vozerios adultos recoberta por areia, avermelhada de sol e lambuzada de óleo bronzeador, temperada por sanduíches de patê de lata com goles de algum refrigerante, tudo estendendo-se interminavelmente até o começo do fim do dia, quando o cansaço a que nos impúnhamos — com a minha evidente exceção, que, na verdade, era-me imposto tudo isso, desde o

---

ir forçado à praia ao brincar obrigatoriamente com os primos e primas, sem atentarem minimamente para os repelões e engulhos que a simples menção do ir à praia já me causava —, quando, como dizia, o cansaço e o escurecer aconselhavam o toque de retirar de toda aquela tropa disciplinadíssima quanto à obrigação de divertir-se ou, ao menos, quanto ao encargo de exibir sorrisos de satisfação que eu sabia, no fundo, serem todos falsos.

Uma das raras coisas que me fazia esquecer essas contrariedades todas ou, ao menos, permitia-me suspendê-las durante algum tempo, surgiu inesperadamente, de onde eu nem suspeitava e nem ninguém suspeitaria, que, nesses misteres de inquisidor eu nunca fiquei devendo nada a ninguém e aposto que nem mesmo há indício algum que leve qualquer pessoa a colocar-me no rol dos menos capacitados observadores. Pois não é que, entre os vários adultos que foram incorporados a nossa estação de veraneio, havia uma certa prima de minha mãe, bem mais velha que eu, certo!, mas certamente pouca coisa mais nova que mamãe, colocada naquela faixa etária em que já se pode esbanjar silenciosa experiência de vida para meninos como eu, sem ganhar uma única ruga ou qualquer

---

rusga com a idade?! Chamava-se Alice — e não que o nome tenha grande importância, poderia até ter imaginado algum outro e omitido a exata e certa denominação da prima, com o que você nunca se daria por enganado, que nomes e lugares está obrigado a aceitar e a engolir todos os já escritos e mais alguns que ainda me dê na veneta de inventar —, chamava-se, então, Alice, nome que para mim, atualmente, pouco significa, pois que ela já não mora mais aqui, mas, naquele momento, teve a importância extrema de proporcionar algum refrigério nas refregas com que eu enfrentavas mundos e fundos da alma, incomodado pelo sol, acossado pela areia, insultado pela praia, desafiado pelo mar, aborrecido pelo exílio, atormentado por lembranças e faltas que nunca mais me abandonaram e que, naquele momento, ainda tiveram como ter certo alívio na presença de Alice. Mas não se apresse e nem pense que tudo foi resolvido assim, de uma hora para outra, que, nessas histórias de menino e mulher muita coisa se passa, antes que assente a poeira dos dias e os olhares possam despedir os penares do corpo e do espírito! Mas, poupando-o de mais algumas linhas — todas quase sempre inúteis —, encurto caminho à narração, deixo correr a montaria a toda a brida, e apenas refiro em curtas palavras e ainda menores insinuações o que se passou de verdade e com exatidão.

---

Poderia até tomar o primeiro dia em que pude ter notícia e efeito dessa sua presença balsâmica — que, às vezes, todos os dias parecem igualar-se uns aos outros, se descontamos, com a devida vênia, encontrões e esbarrões que apenas abalam sem alterar rota e rumo já de há muito definidos —, poderia, então, como começava a dizer acima, tomar esse primeiro encontro e estendê-lo aos outros, sem prejuízo do impacto nem da exatidão do que aqui conto. No final do segundo dia, quando fui convencido da inutilidade de querer desviar, por menos que fosse, o caminho da nova rotina que se havia instalado em nossas vidas e praias e companheiros de veraneio, deixei-me ficar, no finalzinho da tarde, pouco após o jantar, algum tempo diante do mar, experimentando sensação dúbia, hesitando entre a aversão àquele amálgama de óleos bronzeadores, areia, suores, sais, águas e gorduras de camarões empanados e a sensação de dominar, pela primeira vez, um infinito apenas por ligeiro piscar de olhos. E ficava assim, ora deixando a vista ser não só inundada pelo vento, mas também agraciada de lado a outro pela quase insondável extensão interminável de água, ora cerrando com firmeza e aprumo cílios, pestanas e pálpebras num espasmo de ríctus obsessivo. E, com isso, claro!, eu passava de um estado de claridade

---

leitosa e difusa, quando olhos fechados, para uma luz rica de vários matizes de azuis e verdes, reduzindo-os à extensão da vista e à dimensão dos olhos, quando estes abertos. E, para alguém que também chegava talvez para ver idêntico espetáculo, não deixava de ser curioso aquele outro espetáculo, o do menino de seus dez, onze anos, abrindo muito e, depois, fechando fortemente os olhos, primeiro, como quem quer absorver todo um mundo e dar conta de um tamanho incomensurável que lhe vai à alma, depois, como quem pretende guardar em si todo esse infinito e, temendo perdê-lo pela precária limitação de seu corpo e espírito, teima em fechá-los como último recurso do desespero de saber-se tão pequeno e a aventura a que se atreve tão absurdamente grande! E a pessoa que chegava era justamente Alice, prima de mamãe e, por extensão, também prima minha, que chegava do alto de sua idade e de nossa distância — a primeira sendo-lhe atribuída pelo que outros disseram e dela me fizeram ver; a segunda, por mim próprio e, talvez, por essa capa de serenidade superior que, à medida que nos tornamos adultos, vamos fingindo e metendo aos poucos por sobre nossa pele, antes de vestirmo-nos para o diário das ocupações e dos afazeres —.

Mas a distância entre mim e Alice diminuiu gradativamente, no mesmo ritmo, pareceu-me, com que a tarde tornou-se noite; começou, aliás, diminuindo devagar, como fosse possível ir juntando lacunas e ausências que, aos poucos, esburacassem e enfraquecessem a diferença dos anos e a separação dos quilômetros, como fosse possível que pudéssemos ir acumulando perdas e tirar disso algum proveito de monta. E, nessa primeira noite dessa nossa proximidade — que era, na verdade, segunda noite da temporada de veraneio, mas essa cronologia já deixava de interessar, pois que um outro tempo começava a ser plantado e, dali a bem pouco, poderia ser segado e colhido para proveito de poucos e únicos —, então, como dizia, nessa segunda noite que passa a ser, de ora em diante, a primeira noite, para valer, Alice chegou-se, de início, não sei se a mim ou à paisagem, mas chegou-se, como quem vem tirando, aos poucos, o intervalo entre ela e o mar, como quem vem embaçando a diferença entre um menino de dez, onze anos e uma mulher de trinta, trinta e um anos, como quem vem semeando espanto e pudor onde antes não havia mais do que frustração e melancolia e, ainda, alguma revolta. Para ser sincero, nem sei exatamente que palavras trocamos e, se faço algum esforço para retramar frases e interjeições, há o leitor de conceder-me algum desconto e não debitar essa duplicata na conta

---

da verossimilhança. Alice, então, disse ou creio que chegou a dizer mais ou menos: Que faz um menino assim sozinho, tão pequeno enfrentando frio e mar tão bravos? Num tom que ainda parecia contaminado daquela comiseração fácil que têm os adultos pelas crianças acometidas por algum gênero de tragédia e que só me dava ocasião e motivo de retorquir que: Eu já nem sou mais tão pequeno assim. Encerrando as poucas palavras com algum tartamudeio incompreensível acrescido de muxoxos que nem a abalaram, nem a afastaram, nem a aborreceram, como seria previsível, como era esperado por mim, já que ela apenas interrompeu a linha de confronto que eu armava apelando para esse golpe fatal que todas as mulheres, em todos os tempos, desferem aos homens, aproveitando-se de seu natural pendor para orgulho e pavonice, dizendo: Posso me sentar aqui, ao lado, e ajudá-lo a olhar a paisagem? E eu me punha a pensar se já não era suficientemente estranho aquela prima até então distante aproximar-se de mim e, além disso, dar-se ainda foros e direitos de querer compartilhar paisagens e pensamentos e planos, mas, se pensei, não disse, ou talvez até tenha dito apenas algo como: É claro que sim! Quase que emudecido e impressionado pela atenção quase tácita que vinha dela pois que não passava apenas pelas palavras, mas por toda a atmosfera que ela carregava em torno de si aonde ia e

---

que, tempos depois, percebi ser como a atmosfera gasosa que os cometas sempre carregam, mas que se permitem mostrar apenas em ocasiões especiais, na proximidade do Sol, e aconteceu de eu, sem saber disso, poder talvez, naquele momento, sentir-me um pouco como um diminuto sol saindo de bilhões de anos de escuridão e despertado pela pequena luz teimosa daquele cometa.

Mas, para ser sempre sincero e preciso, devo insistir que nem sei bem o que falamos ou observamos naquela primeira noite, só consigo me lembrar do ter estado com ela, Alice, diante de mar e paisagem, por própria escolha e propósito, sem outros inconvenientes que não o de pôr-me a olhar e a ouvir muito mais do que me seria dado olhar e ouvir apenas por mar e paisagem, absorvendo, pela primeira vez em semanas, uma atenção que não vinha carregada de duplo sentido e dubiedade, de pena e pressa, de consolo e pudor, tudo isso apenas acentuando o desgosto com que enfrentava padeceres e corvéias durante o dia, cada vez mais amolado com areias, calores, gritarias e comilanças, querendo pôr termo rápido à obrigação de juntar-me a primos e primas em brincadeiras que não me entusiasmavam, querendo substituir toda aquela multidão infrene por uma só pessoa, toda aquele vozerio por uma única

---

fala, toda aquela luz pelo aconchego da noite embalada pelo acorde unísono que faziam nossos quatro pés, arrastando-se barulhentos, juntados ao insistente bater de ondas à praia. Aliás, havia alguma coisa em comum entre esse esforço obsessivo e — agora eu já conseguia ver — comoventemente inútil da água do mar e as astúcias e estratégias com que eu enfrentava a vida, naquele momento — e, posso agora dizer, desde aquele momento até os dias de hoje —, pois que, como dizia, ambos, mar e eu, afrontávamos nossos destinos às marteladas, apenas pela sutil diferença de que um batia à frente e o outro, para trás; um dava pancadas cegas para diante, o outro desferia golpes bem visados, mas às costas. Enquanto uma, a água, dava-se totalmente à tarefa de abrir caminhos e arrastar areias, lançando-se sem cessar à frente, forçando esses encontros de violência barulhenta, eu fazia justo o contrário, afastava-me, em repelões, evitando encontrar diante de mim lembranças e cenas e questões e comentários e gentes que, mesmo de leve, me levassem a reconstituir a memória de coisas e pessoas que ainda pesavam em demasia em tudo o que me ia à alma. E, se um, o mar, provocava ruídos e, por vezes, barulhos e estouros terríveis que todos escutavam, eu produzia apenas uma algaravia insistente e monocórdica que, de tão dentro de mim, apenas eu podia ouvir. Não era tarefa fácil, ainda mais para

---

a idade que tinha à época! E posso dizer que, se cheguei a esta idade madura com algum equilíbrio e um pouco de competência verborrágica, devo-o, sem dúvida àquela rara conjunção entre um menino de seus dez, onze anos, perdido entre vários eus e muitos outros que afluíam e assolavam sua existência, e uma mulher de seus trinta, trinta e um anos, que, tendo recentemente perdido um marido tão jovem quanto ela, também encontrou algum prazer e alívio em caminhadas à praia e em construir silêncios por sobre o derramado discurso de um mar insistente batendo teclas como um bêbado obsessivo que só sabe mesmo percutir as mesmas notas de um velho piano desafinado.

Aliás, pelos últimos dias desse período de veraneio, quando já deveria estar sentindo antecipado alívio pelo retorno antegozado e tão esperado, não sei por que arrumação das coisas e dos seres, deram-me descanso e aparente licença para espriar-me em horários imprevistos, funções inéditas, locais inauditos. Mas o que eu queria, apenas, era trazer para a claridade do dia aquela pequena ponta de bem-estar que podia surpreender à noite, mal caído o Sol, feito fosse um resto de sono que ainda vigorasse em altas horas e temperasse a vigília e as devidas funções do diário com

---

imprevistas modorra e sonolência. E o que trazia e trouxe da noite para a claridade fresca da manhã e para a luz insurgente da tarde era justamente a presença de Alice, sua imagem recortada contra o horizonte, em algum ponto menos freqüentado da praia — onde, de fato e com efeito, ninguém nem mesmo pensava em ficar, pois que era mais um trecho como os outros, monotonamente disposto em arranjos repetitivos de água, areia e alguma relva, sem mais atrativos que outras partes do balneário que ainda tinham a pretensa vantagem adicional de serem freqüentadas por gentes e animadas por barulho e certa confusão —, então, como dizia, o que desejava conservar da noite era aquela figura de mulher que, nessa e nesta história ia bem além de figuração, pois que sabia falar pouco e exato, emprestando a cada palavra um sopro sutil que era como uma tentativa constante de entender o arrevesado enredo que punha e tirava gentes da vida, montando — ela, a vida! — toda uma pantomima para nos fazer crer ser isso coisa totalmente antinatural ou inaceitável, pois que, se as pessoas nos foram dadas, não haveria motivo nem lógica para tirá-las de nosso percurso e tempo e se era para não as termos mais, o que valeu tê-las dado a nós?, quando o mais freqüente é justamente que nos sejam tirados entes e haveres, que o mais terrível dessa e desta história é o ser-nos sempre oferecido algo

---

para, depois, ser tirado sem explicação de monta, comiseração evidente, ou explicação convincente mesmo se mentirosa. E, tirante noves fora, nada ou tudo, por longas horas, eu ficava vendo, algumas vezes de longe, imperceptível, outras bem de perto, indisfarçável, aquela figura de Alice estudando e recompondo os gestos com que tencionava habitar novamente mundo e vida, ensaiando eu já os primeiros passos desastrados — àquela oportunidade e, depois, em cada momento em que se apresentava ocasião de enfrentar silêncios ou poucas palavras de mulheres —, então, como dizia, ensaiando eu já os primeiros passos nessa arte de aproximar-me sem vestígios, abordar sem insinuações, deixar-me ficar sem motivos, afastar-me, enfim, como se indiferente. Ou como se, naquele momento, também não tivesse eu muito a aprender com esse exercício de Alice que punha todo seu ser no esforço de reordenar coisas e palavras e pessoas, após uma perda de parte de si própria!

E, durante esses poucos dias, por horas a fio, segui-a como sombra tácita, ouvi-a como quem carrega pedras no coração e traz penas nos pés, sonhei-a menor do que ela era e eu próprio muito maior do que jamais seria; pela manhã, punha excessiva ênfase nos olhares e, sem reparar, manteiga demais

---

no pão; à tarde, escorregava atrás de seus passos na areia, como quem se projeta por sobre caminhos e humores e risos alheios; à noite, mostrava-me incomodamente solícito, matreiramente ausente e surpreendentemente veloz, a ponto de chegar à praia antes mesmo que se tornasse manifesta sua intenção de instalar-se sobre o pequeno montinho de areia que já a acolhia, prestadio e pronto a dar repouso e colo às saudades e exasperações que ainda chagavam seus silêncios e olhares — pois mesmo os pequenos gestos do diário traíam essa ausência eloqüente, traduzida, então, em mau controle das mãos, sempre soltando objetos de somenos importância e valor, como xícaras, copos, panos-de-prato e fotos que deveriam ficar escondidas em carteiras ou gavetas recendendo à naftalina barata e jamais expostas à compaixão do vulgo —.

E o fato é que nem cheguei a sentir de verdade ou por muito tempo a sua ausência, quando partimos, eu, de um lado, ela, de outro — subindo ambos a mesma serra, mas por percursos opostos e sentidos divergentes, tão contrários que jamais tornaram a se cruzar, mesmo em ocasiões propícias a reencontros e reuniões familiares sempre transbordantes de extravasamentos ruidosos de mãos e

---

palavras e gestos se saudando enfáticos —, mas, como dizia, nem mesmo cheguei a sentir sua ausência e distância, ou, talvez houvesse sentido por algumas horas ou poucos largos instantes, pois que já me havia tornado experiente e calejado em perda e ausências e quejandos que-tais e cedi à inércia de sobrepor a sua perda uma outra, ainda recente e que ainda transbordava por sobre a imagem da Alice, como um insistente borrão que, vindo do passado, entorpecia e embaçava a minha fotografia de então, essa que anunciava e preparava o homem que eu já começava a deixar e a sentir despontar por debaixo de minha pele ainda não marcada por anos e fios de navalha.

E o fato é que aquele período recompôs, se não a calma e a alma que perdera em algum desvão, em certa refrega, em incerto lugar e indevida ocasião, ao menos a possibilidade de retomar passos e passeios, algum planos e uns poucos sonhos, que, amarfanhados, ainda teimavam em permanecer disponíveis para serem reconstruídos ao longo dos anos e no correr das águas e das tintas — que essa história que lhe conto, caríssimo leitor, ainda faz parte de tal exercício e jogo e seja talvez o arremate mais vistoso que posso imaginar para eles —. Mas o fato é que sempre estive voltando do veraneio e

---

dos encontros com Alice, como uma viagem que não acaba, ou que só termina num depois sempre adiado, como se insistisse na mesma jogada, a ver se, em ocasião seguinte ou futura, caem os números ou as casas corretas. E mesmo hoje, quando projeto e programo o passeio de amanhã, aproveitando esse friozinho de recente inverno, ainda me sinto tomando o caminho de subida ao planalto, compactuando com serras e morros na tarefa de distanciar mares e ondas e arrebentações de praias — e, às vezes, a sensação é tão real, que me parece ter os mesmos sintomas da pressão atmosférica aumentando de súbito e causando aquela surdez inofensiva e que tanto prazer causa nas primeiras vezes em que se a experimenta —, então, como explicava a você, ainda me sinto experimentando aquela expectativa de afrontar novas paisagens e pessoas, ao dobrar a próxima curva, ao transpor um morro e perder a visão do que ficou para trás, ao levantar-me, amanhã de manhã, e dispor-me ao exercício de encenar passeio casual, expressão casual de espanto moderado pelo encontro ou reencontro com alguma moça, bem mais jovem do que eu e, certamente, muito mais apta a esse gênero de expansões físicas e exercícios matinais.

Mas, então, nesse passeio — nova fuga do mar reencetada só que agora distante da água e bem depois do tempo justo em que isso ocorreu, antes, no passado —, assim, como estava dizendo, nesse novo passeio, em que recubro o percurso de antes com intenções e lacunas de hoje, em que recubro posições e posturas antigas apenas com o desejo de repetir idêntica ou aproximadamente idêntica encenação, em que ornamento solidões e inseguranças de ontem com fingimentos e rotinas de agora, não tenho mais companhia e apoio de algumas pessoas que me seriam de grande valia e apreço. Já não tenho mais, por exemplo, o Jamil a meu lado — e não posso deixar de evocar sua presença marcando meus descontroles e ebulições com golpes atordoantes de serenidade enfática e bem distribuída, generosamente, como quem dá algo mais do que seu próprio excesso de vida —, não tenho, então, um Jamil a meu lado e, se acaso e ocasião forem propícios e der na veneta do universo enfileirar causas e conseqüências de uma certa maneira, terei acertado os lances e poderei muito bem reencontrar essa moça bem diante de mim, ou até mesmo, melhor!, cruzando diretamente minha jornada e percurso, como um desses rodamosinhos que, súbito, desfazem a pasmaceira do calor e botam interesse e movimento na paisagem diária. Mas, acontece de estarmos já em pleno inverno, estação pouco apropriada a tais golpes e lufadas. E acontece

---

de eu estar, por exemplo, sem o Jamil e, se ocorrer de eu encontrá-la novamente, dessa vez não haverá, a meu lado, ninguém com quem ela possa trocar olhares e intenções e anunciar menções de gestos ainda no nascedouro mas já repletos de sentidos evidentes. Não haverá como desviar de mim seu olhar, e essa exposição de minha pessoa é ainda pior do que entregar minhas luzes e cores e segredos a um espelho exibindo ostensivamente o imprevisto e o incômodo de meu corpo deixando-se possuir por um artefato óptico que não faz mais do que enviesar ainda mais o acidente e o estorvo de ser eu essa ligeira e efêmera desconjunção de músculos e nervos e ossos. Mas, como já disse acima, no início, esse é apenas mais um embaraço a debitar na conta dos dias e dos trabalhos com que me instalei na existência. E, se cruzar com ela, poderei, talvez, reentabular conversas e comentários que mal havia insinuado na primeira e última vez em que trocamos algumas e poucas palavras, tentando colocar uma moldura de sentidos coerentes na cena e nos papéis que ambos representamos na ocasião. Mas, ainda assim, faltará a meu lado alguém assim como um Jamil que bote alguma ordem e um pouco de expectativa nos fatos e nas gentes, gestando algo mais do que esse cotidiano sem sal e cinzento a que nos acomodamos todos até que nos ceifem as ânsias, até que nos metam em macas ou camas de hospital, até que nos enfiem,

---

imagens, em gavetas trescalando a naftalina barata.

Então, creio que posso parar aqui e dar cabo das linhas e por concluídas as histórias todas, os parágrafos acima se arrastam nesse ritmo cansado de quem não vê como continuar e nem motivos de monta para insistir, que tudo ou quase tudo já foi dito e não seria por mais um ou menos um episódio que o desinteresse do leitor seria reabilitado. Na verdade, é meu próprio desinteresse que dá o tom e a alma do que aqui se conta e, se não tenho mais ânimo ou disposição de seguir, é por já ter tudo explanado, e, se você ainda não percebeu os meandros e as fatuidades deste livro, não será esticando minhas palavras e conservando a custo sua paciência que algo de maior mérito poderia surgir. E acontece que, nos pequenos desvãos que se intrometem em tudo que contei, em toda ranhura entre uma intenção e uma palavra, em cada episódio ou epigrama, sempre a mesma história se contava, se contou, se conta. E basta voltar as páginas e percuti-las novamente com olhar mais aprofundado ou paciência renovada, que verá sair das linhas sempre mesma e única coisa. E isso basta, claro, para dar fim a

---

qualquer veleidade minha de ter produzido romance de monta, livro de escol, narrativa de fina fatura, que o leitor perceberá que o levei a dar voltas e mais voltas sem arredar pé de meu quarto. E não se visita um mundo andando à roda da própria alcova! De todo modo, ao enterrar de vez e definitivamente qualquer eventual apreço que ainda poderia experimentar pela minha pessoa, o leitor terá, ao menos, a satisfação pessoal e garantida de sentir-se mais sagaz e apto a perceber deslizes e repetições, empréstimos rondando a plágio, tergiversações em quantidade, inutilidades várias, personagens inócuos, frases anódinas, reflexões beirando a bagatela. Certamente, vai-lhe sobrar o consolo de elevar-se por sobre destroços e despojos livrescos, o que é normal e comum no diário das gentes, empenhadas que estão sempre na constante tentativa de fazer pilhéria de desgraças de outrem, gracejar de incômodos alheios, tripudiar de tropeços não nossos. E ainda sobra espaço e ímpeto para ouvir sem envolver-se, ler sem empenhar-se, observar sem interferir. E isso talvez constitua a finalidade precípua de cada ser humano, que muito do que vivemos passa sempre ao largo das coisas que importam e das pessoas que contam. Estamos sempre na fímbria e à margem, como que presentindo e presenciando pequenas tragédias sem incomodarmos personagens e protagonistas outros envolvidos. E o digo sem

---

peso que caia na consciência ou pesar preso à alma, que não é nem mesmo certo que um último episódio possa dar ao já impaciente leitor derradeira oportunidade de findar este texto sem ter de pagar corvéia e estabelecer obrigação de retornar ao início de tudo. De minha parte, eu mesmo já não tenho mais como voltar ao início de tudo, pois isso significaria reviver diversos finais, muitos remates, quase incontáveis separações e afastamentos vários, que tudo isso se suporta mais ou menos com o beneplácito mediano do comum das gentes ou com o amparo oportuno de quem nos circunda e avaliza, mas, falta de um e de outro, o que sobra no fundo dessa panela onde se cozeu o ralo caldo de pedras chamado vida? Pouca coisa de monta, na verdade, e muito de desassossego, essas perrenguices e idiosincrasias que, desde o início destas linhas, obstinei-me em produzir às mancheias, às expensas do leitor, que pouco ou quase nada pôde fazer contra o caudaloso acúmulo de frases de esguelha, palavras de soslaio, imprecações tortuosas. E não é agora, quando se aproxima fim e cabo de tudo isso, sem ao menos ter-se produzido fato digno de nota ou evento merecedor de comemoração, algo assim como um final feliz e redentor, com matizes de cor-de-rosa ou uma chave enfim revelada de interpretação do que disse e insinuei e escondi, enfim, não é agora que mais um desses estratagemas baratos pode ter algum efeito ou ação sobre o

---

descaso com que o leitor certamente observa os últimos estertores dessa escassez de fôlego com que ainda alinhavo, malmente, umas sobras de histórias. Na verdade, falta-me certo senso de decisão, aquilo que, no mais das vezes, chama-se coragem, ou audácia, ou ousadia, ou destemor, ou bravura, ou intrepidez, ou arrojo, ou atrevimento, e os sinônimos aí são legião e não bastam para dar conta da falta deles todos ou de cada um deles, coisa que só pude presenciar em raras pessoas, que apenas um pouco das gentes sabia, soube e sabe manter com afinco essa temeridade irresponsável que — só ela — pode nos fazer divinos e infinitos diante da inconstância das coisas do mundo. Aliás, acho que apenas em muito raras oportunidades pude testemunhar tal gênero de qualidade e, assim, se não a exercitei com mais persevero, debito-o à conta — já repleta de deveres — da falta de exemplo propício a imitações. Na verdade, apenas em uma única ocasião, ou, melhor, em uma única pessoa, pude acompanhar de perto essa capacidade de arrostar fatos e gentes, como quem se compraz com a menor das coisas feito fosse ela a mais importante das obras divinas que algum deus teria inventado e posto a funcionar em universo adrede inventado para ela, desprezando ou esconjurando toda e qualquer outra coisa posta diante de si. E acontece de essa pessoa ser meu tio Alan, de quem muito já se falou e que, por isso, mal

---

não fará se mais um pouco ainda se falar, estendendo um bocadinho mais a agonia desses parágrafos que parecem arrancar fôlegos de onde nunca se suspeitaria mesmo dando mostras de que pretendem findar em algum momento.

Então, se é o que me resta, derradeira sobra e definitiva lambujem deste prato mal temperado e pior ainda engolido, vamos em frente e encaremos coisa e fato, gentes e fastios, opróbrico e afronta, uma última vez com aquela mesma desfaçatez que sempre vislumbrei no tio e que, depois de passadas algumas semanas dos vários diversos acontecimentos e calados os muitos comentários, ainda perseguia e, a custo, empreendia imitar, mas sempre com o resultado sofrível do canastrão que apenas macaqueia maquiagens e gestos do ator principal, sem ter como trazer junto a alma e o corpo do protagonista de onde nasceram. E, mais, faltava-me ainda aquela temeridade com que tio e coisas e acontecimentos se imbricavam, costuravam-se uns aos outros e lançavam-se à frente e contra o resto do universo, como quem vai à pescaria de mãos abanando e cabeça ao vento na firme certeza de encher bolsos, embornais e samburás não se sabe como e ninguém sabe por quê. Assim como ninguém sabe por que deu de nos

---

encontrarmos eu e Alice em uma certa praia e ser isso ocasião para entretermos desconsolos gêmeos e podermos eu e ela reencetarmos rumo diverso e aproarmos em portos outros; assim como não se poderá nunca explicar como foi que se pôde produzir tal conjunção de causas e efeitos de forma a resultar numa inusual conversa entre tio e mãe ser escutada e nunca entendida pelo sobrinho-filho postado a poucos passos e a muita ansiedade de um, de outro e, certamente, também dele próprio. Neste momento, o leitor deve já de estar com algum engulho pela tortuosidade destas linhas, que nunca arrematam histórias nem concedem tréguas e se amontoam sem mérito ou consideração ao conforto alheio, mas fique ele advertido que, se justaponho eiras a beiras, lérias a lábias, contos e pontos, não será por mero acaso ou falta de tino, mas esperando sempre ver surgir diante de mim algum sentido dessa poeira de coisas e fatos com que nos debatemos do nascedouro à morte, do intróito ao cabo dessa e desta história que escrevemos todos com arrepelos de consciência e repentinos de alguma inteligência, e, se sobreponho prima a mãe, algum efeito há que se tirar do inesperado da fatura e do surpreendente da aproximação. Pois não é que, de alguma maneira, tirados os anos e a distância, vistas as coisas e as pessoas tingidas agora pelo marrom das fotos e dos fatos, uma e outra, mãe e prima, deixam-se pintar por pátina

---

parecida, assim como, há coisa de trinta anos atrás, ficou em mim semelhante impressão de mudança de ares, uma parecida sensação de troca de interesses, algo como uma ligeira rotação de valores e de eixos do universo?!

E, nesse caso de minha mãe, a mudança foi sentida e vivida e distribuída com parcimônia a alguns poucos que pudessem percebê-la, ou que se dessem ao trabalho de perscrutar ares e ofícios, olhares e desvãos, assuntos e suspiros, sobretudo após a chegada de meu tio e, ainda, após alguma manhã de verão em que deu de o Sol nascer um pouco mais para lá ou um bocadinho mais para cá da linha que lhe era originalmente consignada pelas Parcas e atribuída pelo Fado. Mas pouca gente estava disponível ou disposta a tanto e, se, além de mim, de meu tio e dela própria, mais alguém intrometeu-se nessa trama, foi menos por premeditação e mais por esse acaso que parece colocar portas fechadas e portas abertas diante de nós todos, sempre como quem brinca de repartir acidentes e regalos sem se importar da sorte ou da desgraça alheias, que nesse pormenor não pode haver nem culpa, nem responsabilidade, por sermos todos nós sempre menores de idade e isentos de delito congênito ou inato

---

ou original. Mas aconteceu de ela mudar, mais rapidamente do que seria dado à média das pessoas ou ao costume das gentes, e, se, anos depois, agora, neste momento, dou de barato e digo ser evidente tal mudança de vida e reaprumo de corpo, se exponho como consumado esse evento de ela ter alterado mundos e fundos e proscênios, se posso dar como estabelecido e verificado o que foi e o que fomos, devo acrescentar, em nome da fidelidade aos fatos e do respeito às pessoas envolvidas, que, à época, ninguém pôde constatar alguma coisa ou empurrar dados e considerações e atitudes para dentro da camisa-de-força do evento já ocorrido e qualificado e propagandeado a largos ventos e em praça pública, pois que quase ninguém poderia ou pôde dizer que-quer-que-seja de nenhum outro, de nenhum de nós, a não ser que fosse por aquele propósito comezinho que é o de todos nós e de cada um de celebrar desgraças alheias a ver se nos tiram da ribalta e do foco das atenções.

Mas aconteceu de ela mudar e de impor tons e ares diferentes à maneira como lidava com a casa no diário, algo assim como súbita leveza interposta a cenhos franzidos, às cores puídas da roupa, ao cheiro de uso nos lençóis habituais, à poeira renitentemente caída e depositada por sobre os mesmos

---

móveis de sempre, feito assim inesperado ritmo atribuído à varrição do quintal, às conversas à mesa do café, ao assobio insistente da panela de pressão pondo a cozer feijões e cheiros desde as nove horas da manhã, às refregas que ainda e constantemente espoucavam aqui e ali como testemunhas dessa permanente instabilidade que é de sempre a nossa, humana e habitual. E talvez tenha sido justamente essa humana instabilidade a responsável por ter-se produzido tal seqüência de eventos e pessoas, dando ainda mais força e elã ao rodamoinho que alterava nomes e gentes e posições e posturas e atitudes, começado como ligeira brisa de cuja energia ninguém suspeitava ou previa o efeito devastador que revelaria na seqüência dos dias e dos fatos, bastando, para isso, dar tempo ao tempo e julgar com paciência as horas que ainda e sempre teimavam em avançar. É claro que eu posso dizer isso, agora, passados os anos e extintas as pessoas, mas, naquele momento, como qualquer outro, eu deveria de estar também indiferente ou ignorante à mudança, ao menos tal qual ela se produzia e se dava a ver, timidamente, como quem se amofina com a própria força e tenta a todo custo ocultar-se exatamente aos olhos de quem seria mais importante mostrar-se, e não conseguia ver naquela débil brisa o indício de algo muito maior.

---

E era inevitável que ocorresse, então, o que ocorreu, não aos poucos, como quem vai acostumando um mau sapato novo ao uso diário e corrente, ou como quem amola amorosamente uma faca de forma a que ela não perca fio e brilho muito rapidamente pelo uso continuado, era mesmo inevitável que isso que aconteceu fosse acompanhado de estrépito e algazarra, choro e ranger de dentes, tensão e torpor, não necessariamente nessa ordem, mas tudo mancomunado tendo em vista o fim comum de dar conta e paga de toda uma situação que, mesmo não tendo sido prescrita por Tirésias algum ou votada por todos os cônsules romanos, apresentou-se diante de todos nós não como um alarido que vai encorpando e ganhando espaço pouco a pouco, tomando conta de cômodos e ouvidos e vidas, mas como uma súbita explosão que eclodindo com grande desempenho e desembaraço tirasse todo o ar e comburente de seu próprio foco de maneira que ela fosse origem e término de si mesma. Algo assim como um início que já gestasse em si, enovelado e preso à origem, a semente de seu próprio fim, como se vê em várias dessas vidas que se desenrolam diante de nós, se é que não se trata da nossa própria e, nesse pormenor, omito-me de fazer comentários de maior monta, que isso não se coaduna com a

---

pressa do leitor e a purga do escritor.

Então, ocorreu um desses dias, talvez poucos dias após a pescaria já aqui cantada e louvada quase em altos versos e consideração, aconteceu, então, de uma tarde modorrenta e iluminada por um sol que se diria injuriante e exibicionista ser — ela, a tarde — acomodada a sono temporão e fora de propósito que me tomou após escola de manhã e almoço ao meio-dia, com o que esqueci traquinagens em prol de travesseiros e dei-me leito e acolhida num quarto que nem era o meu, mas o de meus pais, tornado escuro e ornamentado de aconchego pelo que suponho ter sido a atenção e a mesura de minha mãe ocupando-se de fechar portas às pessoas, trancar passagens ao barulho e cerrar janelas à luz do Sol. E lá deixei-me ficar e dormir, ou melhor, fui deixado por essa conjunção extraordinária que decide da sorte das pessoas e do destino dos animais, que distribui grandezas e mesquinhasias como se ao léu e faz das gentes e das pessoas testemunhas mudas e cúmplices tácitos de todo evento que se produziu desde a invenção da maçã e do fogo dos Céus. Ao acordar, ainda tomado pela modorra do dia e pela lerdice minha própria, engaiolado entre trevas e claridade, entre o escuro artificial do quarto quase

---

totalmente fechado à luz repleta da tarde e um certo brilho que escoava de uma certa porta aberta ou entreaberta, ainda meio entorpecido pelo salto imenso entre sonho e cotidiano, meio cegado pelo contraste entre um escuro, esse meu e do quarto, e uma brancura invasiva que saía daquela porta, conseguindo perceber e distinguir os móveis do quarto, isolados do dia pela escuridão, mas não podendo discernir com precisão as duas pessoas que conversavam à meia-voz, recortadas contra uma luminosidade que me era ainda incômoda, ao acordar, então, como dizia, fiz menção de falar aos dois que conversavam à porta, hesitando entrar totalmente no quarto, postados ambos na soleira, justo naquele espaço claro-escuro que já fez vida e fama de muito pintor, mas que, naquele momento e submetido àquela rara conjunção de acasos e obscuras relações de causa-e-efeito, iria produzir efeito diverso, se não contrário. Daí que falei a eles, falei a ambos, chamei a atenção para meu despertar e para minha pessoa, para minha presença que, de algum modo — eu pressentia —, já incomodava um e outro, falei a uma, à mãe, falei ao outro, o tio, chamei a ambos pelos nomes, ou melhor, pelos títulos familiares, que nunca nos foi permitido diferente tratamento além desse imposto pelo costume de se mostrar respeitoso e atento às hierarquias familiares. E acontece que acertei em uma, na presença da

---

mãe, e errei, miseravelmente, em outro, que o homem não era o tio, como sono recém-findo e contraste luminoso me fizeram crer, mas meu próprio pai, como seria normal e useiro e como deveria ter constatado, se houvesse concedido mais uns poucos segundos a minha destreza mental para reacomodar-se ela ao mundo e às percepções, vestindo-a desse véu que encobre e distorce as coisas, mas que nos provê de bom-senso. E é claro que ambos ouviram minha interpelação e não sei se não houve até alguma ligeira tentativa de minha mãe em pilheriar a respeito de minha má visão sonolenta, mas o que ficou na memória foi a reação de meu pai, amolado, aliás, bem mais do que amolado, quase que transtornado pela confusão feita pelo efeito da mera justaposição de uma porta entreaberta a um quarto na penumbra, acrescidos do sono ainda fustigando meus olhos. E, daí, nos dias que se seguiram, não houve mais do que um pequeno passo para que meu pai tomasse confusão por confissão e passasse a pôr nas coisas certos sentidos e a imputar às pessoas tramas e disposições de quem se move nas sombras, de quem avança incógnito, *larvatus prodeo*. De fato, indo, como dizia, de confusão a confissão, produziu-se nele certa idéia fixa que eu, neste momento, ainda a custo, tento remendar dos buracos da memória e resgatar do esquecimento forçado das gentes e das coisas, que, na seqüência dos fatos e na

---

reação das pessoas, tudo e todos vieram a conspirar para fazer sobre aqueles dias uma curva, uma dobra na folhinha do calendário, como se tal tempo e espaço tal fossem apagados da convivência humana e postos a purgar em algum ponto perdido do universo. E, se essa idéia fixa foi não verbalizada, ao menos de início, não deixava por menos e instalava-se insidiosamente na linha tracejada entre alguns olhos túrgidos, os de meu pai, e uma face daí em diante sempre abaixada em direção ao chão, a de minha mãe, e alguma ponta de sorriso gaiato mas assustado num outro rosto, o de meu tio.

É que entre suspeita e idéia fixa, o caminho percorrido, embora sempre longo e mais ainda encompridado por considerações de família e respeito às normas sociais e morais que marcam matrimônios e mancebias, esse caminho foi rapidamente trilhado por meu pai, pois que, já ao fim daquele dia de fatídico abrir de olhos fora de hora, pude suspeitar não ligeira tensão no ar, como uma teia que se instalava entre pessoas e, promitente de imprevistos desdobramentos, punha-se no ar da sala onde jantávamos, dançava entre quartos e cozinha, tomava ares na varanda da casa, chegava ao balcão do armazém, soava como música tácita e secreta em meus ouvidos, feito fosse eu o único capaz

---

de perceber seu alcance e extensão, o caminho de descida que ela indicava, prometendo mundos e fundos, para, no fim — eu tinha certeza — deixar-nos todos apenas com o fundo pois que o mundo teria sido, então, tragado inteiro e transtornado e transformado por alguma tragédia cujo prenúncio já acompanhava cada gesto brusco de um pai, cada furtar-se do olhar de uma mãe, cada expressão de incomodado espanto de um tio.

E foi só aos poucos, durante largo período de tempo, que pude ir recolhendo restos de alinhavo, traços de passos, sobras de obras e ecos de conversas que me deram uma pouca medida e algum entendimento do que se passou entre eles, que, no mais das vezes, o natural pendor das pessoas à dissimulação acumpliciava-se com o rebuliço dos dias, o que resultava em uma pantomima toda marcada e coreografada, mas sem alma e substância que fizessem vê-la como coisa séria pelo comum das gentes. E o que era sério não se agitava na superfície dos dias, mas agigantava-se entre as palavras, ocupava desvãos de gestos, punha odores estranhos e pudores misteriosos nas roupas, instalava-se e entronizava-se como quem já estivesse indo embora mas nunca saía em definitivo. Como dizia, então,

---

foi só aos poucos, e bem depois de desfecho e reviravoltas, que pude malmente recompor parte do que foi e pouco do que fomos, todos, naqueles dias de agitação feroz e sem finalidade aparente. Foi só bem depois que pude retomar olhares de mãe, esgares e olhares de pai, gestos bruscos e expressões contrafeitas e olhares desviados de tio, foi apenas aí, então, que consegui jogar alguma dose de sentido e extrair alguma compreensão de toda essa peça que se encenava à vera, em nossa casa, diante de nossos narizes, sem que nada ou ninguém movesse palha ou mundo para interromper a ordem facilmente lógica que levaria a tudo que levou. Mas, essa ordem, somente pude esboçá-la bem depois, quando já nada mais poderia ser alterado na composição das coisas, nas ações das pessoas, nos lances da sorte.

E se deu, então, de o pai tecer e deixar crescer suspeitas de toda ordem, daquelas miudinhas de quem averigua bolsas e bolsos na ausência dos donos, insinua coisas e atos a ver se caem em colo e intenção de alguém, até àquelas suspeitas maiores, sem peia ou remorso, remordidas entre insinuações e expelidas entre dentes e raivas de toda cor. Hoje me dou conta de que, na verdade, se tudo começou

---

por uma desconfiança sem razão ou motivo, veio, na seqüência, a buscar fatos suspeitos e atos comprobatórios, espalhando-se em toda direção e atingindo qualquer pessoa que se intrometesse naquela região do universo votada a transtornos e a transformações bruscas e violentas. E se deu, então, de ser eu a pessoa mais próxima deles três, sobretudo de dois deles, o que fez pai e suas dúvidas recaírem com mais atenção sobre mim. Suspeito até que o pai só não acabou admitindo e até apregoando que eu era filho ilegítimo, por eu já ter nascido antes que se dessem encontros e desencontros desses, mas posso jurar, hoje, que ele deve de ter chegado àquele ponto em que seria até mesmo capaz de inventar algum mecanismo paracronológico para justificar um possível adultério transtemporal, fazendo mãe e tio pularem de um instante a outro e, de cambulhada, fazendo de mim a materialização desse ectoplásmico contubérnio de que ele se sentia vítima passada e presente, e algo presente e futuro.

Mas, se não havia como eu carregar, de fato e completamente, a marca do ilegítimo, estava assinalado com o estigma do cúmplice, ao menos nesse jogo que meu pai havia inventado em cima de

---

esqueletos de idéias, restos de impressões, murmúrios de imagens, boa quantidade de desconfiança, tudo arquitetado e bem amarrado para consumo próprio e ignomínia das pessoas, envolvidas ou não, capazes ou não de compreender alcance e extensão de coisas ditas à meia-voz e de gestos interrompidos na iminência do movimento. É por isso que, naqueles dias e aos poucos, fui-me deixando ficar cada vez mais isolado, como se não tivesse ou não quisesse mais sair daquele quarto ou de qualquer outro quarto que fosse, tentando segurar pelas pontas e pelas beiradas uma sucessão de coisas e de instantes que teimava em seguir adiante, feito fosse apenas mero escárnio e derrisão desse meu esforço inútil. Era refugiado, então, nesse quarto, que eu tentava escapar aos olhares e expectativas das pessoas todas, umas tentando extrair de mim algumas respostas sem que perguntas fossem feitas; outras perscrutando com atenção e denodo a superfície de meu rosto e mãos e partes do corpo, todas, esperando encontrar alguma marca capaz de denunciar certezas já adquiridas antes ainda de virem a acontecer de fato; outras, por fim, apenas olhando com angustiosa dúvida de quem, por ocasião e vez primeira, percebia perder um jogo não só para si mas também e sobretudo para outras pessoas. E havia ainda as palavras, vindas de toda parte e lugar, mas com intenções e sentidos sempre recobertos por grossa

---

camada de alusões de toda sorte e espécie, como essa maquiagem exagerada que só faz salientar ainda mais os traços grosseiros do ator evidentemente colocado por trás dela.

E o que ainda pesa, talvez mais do que tudo, é a sensação de ter sido feito peça de uma engrenagem de que, mesmo agora, mal adivinho a consistência ou a lógica, mas, certamente peça importante ou fatídica, pois que todos as reações e frases de meu pai, daí em diante e até o dia em que recebi pelo correio pequena nota de falecimento comunicando-me da oportunidade de mostrar nojo por alguns dias, como se eu não houvesse sentido e entranhado outra coisa durante a vida toda inteira, como dizia, então, todas as reações de meu pai apontavam dedo e veredicto para mim, mesmo se nada fosse dito ou registrado em ata ou lavrado em cartório contra minha pessoa.

O pouco que sei, que ainda sei, de tudo isso pode ser, talvez, resumido a uma cena final, que, a esta altura, já o leitor deve de estar bem distante e feliz da sua vida dele, esgotada a paciência com que suportou linhas e linhas de um único e monótono discurso, o que me fez falar e fazer contas e contos

---

para mim mesmo e mais ninguém de monta ou interesse. Vamos, então, direto ao fato e ao fado, que já muito se desperdiçou de tinta e paciência sem que a mais ínfima ou diminuta mudança pudesse ser percebida nas atrações entre os corpos ou nos périplos regulares do cometa Rálei. Então, como dizia acima, naqueles dias, havia como que uma tensão que sobrenadava na atmosfera de nossa casa, alimentando fantasmas meus e fantasias alheias, parecendo explorar recônditos e revelar desvãos apenas pelo prazer de pôr paredes abaixo e pessoas a nu, ou, ao menos, é como hoje eu consigo entender parte de tudo o que foi e de tudo o que pensávamos ser. E isso que pensávamos ser, agora sei-o bem, não caberia jamais, jamais poderia ter sido resumido naquele momento em que, à moda desses palcos mambembes de circos itinerantes, encenando algo como *A Morte do Visconde* ou *As Agruras de Sinhá Moça* ou *A Vingança do Judeu*, mãe e pai discutiam e discutiram acaloradas horas e com acerbas palavras, sobretudo para um menino, eu, que tudo testemunhava incógnito e desapercibido, de novo e mais uma vez, tentando esconder-se de si e de outros e sempre sendo surpreendido pela obstinação dos eventos e das coisas e das pessoas insistindo em produzir encontrões em que ele era e é sempre a parte mais afetada e abalada. É que, mal ouvira passos e pressas no corredor chegando à porta do quarto de

---

meus pais, onde passei a me abrigar com freqüência e onde ninguém se lembraria de procurar-me, então, como dizia, mal ouvira duas pessoas se aproximarem e torceram tranca e abrirem porta, meti-me embaixo da cama segurando travesseiro e respiração, não necessariamente nessa ordem e não forçosamente nessa hierarquia. Eram, como disse e repito, para maior certeza de todos e também minha, mãe e pai, que preferiram trocar a evidência dos cômodos públicos, sempre habitados por mais gente e por maior curiosidade do que permitiria a decência e o pundonor familiares, pela reclusão de um quarto fechado, expondo exteriormente um recato de portas fechadas que era apenas bela embalagem encobrendo toda a aspereza que se pode imaginar existir na face da Terra desde a invenção dos protozoários. E o que discutiam, aliás, o que o pai levantava e atirava contra a mãe, que tudo recebia com vagas e confusas tergiversações, numa covardia quase silente que era tomada pelo outro como confissão tácita e admissão de toda culpa e falta de zelo, o que dizia o pai, então, era algo, para mim, àquele momento, muito confuso, mas que, hoje, posso entender ou, ao menos, posso dizer que entendo vagamente sob o rótulo de perfídia, aleivosia, contubérnio ilícito e toda uma malta de nomes e epítetos que nunca pude substituir por termo mais claro e direto, embora nunca tenham faltado

---

ocasiões minhas e insinuações alheias. Mas aconteceu também, e aí a porteira bateu com seu estrondo de sempre habitual, aí as rodas dos carros e das fortunas desviraram para rumos incertos e destinos não sabidos, aí porcas e pepinos torceram-se rabos e formas, aí as conjunções dos astros e das sortes selaram de vez a desconjunção de vidas e de pessoas, pois, como dizia, aconteceu de as palavras subirem a altura e frequências imprevistas, ou, melhor, perfeitamente previstas, pois que essas coisas, nunca se sabe como começam, mas é fácil a qualquer mágico de circo de cavalinhos que adivinhe onde vão parar, e palavras e gritos foram parar exatamente nos ouvidos de todos da casa, mas, e aí reside o interesse e o declive definitivo de toda essa história, foram parar também, o que era inevitável e até mesmo natural, foram parar também nos ouvidos de meu tio. Que entrou no quarto como nunca havia entrado em quarto algum, em toda a sua vida, ou em qualquer casa ou habitação que fosse, pelo menos é o que pude depreender depois, aos poucos, quando tive dias, semanas, meses e anos para ir remontando, pedaço a pedaço, uma pequena parte desse mosaico que, inadvertidamente, todos produzimos naqueles dias (e que produzimos sempre, não importa idades ou cidades ou ansiedades com que nos vestimos a cada manhã e em cada ocasião de forçada solenidade ou leve desvario). Mas aconteceu, então, de o tio

---

entrar e, a partir desse momento, estávamos todos reunidos num mesmo local, todos os quatro, sem que três deles soubessem disso e sem que isso lhes importasse de alguma maneira, mas desde aquele momento não pude deixar de pensar, e penso até hoje, que apenas a minha absconsa pessoa poderia ter saído dali e provocado alguma reviravolta na situação, seja pelo incômodo de se porem a discutir coisas sérias, de grandes pesos e aflições, diante de uma ainda criança, seja pelo imprevisto de se exporem a algum ridículo, seja por qualquer coisa que fosse que eu pudesse fazer ou dizer como, por exemplo, que havia muito de sono e de falta de jeito na confusão que fiz entre mãe e tio e mãe e pai. Mas eu não tive como não permanecer aterrado e preso ao chão, como que investigando de perto esse nível de vida em que nos metemos todos desde cedo, como que nos preparando para a inevitabilidade do que há de vir e acontecer com as pessoas todas, sem exceção de umazinha apenas. Mas eu nada disse, disso tudo que poderia ter dito ou exposto à lógica perturbada mas ainda presente de tio e mãe e pai, apenas acompanhando atos e fatos de ouvido e a prudente distância e anonimato, trocando sons de móveis sendo inesperadamente movidos, arrastares de pé e ofegos de vários tons, por alguma imagem ou frase que fizesse sentido em minha cabeça e que me desse a ver, por dentro, o que se passava no exterior de

---

mim e nas pessoas todas que se altercavam e se enfrentavam bem a meu lado. Mas eu nunca tive estômago ou pendor a casos de bravuras, bravatas e violências, seja deles participando ou sendo involuntária testemunha, e essa cena de pugilato ou quase pugilato entre tio e pai, intermediada pelo desespero tácito e quase impotente de minha mãe, nunca foi das minhas preferidas e, hoje, julgo até mesmo ver um certo ar de mau-gosto ou alguma falta de classe na maneira como as palavras deles dois subiram ainda mais de tom e se fizeram acompanhar de ameaças tão reles quanto previsíveis, perdendo, também o tio, um pouco daquela capacidade que tinha, até então, de fazer-me ver mundo e universos na ponta de uma qualquer ligeira interjeição bem colocada ao fim de um daqueles breves relatos com que coloria cômodos e casos de minha casa. Mas, àquele caso, especificamente àquele evento que nos reunia a todos em mesmo e único quarto, àquele caso, percebo hoje, faltavam as tinturas de tragédia mais extensa e refinada, com uma dignidade que escapasse aos arremates folhetinescos que teimamos todos em fiar com nossas histórias todas. E nem se pense em debitar esse final de novela barata de segunda categoria à conta de pretensa incapacidade minha de tecer história e entreter leitores, que nada pus aqui que não fosse passível de ganhar ares e foros de verdade absoluta, se

---

consultadas outras sensatas pessoas que porventura tenham acompanhado os fatos todos inteiros tal como se passaram ou como julgamos tenham se passado. E todos serão certamente unânimes em afirmar a exatidão dos desfechos todos que aqui narro: que tio e pai quase chegaram a trocar mãos e golpes, navalhas e revólveres, mas foram impedidos por alguma razão imprevista, algum último recurso que lhes deu, mais do que sensatez — que pode ser descrita aproximadamente como essa covardia que usualmente vestimos de prudência —, algum senso de ridículo, o que os levou a diminuir a envergadura da tragédia que todos os demais já começavam a anunciar em todas as direções e a todos os ventos, reduzindo-a, assim, então, a mero arremedo, a ensaio de uma grandiloquência abortada ainda antes do nascedouro, exatamente como certas vocações e várias promessas de grandes homens e altos feitos.

Na verdade, pude perceber muito tempo após, a montanha havia partejado um rato, ao menos segundo as expectativas e os medos das pessoas todas que acompanhavam, com graus variados de aflição e ansiedade toda aquela epopéia de fotonovela de segunda categoria, à exceção, talvez, minha

---

própria, que eu não conseguia prever bons augúrios e perspectivas animadoras para a seqüência de coisas e situações em que tentava encaixar todos os quatro que estávamos trancados a sete chaves e a vários palmos de terra sob o pretexto da discricão. Na verdade, toda solução que eu imaginava, ou que conseguia sopesar com alguma dificuldade pelo atrapalho das emoções candentes e dos bruscos gestos se dando à cena logo acima de mim, toda solução que eu podia apresentar, então, como dizia, não chegava a excluir alguma forma de funda frustração, pois que sempre esbarrava em uma impossibilidade lógica, em uma dada barreira de verossimilhança, em um certo pendor para o óbvio. E o óbvio era, como se viu na seqüência das horas e dos fatos, era mesmo o estouro daquele fino fio de relações que ligava as diferentes pessoas dentro do quarto de pai e mãe habitado ainda por tio e sobrinho e filho, que havia muito mais do que quatro pessoas lá dentro, se contarmos todos os projetos falhados, mas sempre aptos à ordem do dia, que fazemos incessantemente, como se produzindo várias pessoas a partir de uma só, nós mesmos, sem nenhuma chance de verem a luz do dia, mas sempre prontos para uma eventualidade que nunca acontece.

E o óbvio era que a alguém específico fosse indicado o caminho da partida, talvez, aí, então, já por sua livre e própria vontade, por espontânea decisão que tomasse independente de recurso aos fatos ou a explicações outras, que os livros religiosos nunca reconhecem essa verdade essencial à dignidade da espécie humana, que é o fato de ao menos um Adão qualquer, entre os vários milhares que devem de ter existido, ter decidido por sua própria conta e risco, ainda antes de ser intimado por espadas e fogos vários com que sempre se encenaram os tribunais a partir de então, ter pegado garupa em decisão de sua própria lavra e ter saído por seus próprios passos e cuidados de qualquer Paraíso que lhe fosse prometido ou acenado.

E o tio foi-se embora, então, assim como quem ainda hesita em largar para trás cacos e casos de pensamentos e projetos e, sobretudo, de cumplicidades várias, deixando-me, a mim, com aquele gosto amaro da testemunha muda a quem nem ao menos se dá o direito ou a ocasião de colocar palavras suas sobre os fatos e emprestar versões diversas ao que se conta e se costura feito história toda pronta para fazer efeito e ter sentido já definido e dito e assinalado de antemão. E ele se foi na manhã do dia

---

seguinte, inaugurando esse pendor de as coisas e os eventos matinais constituírem sempre, para mim, ocasião de fortes abalos e imprevistas ou, melhor, indesejadas mudanças. E, para mim, o que restava, senão colocar-me de pé ainda de manhãzinha, contrariando hábitos e costumes de crianças e, claro, minhas próprias, colocar-me de pé sem importar-me com o fato de que as demais pessoas já naturalmente acordadas àquela hora não demonstrassem se espantar com o despropósito de estar eu já desperto às cinco e meia da manhã?! O que mais podia eu fazer, senão acompanhar, entre ansioso e impotente, o arrumar de malas denunciado por abrires e fechares de portas de armários, por arrastares de cadeiras, por cheiros já conhecidos de roupas empoeiradas sendo abertas e sacudidas com algum vigor e decisão, por certos silêncios que emolduravam algum ruído de fatura mais evidente, como o das cerdas de escova de dentes arrastando-se certeiras, pela vez derradeira, sobre os dentes do tio, ou o do bochechar de águas frias cuspidas logo a seguir dentro da pia branca de louça barata, ou o do calçar-se ecoando rangentes apelos das botinas quase novas que sempre trazia aos pés?

E, na saída, ainda tentei uma última aproximação, com temor de ser repellido ou impedido, mas

---

nem uma coisa nem outra vieram, ao menos dessa vez, empanar a ordem das coisas e as vontades das gentes, que pai e mãe estavam prudentemente encastelados dentro daquele mesmo quarto de véspera e discussão, e as demais pessoas presentes fizeram-se surdas e desinteressadas de quaisquer gestos que fossem, e o tio, pela última vez, voltou a ser aquele mesmo que me havia feito ver e viver cores e imagens como nunca se havia podido perceber, desde a invenção das Parcas ou do rascunho da Teogonia. E, hoje, tudo que posso descrever ou contar carrega irremediavelmente as sensações de criança ainda mal saída de casa e acabrunhada pelo esforço de postar-se todo inteiro diante de adversidades e adversários de toda sorte, sentindo-me, ainda e sempre, ínfimo e pequeno diante do desconcerto das coisas do mundo e da precariedade das pessoas todas. E, naquele momento, eu podia até jurar que havia ficado ainda menor, pelo menos é o modo como sentia a minha importância diante de todo o terremoto que sacudia céus e árvores e fazia as geladeiras do armazém ligarem e desligarem sem parar, como se a eletricidade se houvesse mancomunado com algum juízo final, ou as galinhas no quintal se porem a botar ovos vermelhos a denunciar a dívida e a ênfase do sangue que ricocheteava assustadoramente entre peito e têmporas, ou os tachos de cobre cobrarem todo o esforço e lealdade de

---

anos a fio e comecem a queimar e amargar os doces todos sem remédio ou simpatia que resolvesse. E nada disso mudava a feição e a labuta dos fatos, que tudo se acomodava a um mundo novo adrede inventado e posto em pé em questão de minutos e por força de uns poucos movimentos e gestos expressamente para dever de caber nova disposição de coisas e inédita conjuminância de pessoas. O tio se afastava lento, pelo menos é como eu o via, inexoravelmente, desenhado, então, pelos olhos de quem buscava na cena algo que já não estava ali, mas que estaria se ela fizesse a gentileza de esperar alguns anos e tivesse a bondade de ocorrer em outro lugar. E, nessa cena por mim desenhada, ele falava comigo algo que eu mesmo não precisava compreender, pois o corpo dele abaixado em minha direção, as mãos ternamente colocadas em meu ombro, tentando diminuir em meu corpo o tremor do mundo inteiro que fazia de mim seu arauto e porta-voz, o olhar fixo e cúmplice de quem diz adeus sem querer fazê-lo, de quem se afasta deixando marcas, imprimindo pegadas, esquecendo chaves, voltando o rosto, e o rosto todo inteiro querendo esconder mas sendo mais veemente do que todas as palavras que eu nem mesmo ouvia pois já escutava todo um discurso feito de pele e de sangue, o corpo dele já se havia deixado ficar, para sempre, como uma dessas imagens que se perdem de vista e se encerram em escrínios ou gavetas

---

tomando pó e impedindo vistas e mentes de se reapoderarem de emoções e de lembranças tão custosas, mas estando sempre à mão para alguma imprevista necessidade ou súbita saudade. E foi aí eu me perdi, irremediavelmente, acho, foi aí que o tio partiu e me levou sem que eu partisse junto, sem que me fosse dada a chance de escolher qualquer coisa que fosse, sem que eu pudesse, mais tarde, juntar cacos e fatos e falhas e deles todos tecer algum conjunto apreciável, por menos que fosse, capaz de enfrentar espelhos e olhares e encontros e esbarrões e separações definitivas e perdas provisórias e todo esse arsenal de que a vida se serve para nos esburacar constantemente e nos cumular de perdas e percalços.

É assim que, hoje, quando penso e planejo e prevejo passeio e estorvos possíveis para amanhã cedo, para mais uma caminhada matinal, aproveitando certa frialdade de recém-chegado inverno, então, nesse périplo sem glória e sem maiores perspectivas, em que reenceno fugas e partidas e encontros com a serenidade de quem sabe que se trata tão-somente de ficção a ser interrompida pelo

---

erguer-se mais alto e mais evidente do Sol, ou por algum acesso de dores e incômodos desses vários que se têm acumulado nos últimos tempos, assim, como dizia, nesse novo passeio, em que descubro o gosto do percurso de ontem nas lacunas e nos desvãos de hoje, em que suspeito o leve gosto de plenitude e o ligeiro gesto de onipotência do passado espelhado a contragosto e a contrapelo na fatuidade desse presente cada vez mais efêmero, descubro-me ausente de meu próprio caminho, tendo partido, viajado, descoberto outras gentes e terras, na companhia de um tio e escoltado por um amigo, sem que eu mesmo pudesse ter-me dado conta disso tudo, ocupado que estava com outra vida que não aquela que devo de ter vivido com eles, mas que me impuseram por malévolos sortilégio.

Se me deixassem, eu voltaria...